



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO

GETÚLIO BARROS DE MELO

**OFICINA DE MICROMETRAGEM FILOSÓFICA:
UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Palmas/TO
2022

GETÚLIO BARROS DE MELO

**OFICINA DE MICROMETRAGEM FILOSÓFICA:
UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Como parte integrante do processo de obtenção do título de Mestre em Filosofia e submetida em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Leon Farhi Neto

Palmas/TO
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- M528o Melo, Getúlio Barros de Melo.
Oficina de Micrometragem Filosófica: uma alternativa para o Ensino de Filosofia. / Getúlio Barros de Melo. – Palmas, TO, 2022.
194 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Filosofia, 2022.
Orientador: Leon Farhi Neto.
1. Ensino de Filosofia. 2. Cinema. 3. Itinerário Formativo. 4.
Novo documento curricular do Território do Tocantins. I. Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

GETÚLIO BARROS DE MELO**OFICINA DE MICROMETRAGEM FILOSÓFICA:
UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), núcleo da Universidade Federal do Tocantins, como quesito para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Data de aprovação: 14/06/2022

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 LEON FARHI NETO
Data: 15/08/2022 14:19:10-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Leon Farhi Neto (PROF-FILO/UFT)
Orientador e Presidente da Banca

Documento assinado digitalmente
 SERGIO RICARDO SOARES FARIAS SILVA
Data: 08/08/2022 10:49:20-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Soares Farias Silva (PPGCOM/UFT)
Examinador externo

Documento assinado digitalmente
 JUDIKAEL CASTELO BRANCO
Data: 12/08/2022 10:24:37-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Judikael Castelo Branco (PROF-FILO/UFT)
Examinador interno

PALMAS/TO
2022

*Agradeço a todos os professores do
Programa de Mestrado Profissional em
Filosofia – PROF-FILO, que
contribuíram para minha formação, em
especial ao meu orientador
Leon Farhi Neto.*

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é elaboração do quarto módulo do Itinerário Formativo da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), intitulado *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*, que será utilizado no cronograma de ensino para alunos do Ensino Médio do novo documento curricular do Estado do Tocantins – BNCC. O objeto de pesquisa é a elaboração de um método de produção cine-documentários como alternativa para o Ensino de Filosofia, a *Oficina de Micrometragem Filosófica*. A trilha de aprofundamento é composta por quatro módulos formativos, que têm como objetivo o protagonismo juvenil e o projeto de vida, ao ofertar atividades teóricas e práticas na área da CHSA, em conjunto com a área de Linguagem e suas tecnologias, desenvolvendo a autonomia, a criticidade, e o protagonismo por meio da oralidade e da comunicação, empregando tecnologias diversas na produção de conteúdos ligados às mídias. A *Oficina* utiliza o cine-documentário como recurso alternativo para o Ensino de Filosofia, ao elaborar uma prática ligada ao uso das tecnologias. Essa prática de ensino tem o propósito de colocar em imagens conhecimentos de História da Filosofia por meio da produção do cine-documentário pelos próprios alunos, numa perspectiva prática e teórica de ensino, na qual o aluno protagonista desenvolverá o aprofundamento dos seus conhecimentos da Filosofia e da CHSA, por meio da produção de micrometragens filosóficas documentais e com o uso dos *smartphones*.

Palavras-chaves: Cine-documentário. Didática. Ensino de filosofia. Metodologia.

Smartphones.

ABSTRACT

The objective of this research is the elaboration of the fourth module of the Training Itinerary of the Applied Human and Social Sciences Area (CHSA), entitled *An idea in the head and a camera in the hand*, which will be used in the teaching schedule for high school students of the new document curriculum of the State of Tocantins – BNCC. The research object is the elaboration of a film-documentary production method as an alternative for Philosophy Teaching, the Philosophical Microfilm Workshop. The deepening path is composed of four training modules, which aim at youth protagonism and the life project, by offering theoretical and practical activities in the area of CHSA, together with the area of Language and its technologies, developing autonomy, criticality, and protagonism through orality and communication, employing different technologies in the production of content related to the media. The Workshop uses the documentary film as an alternative resource for Philosophy Teaching, by elaborating a practice linked to the use of technologies. This teaching practice has the purpose of putting into images knowledge of the History of Philosophy through the production of the cine-documentary by the students themselves, in a practical and theoretical perspective of teaching, in which the protagonist student will develop the deepening of their knowledge of Philosophy and of CHSA, through the production of documentary philosophical micro-films and with the use of smartphones.

Key-words: Cine-documentary. Didactics. Philosophy teaching. Methodology. *Smartphones*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**Instituições:**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CHSA	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
IF	Itinerário Formativo
PROF-FILO	Programa de Mestrado Profissional em Filosofia
UFT	Universidade Federal do Tocantins
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

Siglas de termos de cinema:

Cine-doc	Cinema documentário
Cine-Filosofia	Cinema-Filosofia
Doc	Documentário
Filme-doc	Filme documentário
Micro-doc	Micrometragem documentário
Microfilme-doc	Micrometragem de filme documentário
Roteiro-doc	Roteiro de documentário

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO DA PRÁTICA EM SALA DE AULA	22
1.1 Cine-documentário em sala de aula	22
1.1.1 O Ensino de Filosofia com o cine-documentário	24
1.2 O Ensino de Filosofia em meio à tecnologia	28
1.3 Referencial teórico-didático para o Ensino de Filosofia	33
1.4 Metodologia do Ensino de Filosofia de Sílvio Gallo	34
1.4.1 A pedagogia do conceito de Sílvio Gallo e a <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	37
1.5 O cinema pensa, Julio Cabrera	39
1.5.1 Logopatia	39
1.5.2 Conceito-imagem	42
1.5.3 O Ensino de Filosofia e o cine-doc na perspectiva de Julio Cabrera	44
1.6 Proposta metodológica de Alessandro Reina	47
1.7 Prática educativa no Ensino de Filosofia	52
2 FILOSOFIA DO CINE-DOCUMENTÁRIO	54
2.1 Distinção de gêneros cinematográficos	54
2.1.1 A produção do cine-documentário	59
2.1.2 A produção da verdade	60
2.1.3 Relação do documentário com o jornalismo	61
2.2 Crítica à imagem cinematográfica	62
2.2.1 A popularização da imagem e a tecnologia	65
2.3 A imagem e o espetáculo de Guy Debord	67
2.3.1 O espetáculo e <i>A alegoria da caverna</i> de Platão	71
2.3.2 O Documentário <i>A sociedade do espetáculo</i>	75

3 OFICINA DE MICROMETRAGEM FILOSÓFICA 77

3.1 Cronograma de ensino da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	78
3.1.1 Primeiro passo para o desenvolvimento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	82
3.1.2 Plano de aula do primeiro momento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	83
3.1.3 Exemplo didático	84
3.1.4 Prática Educativa	84
3.1.5 Exercícios do primeiro momento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	86
3.1.6 Dicas de filmes-doc para serem utilizados nas oficinas do Itinerário Formativo	87
3.2 Segundo passo para o desenvolvimento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	89
3.2.1 Plano de ensino do segundo momento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	89
3.2.2 Cronograma dos conteúdos para elaboração das oficinas de roteiro	92
3.2.3 Atividades 1: Discussão-debate sobre o problema filosófico	92
3.2.4 Atividades 2: Orientações sobre o cinema documentário	93
3.2.5 Atividades 3: Desenvolvimento do roteiro filosófico do micro-doc	93
3.2.6 Atividades 4: Escrita do roteiro	94
3.2.7 Atividades 5: Roteiro para gravação	94
3.2.8 Atividades 6: Atividade de roteiro	96
3.3 Terceiro passo para o desenvolvimento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	97
3.3.1 Atividades 1: Orientações para produção dos micro-docs	97
3.4 Quarto passo para o desenvolvimento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i>	98
3.4.1 Atividades 1: Planos de montagem e edição dos micro-docs	98
3.4.2 Atividades 2: Exibição dos micro-docs dos alunos filósofos-cineastas em uma sessão cine-escola	100
3.4.3 Atividades 3: Ficha técnica dos micro-docs – atividade final	101
3.4.4 Micro-documentário <i>Fundição 360°</i>	101

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 104

REFERÊNCIAS **108****ANEXOS** **119**

Anexo 1 – Trilha de Aprofundamento da Área de Ciências Humanas e Sociais. “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”. 120

Anexo 2 – Planilha de aprendizagens essenciais da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1º ao 3º ano. 156

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é desenvolver uma metodologia para o Ensino de Filosofia diferente dos modos tradicionais de ensino, leitura e de interpretação de textos filosóficos em sala de aula. A proposta é romper, em parte, com esse modo de ensino tradicional, adequando-o à nova cultura tecnológica presente em todo âmbito social. Essa nova forma da cultura enquadra boa parte das expressões e ações das organizações não governamentais, dos movimentos da sociedade civil e da população em geral. O objetivo é fazer com que a disciplina de Filosofia venha ser mais aceita pelos estudantes e que essa proposta traga uma relação afetuosa entre os alunos e o conhecimento da Filosofia.

Essa pesquisa contribuiu na elaboração do novo Documento Curricular do Tocantins, de acordo com as diretrizes da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a proposta de uma Trilha de Aprofundamento da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA). Durante a pesquisa, desenvolveu-se um cronograma de ensino para o novo currículo das escolas do Estado do Tocantins para o Ensino Médio. Cada área de conhecimento compõe um Itinerário Formativo que tem como objetivo o aprofundamento dos conhecimentos. Os Itinerários Formativos são estratégias para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, ao possibilitar opções de escolha aos estudantes. Os Itinerários Formativos podem ser estruturados com foco em uma área do conhecimento, na formação técnica e profissional ou, também, na mobilização de competências e habilidades de diferentes áreas.

O Itinerário Formativo que compõe a proposta prática desta pesquisa é a Trilha de Aprofundamento da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), intitulada: *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*. Nossa colaboração limitou-se à concepção do quarto módulo estruturado na formação de uma oficina de cinema documentário. Nomeamos essa atividade de: *Oficina de Micrometragem Filosófica*. Ela tem como objetivo o aprofundamento dos conhecimentos das disciplinas que compõem as Áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA): Filosofia, Geografia, História e Sociologia.

O desenvolvimento da *Oficina* será conduzido com foco no conhecimento e na produção do cinema em diálogo com as disciplinas das áreas de Ciências Humanas. As aulas de Filosofia serão encaminhadas em dois momentos. No primeiro momento, os alunos conhecerão o universo do cinema documentário e os termos técnicos para o

desenvolvimento de uma prática cineclubista filosófica, com a exibição de filmes documentários clássicos, estabelecendo um diálogo entre os textos de Filosofia (crítica e problematização) e os filmes. Em um segundo momento, por meio de uma atividade prática, usa-se a criatividade do aluno protagonista para a produção de micro-documentários, filmes de curtíssima metragem (micrometragem), pensados e produzidos pelos alunos nas oficinas de produção, com o uso dos dispositivos de filmagem dos aparelhos celulares (*smartphones*).

Essa prática de ensino e a proposta metodológica têm o objetivo de desenvolver a autonomia, a criticidade, a imaginação criativa, em suma, o protagonismo do aluno, por meio da oralidade e da comunicação, adotando as diversas tecnologias na produção de conteúdos cinematográficos filosóficos. Desse modo, os alunos apoderam-se do uso dos seus próprios *smartphones* para a produção de micrometragens filosóficas. Esse recurso tecnológico é utilizado para impulsionar o interesse dos alunos pela Filosofia na companhia do universo do cinema, no ato da produção e reflexão sobre os filmes-doc, com a finalidade de ensinar e aprender Filosofia por meio do cine-documentário e da produção de micro-docs.

Experiências que motivaram a pesquisa

Em minhas primeiras experiências com o Ensino de Filosofia, durante o estágio da graduação realizado no Colégio Estadual Dom Alano Marie Du Noday, pude observar algo como a repetição do mesmo cenário de quando fui aluno de Ensino Médio da rede pública. Na ocasião, a disciplina de Filosofia constava no currículo escolar como disciplina obrigatória para conclusão do Ensino Médio, porém, a rigor, eu nunca tive uma única aula de Filosofia ao longo de todo o Ensino Médio.

Mais tarde, já como professor de Filosofia, pude fazer uma série de observações acerca da ineficiência do Ensino de Filosofia. Essa ineficiência, ao que me parece, está ligada a antigos fatores que permanecem atuantes nos dias de hoje, tais como: a negação da utilidade do Ensino de Filosofia, um preconceito estabelecido entre os alunos e profissionais da educação; a falta de valorização da Filosofia, como se a disciplina não tivesse importância para formação dos alunos; o pouco tempo dedicado à disciplina no currículo escolar; o descaso por parte do poder público e dos gestores da educação com a Filosofia, na defesa da sua manutenção no currículo escolar como uma disciplina indispensável para formação dos estudantes.

Outro problema que envolve o Ensino de Filosofia, presente em quase todo o Ensino Médio da rede pública, é a própria articulação dos gestores e diretores ao lidarem com a disciplina. Normalmente, os professores escolhem as disciplinas vistas como “principais”, aquelas que se enquadram melhor para cada um. O professor que não completa a sua carga horária obrigatória com essas disciplinas “principais” tem a opção de escolher as disciplinas ditas “não principais” como complemento da sua carga horária. É nessa categoria de disciplinas não principais que a Filosofia se enquadra. Por isso, a Filosofia é, em geral, considerada, por boa parte dos professores, apenas como disciplina para complemento de carga horária. Esse é um dos grandes problemas do Ensino da Filosofia na rede pública. Essas adversidades me motivaram a pesquisar por uma nova alternativa de ensino que pudesse complementar a forma tradicional de leituras e interpretações de textos filosóficos com o recurso do cine-doc. Essa prática tem o objetivo de buscar por uma nova realidade para o Ensino de Filosofia.

Questões históricas que contribuíram para o cenário atual

Após apontar as questões que envolvem as motivações desta pesquisa, parece-nos importante fazer um pequeno apontamento acerca de certos posicionamentos políticos, expressos na forma de diretivas educacionais, que, no curso da história do Ensino de Filosofia, influenciaram e contribuíram grandemente para a gênese e fixação dessas contrariedades. O problemático cenário atual provém claramente do embate político-ideológico, com posições que marcaram a trajetória do Ensino de Filosofia no Brasil. De maneira resumida, pode-se pontuar:

- A exclusão do Ensino de Filosofia no período do regime militar (1964) por um motivo técnico-curricular, um ensino tecnicista.
- Com o fim do regime militar, o Brasil vive em um contexto pós-ditadura de intensos embates político-ideológicos. Então, cria-se uma lei que regulamenta o novo modelo pedagógico de uma nova sociedade. Nesse período, sob o governo do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), houve o retorno do Ensino de Filosofia, mas de forma superficial, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), elaborada entre 1986 e 1996, a LDB de 1996, Lei nº 9.394/96, conforme o artigo 36, § 1º, inciso III que

pontua o, “domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”.

- Em 2008, surge, como resultante de novos embates políticos diante das propostas de reforma da educação, a redefinição/reelaboração da LDB. Nesse cenário, sob o governo do Partido dos Trabalhadores, foi sancionada pelo Presidente da República, a obrigatoriedade do Ensino de Filosofia na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 2008, na Lei nº. 11.684/2008, conforme o artigo 36, inciso IV, segundo o qual, “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio”.
- Em 2016, sob o governo do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), após o impeachment da Presidente eleita, há um novo retrocesso do Ensino de Filosofia com a Medida Provisória 743/2016, que virou lei, em 2016, com a nova reforma da educação. Nesse novo modelo pedagógico, a Filosofia perde o caráter de disciplina obrigatória nas escolas de Ensino Médio, posicionamento político que visa minimizar ainda mais o tempo dedicado à Filosofia no currículo escolar.

Como consequências desses contextos históricos e políticos, que determinam a presença e a relevância flutuantes do Ensino de Filosofia no currículo escolar do Ensino Médio no Brasil, observam-se diversos problemas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, tais como: a falta de professores formados em Filosofia em exercício em sala de aula, o pouco espaço de tempo que a Filosofia tem na grade curricular, o que gera uma certa desvalorização do seu ensino. Além disso, no atual momento, há uma disseminação de ideias contrárias ao Ensino de Filosofia. Esse caráter de desvalorização é o reflexo de todas as circunstâncias políticas que atingiram a presença da Filosofia no currículo escolar.

A obrigatoriedade do Ensino de Filosofia em 2008, sancionada pelo então presidente em exercício José Alencar, trouxe grandes expectativas para o campo da Filosofia dentro das escolas. Porém, diante da trajetória histórica da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a lei que regulamenta o ensino no país, desde a primeira definição em 1961 antes do regime militar, observam-se inúmeros impactos e retrocessos para o Ensino de Filosofia como componente obrigatório para formação dos estudantes.

A obrigatoriedade no ano de 2008 trouxe novas possibilidades de mudar os impactos sofridos ao longo da história, um avanço do Ensino de Filosofia que começou a se desenvolver em caráter de forma restrita, superficial e limitada na LDB de 1996, que tinha como pressuposto a formação ao exercício da cidadania, uma formação e habilidade que deveria ser dada a todas as disciplinas do currículo escolar. A formação para o exercício da cidadania é uma prática obrigatória a todo o ensino, e não somente à Filosofia e à Sociologia.

Com a então Medida Provisória 743/2016, que alterou o caráter de obrigatoriedade da Filosofia em todas as séries do Ensino Médio, reduziu-se ainda mais o pouco contato dos alunos com os textos de Filosofia. Observa-se que as questões políticas continuam afetando o Ensino de Filosofia de forma negativa, ao aprovar uma reforma de toda a estrutura curricular do Ensino Médio a partir de uma Medida Provisória, sem dar possibilidades de desenvolver um debate amplo com a comunidade. Em questões da Educação, não existe caminho adequado fora do debate público. Essa Medida Provisória, que já foi sancionada em forma de lei, foi aprovada sem um diálogo com os especialistas de cada área do conhecimento que seriam afetados, não respeitando a história nem a importância da Filosofia dentro das escolas. Enquanto isso, a Filosofia continua sendo marcada por uma história de luta e resistência à frente de mais um grande retrocesso.

Assim, parece que a presença da filosofia da “educação maior”, aquela prevista e determinada pelas políticas educacionais, nem sempre é uma presença desejável, que faça sentido e contribua para a vida cotidiana de nossos jovens. Devemos apostar e investir na presença de uma filosofia viva, produtiva e criativa, não um arremedo de almanaque, algo como “tudo o que você precisa saber sobre filosofia” ... Mas o exercício de uma filosofia viva, produtiva e criativa é um ato de “educação menor”; é um ato de militância do professor, que se coloca aquém e para além da “educação maior”. (GALLO, 2012, p. 28).

Todas essas questões que prejudicaram o Ensino de Filosofia dentro das escolas não afetam exclusivamente os alunos do Ensino Médio, que terão menos contato com os textos de Filosofia. Além dos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, existem inúmeros alunos de cursos de graduação em Filosofia pelo país, para os quais a expectativa de trabalho como professor específico de Filosofia tornou-se quase inexistente. Não há campo de atuação para os professores que desejam atuar somente em sua área de formação. Na manutenção da não-obrigatoriedade, não haverá mais campo de atuação para os alunos das licenciaturas em Filosofia. Assim, não se vislumbra uma

alteração positiva do cenário atual, mas a intensificação dos fatores que constituem a ineficácia do Ensino de Filosofia. Na maioria dos casos, o pouco espaço de tempo, reservado à Filosofia nas escolas, continuará a ser ocupado por professores com outras formações, que continuarão a escolher dar aulas de Filosofia apenas como complemento de carga horária. A tendência é que a situação já constatada atualmente se agrave. Em geral, professores mal preparados continuarão a ministrar aulas de Filosofia sem propiciar uma condição mínima de aprendizado dos textos da História da Filosofia. O processo de ensino e aprendizado de Filosofia fica fortemente prejudicado, os professores ensinam mal, os alunos aprendem mal e, em consequência disso, surge a negação generalizada do Ensino de Filosofia.

Esse destino do Ensino de Filosofia, marcado pelo descaso e a desvalorização, dos quais surgiram, dentro das escolas e universidades, a negação da necessidade de se ensinar e se aprender à Filosofia, se observa em todos os âmbitos educacionais, e continua sendo propagado pelo atual Presidente da República e seus sucessivos Ministros da Educação, transformando o Ensino de Filosofia, à frente das reformas da Educação, em um ensino tecnicista, propondo inclusive o fim de alguns dos cursos de graduação em Filosofia nas Universidades Federais.

Diante dessas questões que afetam a presença do Ensino de Filosofia na formação dos estudantes, conforme a proposta de Gallo de uma “educação menor”, pode-se pensar em um exercício de militância e resistência pelos profissionais do Ensino de Filosofia, na luta por uma disciplina de Filosofia viva e presente no ambiente escolar.

Faz parte dessa luta contra a negação da Filosofia e contra a ineficácia do seu ensino, entre outras coisas, buscar e estabelecer alternativas pedagógicas, novas metodologias e didáticas específicas do Ensino de Filosofia, que possibilitem a renovação dos processos de ensino e aprendizado, que representem propostas de trabalho que permitam uma maior interação entre professores e alunos, com o objetivo de mudar a realidade do processo pedagógico e a percepção negativa sobre a necessidade de ensinar e aprender Filosofia.

Valorização e desvalorização da Filosofia

O Ensino de Filosofia no Brasil, como vimos, é marcado pelas questões histórico-políticas de negação da sua relevância. Nesse aspecto, pode-se pensar em uma

“Filosofia como produto”¹ em meio ao atual momento educacional. Há muitos questionamentos por trás desse conceito, pode-se analisar a educação dentro de um contexto em que as escolas viraram grandes empresas e grandes negócios. Uma educação como mercadoria, que se insere em um mecanismo do consumo. Os objetivos da formação dos alunos estão, ou devem estar, inteiramente ligados à lógica capitalista. Uma formação que vise à constituição de uma mão de obra trabalhadora tecnicista e consumista. Aplicar uma educação que desenvolva o pensamento crítico e reflexivo não é vantajoso nesse cenário, essa é uma formação que não rende lucro (SAYÃO, 2008). Ou, ainda, segundo Gallo:

A presença da filosofia na escola não é um empreendimento tranquilo. Muitos são os obstáculos a serem superados para que essa presença seja possível; sobretudo porque, quando uma instituição opta por incluir filosofia em seu currículo ou quando uma política educacional dispõe sobre a inclusão da filosofia nos currículos escolares, isso se faz em nome de uma certa filosofia e em nome de certas intenções para com a filosofia. Dizendo de outra maneira, quando está na escola, a filosofia ali está para atender a determinados interesses, para cumprir uma necessidade “ideológica”. Como, por exemplo, no caso brasileiro contemporâneo, que explicita suas intenções na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Como já vimos, não é qualquer filosofia, portanto, que a lei determina que esteja presente nas escolas de ensino médio. (GALLO, 2012, p. 27).

Não é qualquer Filosofia que se encaixa nos moldes da educação atual. Ela nem sempre é desejável. Observa-se, profissionais da educação e governantes, que se posicionam de forma negativa em relação à presença da Filosofia nas escolas, seja por políticas públicas com propostas de retirar a Filosofia do currículo escolar e das universidades com discursos evasivos e sem nexos com a realidade, ou, até mesmo, uma negação distorcida sobre a formação filosófica, ao pensar que a Filosofia se posiciona de forma ideológica. O objetivo dessa negação seria um suposto mau que estaria sendo combatido. Posicionamento que enaltece a proliferação da ignorância, disseminada (*fake news*) pelo atual governo e suas medidas públicas.

Desse modo, diante do avanço tecnológico, presente no espaço escolar como ferramenta pedagógica, essa prática acaba sendo objeto de trabalho indispensável para

¹ O uso da expressão “Filosofia como produto” está ligado a uma “educação como produto”. Uma ideia de educação como prestadora de serviço, tanto no ensino público como no privado, em uma espécie de serviço a ser oferecido. Uma educação e formação ligada à lógica de mercado. Nessa perspectiva, o Ensino de Filosofia não se encaixa nesse perfil.

educação. Essas ferramentas se apoiam com força nos surgimentos das mídias sociais, ao desenvolver novas características de relação diante dos perfis midiáticos na presença de uma nova identidade e formação cultural das redes. Com o avanço desses novos mecanismos de comunicação e de relação humana, diante da discutida situação de negação e desvalorização da Filosofia, o Ensino de Filosofia não se encaixa em um perfil de ensino tecnicista. Por outro lado, no atual momento midiático, pode haver posicionamentos opostos ao da negação e desvalorização, fundados numa “popularização” da Filosofia pelas mídias sociais.²

A partir da posição de negação e desvalorização da Filosofia, ligada a essa nova lógica do consumo e da tecnologia que está inserida em todos os âmbitos social, no desenvolvimento de produtos tecnológicos, ao popularizar equipamentos que produzem conhecimento instantâneo de forma fragmentada, há uma valorização maior pelo produto tecnológico do que pelo próprio conhecimento que aquele produto pode oferecer³. Produto esse que produz informações e conhecimentos a todo momento, mediante imagens compartilhadas via internet de modo imediato. Cria-se uma nova cultura, uma “cultura da informação” publicada e compartilhada por todos. Nessa perspectiva, observam-se inúmeras plataformas de pesquisas simplificando o acesso ao conhecimento, um dos aspectos da popularização. Por outro lado, o aumento das novas ferramentas tecnológicas ligadas a todas as mídias sociais pode subverter o conhecimento de forma negativa, através das imagens e informações reduzidas e simplificadas.⁴

Somos testemunhas, colaboradores e vítimas de uma revolução cultural cujo âmbito apenas adivinhamos. Um dos sintomas dessa revolução é a emergência das imagens técnicas em nosso entorno. Fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e dos terminais de computador assumem um papel de portadores de informação outrora desempenhado por textos lineares. [...] (FLUSSER, 2008, p. 11).

O futuro do Ensino de Filosofia no currículo escolar é incerto e contraditório. Ao mesmo tempo em que observamos a desvalorização do Ensino de Filosofia no

² Ao falar de uma “popularização da Filosofia” à frente de um processo de negação e desvalorização da própria Filosofia, referimos ao avanço de páginas e canais de Filosofia nas mídias sociais que vêm surgindo com força no atual momento.

³ Conhecimento desenvolvido numa perspectiva da lógica capitalista, diante da falsa necessidade do consumo, valorizando mais o lançamento de um novo smartphone do que o de um livro, preferindo um conhecimento reduzido com fragmento de textos ao aprofundamento de leituras e pesquisas.

⁴ Uma posição negativa do processo de popularização são as criações dos pseudofilósofos como Olavo de Carvalho.

currículo escolar, surge no atual momento, como vimos, uma certa “popularização” da Filosofia pelos novos veículos de comunicação e novas mídias digitais. Uma popularização que poderia favorecer a permanência do Ensino de Filosofia no currículo escolar.

A partir dessas reflexões, observamos um problema que sempre existiu em todo o contexto histórico do Ensino de Filosofia, uma instabilidade no currículo escolar. O atual momento é o reflexo de todo esse “contexto histórico”, e podemos observar isso a partir de um preconceito já estabelecido em pessoas que nunca tiveram um contato prévio com a disciplina. Pessoas negando ou afirmando posicionamentos filosóficos e políticos, como marxismo, socialismo, capitalismo ou neoliberalismo, sem ter de fato a mínima consciência da definição desses conceitos. A “contradição” na realidade compõe-se, portanto, pela negação à permanência do Ensino de Filosofia nas escolas e universidades e, por outro lado, pela popularização da Filosofia nas mídias sociais.

Nessa nova cultura da informação e da desinformação, pode-se observar um processo de popularização da Filosofia nas mídias sociais. Com inúmeros canais no *YouTube* destinados exclusivamente para conteúdos filosóficos, páginas no *Facebook*, *Instagram* e *Blogs* que produzem conhecimentos ligados à Filosofia⁵. Além disso, observam-se também inúmeros textos e produções cinematográficas com base na Filosofia.

Diante do processo contraditório de desvalorização e popularização da Filosofia, todo esse contexto pode ser positivo para o Ensino de Filosofia, com a disseminação do conhecimento filosófico pelas redes, mesmo que fragmentado em alguns casos, o simples e introdutório contato com algum fragmento de textos filosófico já é extremamente importante. Uma outra posição diante dessa nova cultura, é a utilização

⁵ Mídias sociais que representam o processo de “popularização da Filosofia” no momento atual. *Blog*: <http://pensamentocinema.blogspot.com/> Páginas no *Facebook*: <https://www.facebook.com/filosofiaehumanidade/> - <https://www.facebook.com/anpof/> - <https://www.facebook.com/AFilosofiaModerna/> - <https://www.facebook.com/mestrado.prof.filo/> - <https://www.facebook.com/ExecutivaNacionaldeEstudantesdeFilosofia/> *Instagram*: @Anpof_Oficial @filosofia_e_literatura @filosofia_e_humanidade @professor_de_filosofia @filomoderna. Canal no *YouTube*: <https://www.youtube.com/user/suelymarafigueiredo>, Alisson Augusto. ANPOF Oficial. Caio Souto – conversações filosóficas. Camila Ezídio. Páginas X Pensamento. Rede Brasileira de Mulheres Filosofas. Tem Lógica?. USP-FFLCH. Mateus Salvadore. Philos PUC-Rio. Filosofia UFRB. Filosofia Unisinos. Foucault e os Modos de Vida Outros. NoZ Coletivo. Pensamento Alta Humanidade. Penso Logo Existo. Canal da Escola Paranaense de História e Filosofia da Ciência – UFPR. Revista Sképsis.

dessas novas ferramentas que estão inseridas nas vidas das pessoas como aliadas para o Ensino de Filosofia⁶.

Todo esse cenário pode ser um grande aliado para a formação filosófica dos alunos diante desse novo contexto educacional que estamos inseridos. Nessa perspectiva, os alunos entram em contato com a história da Filosofia com base nessa nova cultura fundada nas imagens, no uso das tecnologias, nas mídias sociais, nos documentários e em todas as ferramentas que representam a popularização da Filosofia.

Nesse contexto de popularização da Filosofia, dito por muitos como uma “Filosofia pop”, também cabe uma parcela dedicada à Filosofia do cinema. Há uma disseminação e multiplicação de *sites* sobre Filosofia e cinema, *podcasts*, livros que fazem considerações filosóficas sobre filmes, séries, documentários e outros produtos de imagem, mas que tratam da Filosofia. Podemos apontar, também, obras como: *Os Simpsons e a Filosofia* de Willian Irwin, Mark T. Conard e Aeon J. Skoble; *Matrix, bem-vindo ao deserto do real* de Willian Irwin; *Cine filô, as mais belas questões da Filosofia no cinema* de Ollivier Pourriol; e a saga *Game of Throne e a Filosofia* de Willian Irwin, entre outros inúmeros textos do campo da Filosofia do cinema que podem ser classificados como uma “Filosofia pop”, dentro desse contexto de uma popularização da Filosofia.

Estrutura da pesquisa

Diante dessas circunstâncias do cenário do Ensino da Filosofia no Brasil, na presença de uma negação de seu ensino, valorização e desvalorização, em meio a uma popularização da Filosofia, utilizamos o cinema documentário, presente nessa nova cultura popular, como uma possibilidade para o Ensino de Filosofia. A pesquisa se constitui na elaboração de uma prática educativa (Itinerário Formativo) para o novo documento curricular para os alunos do Ensino Médio das escolas do Tocantins.

Essa dissertação se divide em três capítulos. Cada capítulo tem a finalidade de refletir sobre a possibilidade de desenvolver uma prática educativa unida a uma oficina de cinema em diálogo com a Filosofia, em uma perspectiva teórica e prática. O exercício teórico está ligado à experiência filosófica que os alunos terão, ao entrar em contato com

⁶ Muitos alunos utilizam os vídeos do *YouTube* como fonte de pesquisa. A professora Suely Figueiredo, um exemplo entre tantos, utiliza o seu canal no *YouTube* como recurso auxiliar para o ensino em sala de aula no curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

a obra do cinema e o texto de Filosofia, ao modo de uma atitude coletivista-cineclubista, de diálogo e reflexão sobre os conceitos. Como exercício prático, os alunos produzirão micrometragens filosóficas, a partir de suas experiências de reflexão e problematização do universo das tecnologias.

No primeiro capítulo, desenvolvemos uma pesquisa em torno do uso do cine-doc nas aulas de Filosofia como recurso tecnológico e cinematográfico, e pesquisamos três autores que pensam sobre o cinema como enquanto base para novas possibilidades metodológicas para o Ensino de Filosofia. Sílvia Gallo, com os quatro momentos didáticos: Sensibilização, Investigação, Problematização e Conceituação. Julio Cabrera, com os dois conceitos filosóficos para pensar a experiência e o contato com as imagens do cinema, o conceito-imagem e a logopatia. E Alessandro Reina, que desenvolve uma reflexão em torno da prática da utilização dos filmes nas aulas de Filosofia.

No segundo capítulo, pesquisamos sobre o cine-documentário, como se constitui o modo, o estilo do cinema documentário e as características específicas dos documentários em seu modo de contar histórias. Pesquisamos o processo de produção, a relação ou produção da verdade e a possibilidade de relação com a Filosofia ao problematizarmos a imagem.

No terceiro capítulo, elaboramos um roteiro (planejamento) de ensino para a prática em sala de aula, com a elaboração de uma oficina de cinema documentário, nomeada de *Oficina de Micrometragem filosófica*. Esse plano de ensino da oficina está estruturado em dois momentos: um momento teórico em que os alunos conhecem, de maneira introdutória, parte da história do cinema documentário e obras fílmicas em correlação com os textos de Filosofia estudados; e um momento prático, que é exercício de produção, em que os alunos serão levados a produzir micrometragens filosóficas com o uso dos *smartphones*. Toda a oficina do Itinerário Formativo terá uma carga horária de 120 horas, os conteúdos da oficina estão divididos em quatro partes, nas quais os alunos filósofos-cineastas terão a experiência de conhecer e produzir:

1. 40 horas, Conhecendo o Cinema.
2. 30 horas, Oficina de Roteiro.
3. 30 horas, Oficina de Produção.
4. 20 horas, Produção da Micrometragem.

1. REFERENCIAL TEÓRICO DA PRÁTICA EM SALA DE AULA

1.1 Cine-documentário em sala de aula

Os problemas encontrados na prática em sala de aula, a presença de uma série de impasses e questões que configuram o problema central da pesquisa, a própria minha experiência como aluno e professor, todos esses fatos e situações me motivaram a pesquisar um novo modo e uma nova ótica de como ensinar Filosofia, por meio do cinema documentário. Desse modo, com o objetivo de contribuir positivamente para a realidade do Ensino de Filosofia, proponho utilizar o cine-documentário como recurso didático para o Ensino de Filosofia.

O uso dos filmes, do cinema, em sala de aula, é uma prática comum de forma ilustrativa e mediadora para o conhecimento. Nesse aspecto, a prática do uso do cinema na educação faz parte da história da cinematografia. Quando surgiram as primeiras produções cinematográficas, uma das ideias e percepções iniciais das produções fílmicas foi o uso do cinema para transmitir o conhecimento e permitir a reflexão.

O primeiro filme realmente com o caráter educativo foi produzido, talvez, por Oskar Messter para a Marinha alemã em 1897. Com caráter instrutivo foi filmado pelo Departamento de Agricultura americano o vôo dos irmãos Wright, realizado em 1908. Muitos pequenos filmes educativos foram sendo produzidos pelos primeiros cineastas, a ponto de, em 1910, George Kleine publicar em Paris o “Catalogue of Education Motion Pictures”, reunindo produções francesas, inglesas e americanas. (FERREIRA, CASTRO, 1975, pp. 91 e 92).

A proposta dessa pesquisa, no entanto, rompe com o uso dos filmes/cinema normalmente aplicado em sala de aula, uso meramente ilustrativo, na medida em que a proposta trata de uma prática educativa ligada à produção da oficina de micrometragem. Reportamo-nos ao texto de Alessandro Reina, *Cinema e Filosofia, Ensinar e Aprender Filosofia com os filmes*. Nesse texto, o professor Reina desenvolve uma proposta com o uso dos filmes no interior da sala de aula com uma visão oposta ao aspecto ilustrativo que normalmente é utilizado durante as aulas. Na esteira de Reina, as aulas de Filosofia que utilizam os filmes como recurso auxiliar devem enquadrar-se dentro de uma perspectiva de criatividade filosófica. Essa relação, de pôr os filmes no processo de mediação para o Ensino de Filosofia, está baseada nos conteúdos programados da história da Filosofia, problematizando as obras fílmicas e seus cineastas com base na Filosofia.

O filme não será utilizado apenas como artifício de mobilização e de ilustração de um problema. Será tratado como unidade conceitual capaz de forçar ou provocar o pensamento dos alunos em torno da criação de novos conceitos por meio da reflexão filosófica fílmica tal como um texto filosófico é capaz de fazer com o seu leitor. (REINA, 2016, pp. 98 e 99).

Nessa perspectiva, utilizamos o problema dessa pesquisa como motivação para o desenvolvimento de uma metodologia específica para o Ensino de Filosofia. Estabelecemos o uso do cine-doc, em sala de aula, como ferramenta metodológica cuja proposta consiste em ministrar as aulas de Filosofia na oficina de cinema do Itinerário Formativo, por meio da relação da Filosofia com os documentários, o que pode modificar e dinamizar um ensino que sofreu grandes restrições e inibições ao longo de sua história.

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma análise do uso de filmes-doc como fator de problematização no ato do Ensino de Filosofia, bem como estabelecer os procedimentos necessários para a produção, pelos alunos, de micrometragens documentais filosóficas como atividade de Filosofia.

A Filosofia do Cinema pode ser abordada de duas maneiras. Com uma abordagem filosófica (o desenvolvimento de uma reflexão teórica), com autores da tradição que pensaram o cinema para fazer uma crítica da imagem na vida social, por exemplo, Flusser (2008) ou Debord (1997), ou para refletir sobre a essência mesma do cinema, por exemplo, a partir da imagem-movimento e imagem-tempo de Deleuze (1983 e 1990). A segunda abordagem, didática, é uma reflexão acerca da utilização do cinema como recurso para o Ensino de Filosofia (desenvolvimento de uma atividade prática filosófica). Nessa perspectiva didática, que será a abordagem desta pesquisa, refletimos sobre o uso dos filmes documentários e a produção de micro-docs como processo de mediação para o conhecimento filosófico. Recursos que podem ser utilizados em processo teórico de aprendizagem dos textos de Filosofia, assim como, no exercício prático, na produção de micrometragens documentais desenvolvidas pelos alunos com o uso dos seus próprios *smartphones*.

No geral, a Filosofia do cinema consiste no ato de estabelecer relações entre o cinema e a tradição de pensamentos filosóficos. Independentemente de qual seja a relação, ou o diálogo entre as duas correntes do pensamento, o simples ato de relacioná-las, isso por si só já caracteriza uma Filosofia do cinema. Seja por análise de uma obra fílmica sobre um tal autor, pelas considerações filosóficas sobre um filme ou por alguma

proposta didática para o uso do cinema na educação. Todas essas relações e outros possíveis diálogos entre a Filosofia e o cinema, no geral, são pensamentos filosóficos que se enquadram no campo da Filosofia do cinema.

Quando se pensa em uma nova proposta, que tem como objetivo problematizar e pensar os filmes documentários de forma didática nas aulas de Filosofia, busca-se desenvolver uma alternativa de ensino diferente da tradicional, o ensino por meio de textos filosóficos clássicos, com exercícios de leitura, análise e interpretação de textos. Esse posicionamento, de uma proposta alternativa ao modo de ensino tradicional, baseada em uma nova relação entre o cine-doc e a Filosofia, pode motivar os alunos no processo de ensino-aprendizagem, ao desenvolver uma atividade teórica e prática, que facilite o diálogo entre o professor e os alunos. Desse modo, a transmissão, ou melhor, a produção de conhecimento de cunho filosófico pode ser muito mais bem-sucedida.

A proposta prática, em forma de oficina, se divide em dois momentos em sala de aula. No primeiro momento da oficina, fazemos uma introdução ao mundo do cinema e apresentamos o gênero filme-doc em um processo de mediação para o desenvolvimento de uma crítica e problematização dos filmes-doc em diálogo com textos clássicos da Filosofia. No segundo momento da oficina, trabalhamos de forma prática nas *Oficinas de Micrometragens Filosóficas*, com a criação de filmes documentários produzidos pelos alunos com o uso dos seus próprios *smartphones*. Esses micro-docs dos alunos filósofos-cineastas serão o resultado final, teórico-prático, das oficinas.

1.1.1 O Ensino de Filosofia com o cine-documentário

A prática de ensino com o cine-documentário, em sala de aula, permite a utilização desse recurso como meio de acesso ao conhecimento filosófico no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia. No atual momento, o acesso ao mundo do cinema está cada vez mais facilitado, tanto para assistir filmes, como para produzi-los. Para assistir a um filme indicado pelo professor, já não é preciso se deslocar até uma sala de cinema, pois ele pode estar disponível nas plataformas digitais. Para se produzir um filme, já não é preciso ser um grande produtor de cinema, com grandes recursos, pode-se produzir filmes a partir de aparelhos facilmente disponíveis, os *smartphones*⁷. O processo de

⁷ Existem inúmeros festivais de cinema para filmes produzidos com o uso de *smartphones*. A grande maioria com categorias estudantis. Exemplos: Festival estudantil de Palmas – TO “Você na tela”; Festival de cinema “Filmaê”, para filmes produzidos com celulares em Brasília – DF; Festival nacional de curta no

assistir e produzir filmes está cada vez mais simplificado e de fácil acesso. Também por isso, o cine-doc pode ser um grande aliado dos alunos e do professor para o conhecimento filosófico em sala de aula, tanto no processo da problematização das imagens fílmicas, quanto na produção de filmes⁸.

A proposta de utilização do cine-doc como recurso metodológico para o Ensino de Filosofia na oficina da Trilha de Aprofundamento dos conhecimentos do Itinerário Formativo consiste em dois momentos, um teórico e outro prático, que serão realizados a partir da perspectiva de Gallo, ao utilizar as aulas de Filosofia como uma “oficina de conceitos” (GALLO, 2012, p. 91), mas redefinida como *Oficina de Micrometragem Filosófica*. Um processo de ensino que pode quebrar a barreira que existe entre o aluno e o Ensino de Filosofia, mudando a perspectiva das aulas, ao sair do formato de aulas expositivas e ao utilizar uma ferramenta capaz de transformar o modo padrão de aulas, que os alunos tanto criticam como monótonas.

Nessa perspectiva, a aula de filosofia ganha sentidos muito interessantes ao ser tomada como uma “oficina de conceitos”. Se a metodologia de trabalho se dará utilizando as ferramentas do diálogo, do debate, da reflexão etc. é uma discussão posterior; o fundamental é que a aula garanta o contato dos jovens com o instrumento conceitual. Chegamos aqui à questão crucial: esse contato com o instrumento dos conceitos significa que cada aluno precisará, de fato, construir, criar conceitos? Ou, em outras palavras: cada aluno deverá ser um filósofo, nas aulas de filosofia? Penso que sim. (GALLO, 2012, p. 92).

Nessa visão, ao mudar a perspectiva das aulas de Filosofia, de estudos e leituras de textos filosóficos, além do primeiro momento teórico de conhecimento, análise, crítica e problematização do filme-doc com o texto de Filosofia, os alunos são levados a participar das aulas de Filosofia numa atividade prática de ensino. O que se espera dessa atividade prática é a participação ativa dos alunos, o que pode modificar completamente o ponto de vista da prática de ensino tradicional.

As ferramentas que os alunos e o professor utilizarão nas *Oficinas de Micrometragens Filosóficas* são os filmes documentários para a problematização do

celular em Taubaté – SP; “Celucine”, festival de micrometragens produzido pelos celulares em Niterói – RJ.

⁸ Nesta proposta metodológica, que visa um processo de produção de filmes com o uso dos *smartphones* dos alunos, deve ser levada em consideração a possibilidade de que algum aluno não tenha um dispositivo móvel ou acesso à internet. Porém, a proposta de produção dos filmes consiste em uma atividade de grupo, na qual, cada aluno ficará responsável por uma atividade específica de produção. O aluno que não tiver um *smartphone* poderá ficar responsável, por exemplo, pela escrita do roteiro ou pela pesquisa bibliográfica filosófica que os alunos terão que fazer.

filme-doc e a produção de micro-docs com o uso dos *smartphones*. Na exibição do doc, o objetivo é fazer com que os alunos sejam levados a problematizar o filme-doc exibido. Na produção, após o ato da problematização, o objetivo é a participação ativa dos estudantes (aluno protagonista) para o desenvolvimento de uma atividade de produção criativa. Desse modo, os alunos problematizam os conceitos-imagens encontrados nos filmes-doc, aqueles conceitos que os alunos se sentiram afetados de forma logopática (CABRERA, 2006), ao relacionar com as suas próprias experiências de vida. Nesse momento, trata-se de desenvolver a relação do conceito-imagem encontrado no documentário com a vida dos estudantes (suas interpretações), esse exercício é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem no ato da oficina. Todo esse processo de interação com o cine-documento, como recurso mediador para o ensino, possibilita que os alunos recriem conceitos filosóficos, a partir da atividade de produção.

Ao utilizar o filme-doc em sala de aula, é interessante destacar algumas questões que envolvem o uso dessa ferramenta nas aulas de Filosofia da oficina, tais como a utilização de um documentário que desenvolva um diálogo entre o texto de Filosofia e o filme-doc, com objetivo de fazer com que os alunos sejam levados a desenvolver um pensamento crítico e reflexivo diante do doc e do texto de Filosofia. Posteriormente a essa atividade, os alunos desenvolverão um processo de criação ou recriação de conceitos em uma outra perspectiva, produzindo imagens, a partir dos textos de Filosofia e das obras fílmicas documentais trabalhadas na oficina. Essa atividade visa fazer com que os alunos criem e recriem novos “conceitos fílmicos”. No ato de criação ou recriação de novos conceitos, em vez do aluno fazer essa atividade desenvolvendo um pensamento (exposição de um diálogo) ou escrevendo essas tais ideias, ele irá criar e recriar novos conceitos a partir da produção de imagens.

Desta forma, o uso do filme precisa transcender alguns elementos básicos que fizeram de seu uso uma prática viciada na escola. Para pensar correto o uso do filme na disciplina de filosofia, cabe ao docente uma reflexão sobre os verdadeiros objetivos quanto ao ensino e aprendizagem da filosofia para só posteriormente pensar o filme como um elemento capaz de problematizar conceitos por intermédio da imagem. (REINA, 2016, p. 107).

Desse modo, o objetivo é trabalhar os conceitos da história da Filosofia por meio do cinema documentário, como mediador do processo de ensino-aprendizagem, num processo de problematização e criação de micro-docs. No primeiro momento, os alunos são levados a ter uma experiência conceitual com discussões, críticas e debates

diante da problematização dos filmes-doc e do texto de Filosofia numa perspectiva cineclubista. O desenvolvimento dessa interação entre as obras com a opinião particular de cada aluno é extremamente importante para o processo de recriação de novos conceitos pensados pelos alunos. Cada aluno tem uma história, está inserido em uma determinada cultura. A opinião particular desse aluno fará com que ele reviva esse conceito a partir do seu próprio ponto de vista. Os alunos serão levados a produzir imagens a partir das discussões elaboradas na oficina, na relação entre Filosofia e documentário. O objetivo da aula é dar liberdade para que o aluno desenvolva a capacidade de pensar por si mesmo, criando e recriando novos conceitos em imagens.

Essa atividade prática de produção é extremamente importante porque ela colocará o aluno como protagonista da sua própria experiência de construção conceitual. Normalmente, as aulas de Filosofia não requerem um processo de atividades práticas, em que os alunos são levados a desenvolver uma atividade ligada à arte ou à cultura do cinema. Partimos de uma hipótese, a de que os alunos sensibilizados por algum instrumento de interação se sentem intimamente ligados com o objeto estudado. Isso faz com que os alunos tenham uma nova visão, uma nova perspectiva sobre a Filosofia, quebrando a velha e tradicional barreira que existe no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia.

Desse modo, os alunos desenvolverão atividades práticas nas *Oficinas de Micrometragens Filosóficas*, com a produção de micro-docs a partir do uso dos seus próprios *smartphones*. Com o desenvolvimento de atividades em grupo para produção dos seus próprios documentários, uma atividade que requer a criatividade do grupo e as experiências e vivências de cada aluno para produção dos micro-docs; os conceitos trabalhados, na oficina, ganharão vida. Desse modo, no desenvolvimento das atividades de grupo, os alunos trabalharão os conceitos da tradição, atribuindo-lhes uma nova definição, o movimento do conceito trabalhado e pensado a partir do cine-doc. “[...] tratamos então de deslocá-los para nosso contexto, recriando-os para que eles apresentem possíveis soluções.” (GALLO, 2012, p. 98).

Para que os alunos desenvolvam os seus próprios documentários, antes de dar início a essas atividades práticas nas *Oficinas de Micrometragens Filosóficas*, os alunos passarão pelas oficinas de produção dos microfilmes-docs, nessa oficina, os alunos serão introduzidos ao universo do cinema documentário (estilos e modos de produção documental), tomam contato prévio com algumas obras clássicas do cine-doc, compreendem o processo de criação do roteiro-doc, e se familiarizam com o modo de

produção de micro-docs a partir de aplicativos de montagem e edição de imagens disponíveis gratuitamente no *Play Store*⁹. Essas atividades são importantes para que os alunos compreendam como produzir e como conduzir o seu micro-doc filosófico. Nessa perspectiva, é interessante ressaltar que, até nesse momento, as aulas da oficina são de Filosofia.

Ao longo das aulas, os alunos compreenderão que o cinema é filosófico e é parte do pensamento da Filosofia. Que há autores da tradição filosófica que pensaram o cinema em diferentes modos, com posicionamentos de crítica ao cinema, com considerações filosóficas acerca dos filmes. Que é possível o uso da linguagem cinematográfica para expor pensamentos de caráter filosófico. Que há metodologias e didáticas para o Ensino de Filosofia com o uso dos filmes.

1.2 O Ensino de Filosofia em meio à tecnologia

O desenvolvimento de uma metodologia para o Ensino de Filosofia, a partir do cine-documentário, implica em uma prática de ensino que se constitui com a utilização dos meios tecnológicos em sala de aula¹⁰. O uso da tecnologia apresenta-se em uma perspectiva mediadora no processo de ensino-aprendizagem, diante de um método de ensino que se adapta à nova cultura midiático-tecnológica, e modifica os moldes de um ensino tradicional que ainda predomina em grande parte da educação. Pensar em novos meios de ensino, como as ferramentas tecnológicas e o uso do cine-documentário, podem trazer novas possibilidades didáticas, novos meios de ensino que servem como aliados

⁹ Existem inúmeros aplicativos de edição de filmes no *Play Store*, de forma gratuita e de fácil acesso, de diferentes níveis, dos mais simples aos mais avançados. Por exemplo, *PowerDirector*. O interessante desse aplicativo é a linha do tempo no processo de edição de forma bem completa, imitando um editor profissional. *YouCut* é um editor que salva os filmes sem marca d'água, com opções de rapidez e corte avançado das imagens do filme, entre outros recursos. *KineMaster* é um dos editores mais completos para edição de filmes de forma profissional para *smartphone*, com opções do básico ao avançado, um editor que não tem limitação de camadas. *FilmoraGO* é um editor completo com várias opções de adição de vinheta, texto, animação, entre outros. *Vlogit* é um editor que salva sem marca d'água, com a opção de salvar os filmes em alta resolução, HD. Para os alunos que tiverem dificuldades de trabalhar com esses editores de filmes, existem outros aplicativos mais simples, em que basta o aluno adicionar as imagens e fotografias feitas por eles, o editor, por exemplo o editor *Magisto*, já faz uma pré-edição de forma automática. Para o desenvolvimento das atividades nas oficinas, optamos por trabalhar com os apps: *Vlogit*, *FilmoraGo* e o *YouCut*.

¹⁰ Ao pontuar uma prática de ensino pautado nos meios tecnológicos pode-se pensar em inúmeras ferramentas ligadas à tecnologia. Porém, para o desenvolvimento dessa prática de ensino, os recursos tecnológicos utilizados são: *datashow* e *notebook* para projeção e exibição dos filmes-doc e os *smartphones* dos alunos para o processo de produção.

para o processo de ensino-aprendizagem, por meio de uma interação cultural do atual momento com a educação¹¹.

Existem inúmeras metodologias e didáticas para o ensino de qualquer área do conhecimento fundadas no uso das tecnologias. Ao longo da história, a partir dos avanços tecnológicos, observam-se inúmeros métodos que se desenvolvem a partir da relação com as ferramentas que representam esse avanço tecnológico, tais como: o uso de equipamentos tecnológicos que servem de apoio nas aulas práticas, equipamentos que facilitam o trabalho do professor em sala de aula, o uso dos *smartphones*, *tablets*, *e-book*, *notebooks*, *datashow*, câmeras fotográficas, entre outros, assim como, o acesso à internet e às mídias sociais que surgem a partir do acesso e uso dessas tecnologias como aliadas para a educação.

O uso de tecnologias no ensino não se reduz à aplicação de técnicas por meio de máquinas, ou o “apertar teclas” e digitar textos, embora possa limitar-se a isso, se não houver reflexão sobre a finalidade de se utilizar os recursos tecnológicos nas atividades de ensino. A tecnologia deve ser utilizada na escola para ampliar as opções de ação didática, com o objetivo de criar ambientes de ensino e aprendizagem que favoreçam a postura crítica, a curiosidade, a observação e análise, a troca de ideias, de forma que o aluno possa ter autonomia no seu processo de aprendizagem, buscando e ampliando conhecimentos. (PCN, 1998, p. 156).

Com base nas ferramentas tecnológicas para o Ensino de Filosofia, o acesso aos textos filosóficos com o uso tecnológico pode dar um novo sentido para o ensino. Em consequência de sua trajetória no currículo escolar, a busca por novos meios de ensino a partir do cine-doc modifica a concepção e percepção dos alunos de forma positiva.

A tecnologia é um instrumento capaz de aumentar a motivação dos alunos, se a sua utilização estiver inserida num ambiente de aprendizagem desafiador. Não é por si só um elemento motivador. Se a proposta de trabalho não for interessante, os alunos rapidamente perdem a motivação. (PCN, 1998, p. 157).

Baseada em uma cultura informacional, ao produzir e compartilhar imagens a todo momento a partir dos meios tecnológicos, a educação pode desenvolver uma nova

¹¹ Em face do atual momento de isolamento social em consequência da pandemia do coronavírus – Covid-19, a educação está se adaptando com mais força aos meios tecnológicos, plataformas de videoconferência e às mídias sociais como aliados indispensáveis. Por exemplo, o desenvolvimento de vídeos-aulas, serviço de comunicação por vídeo e de produções de atividades ligadas às redes sociais e plataformas de ensino ligado ao meio tecnológico, como, por exemplo, o *Google Meet*, *Google sala de aula*, *Zoom*, entre outros.

possibilidade de ensino com o objetivo de se adaptar a essa nova era educacional tecnológica. O que pode produzir novas habilidades, com uma nova linguagem que se integra à educação. Diante dessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam que:

Os meios eletrônicos de comunicação oferecem amplas possibilidades para ficarem restritos apenas à transmissão e memorização de informações. Permitem a interação com diferentes formas de representação simbólica – gráficos, textos, notas musicais, movimentos, ícones, imagens -, e podem ser importantes fontes de informação, da mesma forma que textos, livros, revistas, jornais da mídia impressa. Entrevistas, debates, documentários, filmes, novelas, músicas, noticiários, softwares, CD-ROM, BBS, e internet são apenas alguns exemplos de formatos diferentes de comunicação e informação possíveis utilizando-se esses meios. Na escola, podem ser usados para obter, comparar e analisar informações, de diferentes naturezas, sobre períodos da história, fenômenos naturais, acontecimentos mundiais, uso da linguagem oral e escrita etc., por meio de uma apropriação ativa da informação, que gera novos conhecimentos. (PCN, 1998, p. 141).

Essa nova educação necessariamente tem que se adaptar aos novos meios de informação e comunicação, realizada com o uso de ferramentas tecnológicas que estão presentes diariamente na vida das pessoas, como os *smartphones*. Esses instrumentos eletrônicos corroboram para o fortalecimento de um novo modo de ensinar e aprender Filosofia por meio da tecnologia. Essa nova prática requer redefinições no processo de ensino-aprendizagem, constituindo uma nova linguagem, novos comportamentos, novos modos de leitura, ao deixar de lado os textos físicos pelos digitais, ao valorizar as imagens como processo de mediação para essas tais informações, entre outros aspectos. Nessa visão, a educação como um todo precisa desenvolver novas metodologias-didáticas que venham a se adequar a essa nova realidade. Do mesmo modo, o Ensino de Filosofia não pode ficar preso aos moldes tradicionais de ensino, em que o professor é o detentor do conhecimento, apenas transmitindo as ideias dos autores trabalhados, impossibilitando com isso o “protagonismo” do aluno de forma efetiva no processo de ensino-aprendizagem dos textos filosóficos.

A definição do termo “protagonismo do aluno” tem em perspectiva um aluno conhecedor das ferramentas tecnológicas, ativo, presente e atuante nas atividades de sala de aula. Esse aluno protagonista do seu próprio saber tem a liberdade e a criatividade para interagir com as atividades em sala de aula, ao relacionar os meios tecnológicos e

mediáticos com o ensino, ao desenvolver uma linguagem comum entre o professor e o aluno, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Ao considerarmos o Ensino de Filosofia a partir dessa perspectiva, observa-se que uma grande parte das metodologias desenvolvidas especificamente para o Ensino de Filosofia é pautada numa concepção de ensino tradicionalista¹², com uma educação hierárquica de desigualdade na relação entre professor-aluno, uma prática de ensino que não possibilita o protagonismo dos alunos.

Diante dessa nova estrutura educacional, observa-se um novo modo de educação com a presença ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Nessa visão, os alunos trabalharão nas aulas de Filosofia de forma prática fundada num suporte tecnológico presente na mediação do conhecimento filosófico. O protagonismo dos alunos ocorre na sua presença de forma ativa no desempenho das suas atividades, uma prática que modifica totalmente os moldes tradicionais de ensino.

Na aula de filosofia, é mais que necessário romper com a visão tradicional de aula – já tão criticada, mas dificilmente abandonada –, de um espaço de transmissão de conhecimentos. Ela precisa ser um espaço no qual os alunos não sejam meros espectadores, mas sim ativos, produtores, criadores. [...] (GALLO, 2012, p. 93).

Ao usar o cine-documentário em sala de aula, com base nessa proposta prática, o objetivo é promover uma educação que desenvolva habilidades de um aluno atuante, participante e protagonista do seu próprio processo de aprendizagem. Os alunos são levados a produzir um material filosófico com um suporte tecnológico, ao criar uma narrativa, expressar um discurso, um modo de pensar, a partir de instrumentos de ensino ligados à tecnologia. Uma nova educação que se reinventa com os avanços tecnológicos presentes na sociedade. Desse modo, os alunos desenvolverão um produto-imagem, produção que é simultaneamente uma atividade filosófica. Provavelmente, se essa mesma atividade acontecesse nos moldes tradicionais, sem a presença do suporte tecnológico e do aluno ativo e presente nas produções das atividades, essa formação não possibilitaria a formação do protagonismo.

¹² Concepção pedagógica tradicional – um ensino pautado nos moldes antigos de uma educação tradicional, com características específicas na relação entre professor-aluno, em que há uma hierarquia do conhecimento, um certo autoritarismo do professor, em que o aluno recebe o conhecimento tendo como foco o acúmulo de conteúdo, a memorização de fórmulas, entre outros. Aspectos que não possibilitam o protagonismo do aluno.

Ao introduzir novas metodologias no Ensino de Filosofia, baseadas nas ferramentas e possibilidades tecnológicas como o cinema e as mídias sociais, essas atividades não eliminam aspectos importantes para o Ensino de Filosofia em sala de aula, tais como: a leitura dos textos de Filosofia, sejam eles físicos ou digitais; a presença do professor, mediador da produção do conhecimento filosófico com o suporte das ferramentas, representantes dessa nova era educacional tecnológica.

Nesse aspecto, essa proposta prática tem o objetivo de criar uma metodologia para o Ensino de Filosofia, com o uso de equipamentos tecnológicos para o processo de ensino-aprendizagem dos textos de Filosofia, e com a produção de conteúdos filosóficos com as criações das micrometragens-doc.

Nossa proposta prática se desenvolve nos moldes da metodologia de ensino de Gallo, das suas oficinas de conceitos, que propõem um ensino com o uso de ferramentas do universo dos alunos. Desse modo, a nossa proposta de oficina é trabalhar os textos clássicos da Filosofia numa perspectiva prática, com o suporte tecnológico para a produção de micrometragens filosóficas, uma atividade que possibilita o protagonismo dos alunos, por trabalhar com um dispositivo que a grande maioria dos alunos possuem.

É importante pontuar que nas *Oficinas de Micrometragens Filosóficas* os alunos terão um contato direto com os textos da tradição. As “oficinas” são uma prática que se desenvolve com base na história da Filosofia. O ato da leitura e problematização dos textos filosóficos são essenciais para o processo de criação e produção dos documentários produzidos pelos alunos. Esse contato prévio do aluno com os textos escritos é indispensável ao processo de criação.

Na perspectiva de Gallo, assim, os alunos só serão levados a criar novos conceitos com fundamento nos textos de Filosofia trabalhados nas oficinas. Desse modo, as exposições dos docs durante as oficinas estarão inteiramente interligadas à leitura dos textos da tradição. Quanto a isso, Reina nos indica:

É importante também destacar, que a exibição do filme deve estar em consonância com o trabalho dos conteúdos em sala de aula. Neste caso, deve-se em primeiro lugar colocar o aluno em contato com alguns dos textos da filosofia e conceitos. Dentro dessa perspectiva, a saber, a partir da utilização do filme pelo conteúdo, [...] (REINA, 2016, p. 141).

Nossa proposta prática se constitui com o suporte tecnológico. A tecnologia é utilizada como ferramenta auxiliar para o ensino-aprendizagem. Porém, pode-se pensar numa crítica à tecnologia. Hoje em dia, o uso de equipamentos tecnológicos é

indispensável no espaço escolar, nas atividades e métodos de ensino. No entanto, existem algumas posições polêmicas de escolas que proíbem a entrada de alunos no ambiente escolar com os *smartphones*. Um dos aspectos negativos é o uso excessivo e descontrolado dos dispositivos móveis em sala de aula, o que conduz à falta de atenção dos alunos e, a dificuldade para o processo de ensino-aprendizagem e para o trabalho do professor.

Sem desconsiderar esses aspectos negativos da tecnologia, mas indo além deles, nossa proposta prática toma esses dispositivos como aliados do ensino-aprendizagem do campo da Filosofia e de todas as Áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Todos os fatores negativos devem ser levados em consideração, porém, fazer uso das tecnologias no atual momento para a educação torna o ensino aliado do aluno protagonista da sua própria formação.

Para tanto, é preciso direcionar os aspectos de formação dos módulos do Itinerário Formativo com os seguintes temáticas:

1. A historiografia e a construção de uma identidade juvenil.
2. Juventudes e diversidades.
3. A juventude protagonista e o seu compromisso na construção cidadã de uma sociedade mais justa.
4. Juventude empreendedora na busca pela felicidade.

1.3 Referencial teórico-didático para o Ensino de Filosofia

Para pensar a prática pedagógica com o uso do cine-documentário nas aulas de Filosofia das oficinas, utilizo parte do referencial teórico de autores que pensam o cinema numa perspectiva filosófica-teórica e didático-pedagógica para o Ensino de Filosofia. Na realidade do Ensino de Filosofia no Brasil, a prática de utilização do recurso cinematográfico-audiovisual num processo de mediação do conhecimento é mais do que comum. Todo professor em algum momento da sua carreira de magistério já utilizou do recurso cinematográfico-audiovisual, com a exibição de algum filme em sala de aula. Quase todos os livros didáticos de Filosofia adotados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) têm referências às obras cinematográficas como apoio para os conteúdos programados da Filosofia. Porém, nossa proposta prática pedagógica, derivada de nossa pesquisa, utiliza o cinema documentário em sala de aula de maneira

diferenciada (oficina de cinema), diferente do habitual, permitindo-nos uma interação maior com os alunos.

O cine-doc – além de ser um gênero de cinema que, comparado à produção ficcional, em geral, apresenta uma facilidade maior para o processo de produção em sala de aula durante os exercícios práticos – é um gênero de cinema que, em tese, documenta histórias reais. Essa adequação à realidade se aproxima da nossa proposta pedagógica, segundo a qual os alunos documentarão, na produção de micrometragem documental, as suas redefinições dos conceitos filosóficos.

Os autores que utilizo no campo da Filosofia do cinema ligada à prática pedagógica da pesquisa, pensam no melhor modo de utilizar um filme nas aulas de Filosofia, desenvolvem análises filosóficas sobre as obras fílmicas e indicam uma proposta metodológica para o Ensino de Filosofia.

Para o desenvolvimento desta proposta pedagógica com o uso do cine-doc nas oficinas, iremos pesquisar três autores: Sílvio Gallo, Julio Cabrera e Alessandro Reina. Nessa perspectiva, o referencial teórico adotado para essa pesquisa se constitui por esses três possíveis caminhos:

(1) uma metodologia que pode ser utilizada em inúmeras possibilidades de Ensino de Filosofia (GALLO, 2012);

(2) um pensamento conceitual e filosófico do cinema, a partir de dois operadores epistemológicos baseados no cinema (CABRERA, 2006);

(3) e uma metodologia que pensa o uso do cinema nas aulas de Filosofia do ponto de vista didático-pedagógico, ao pontuar essa prática de ensino a partir das especificidades do Ensino de Filosofia no Brasil (REINA, 2016).

1.4 Metodologia do Ensino de Filosofia de Sílvio Gallo

O texto de Gallo, *Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o Ensino Médio*, de 2012, tem como objetivo contribuir com o exercício da prática do professor. Um texto que indica uma possibilidade para trabalhar o Ensino de Filosofia em sala de aula, em uma experiência de pensamento conceitual, ao trabalhar a criação de conceitos filosóficos. O seu método de “pedagogia do conceito” está articulado em quatro etapas didáticas: 1. Sensibilização, 2. Problematização, 3. Investigação, 4. Conceituação.

O objetivo de nossa pesquisa, ao fazer uma análise da metodologia de Gallo, não é o desenvolvimento ou adaptação dos quatro momentos didáticos propostos pelo

autor na prática das *Oficinas de Micrometragens Filosóficas*. O intuito da pesquisa é desenvolver um diálogo entre as propostas de metodologias sobre o Ensino de Filosofia e a nossa proposta. Porque essa pesquisa, por si só, já se constitui em um novo método, em uma nova didática baseada no uso do cine-documentário, visto que essa proposta prática se desenvolve com as suas próprias características. O objetivo desse diálogo entre a metodologia de Gallo e a nossa proposta didática com o apoio do cine-doc se constitui nas práticas e experiências que já foram vividas em sala de aula por outros autores e professores, assim como, a relação que podemos desenvolver a partir do método de Gallo.

No meio acadêmico, por vezes, critica-se o uso excessivo da proposta metodológica de Gallo para o Ensino de Filosofia, como um método que, por ter se tornado extremamente popular, obstrui nosso acesso a inúmeros outros pesquisadores, como se não houvesse outros autores relevantes ou outros métodos de Ensino de Filosofia para serem pesquisados. No entanto, gostaria de ressaltar um ponto positivo a ser considerado na proposta metodológica de Gallo, que é um autor brasileiro, já foi professor de escola pública e compreende a realidade do Ensino de Filosofia no Brasil. Assim, a sua proposta metodológica foi desenvolvida com base nessa realidade de ensino, diferente de outras propostas metodológicas de ensino elitista.

A nossa proposta pedagógica utiliza, mas não se limita ao método de Gallo. Desenvolvemos um diálogo com a proposta metodológica de Gallo, em que o objetivo é colocar o aluno em contato com a Filosofia. As partes do método de Gallo que dialogam com mais força com a nossa proposta são a primeira, a etapa da sensibilização, em que os alunos serão sensibilizados com os filmes-doc, e a quarta, a etapa da conceituação, em que os alunos criam e recriam novos conceitos, mas a partir da oficina de produção dos micro-docs, que reinventa a oficina de conceitos de Gallo.

A proposta prática de ensino de Sílvia Gallo pode tocar de modo positivo nos problemas e ineficiências do Ensino de Filosofia do currículo escolar através do seu método compreendido como “pedagogia do conceito” articulada em quatro etapas (2012, p. 95). Nessa perspectiva, a proposta metodológica de Gallo tem o objetivo de quebrar a barreira que existe entre o professor e o aluno diante do processo de ensino-aprendizagem da Filosofia. O autor teve a sensibilidade de captar essa lacuna que existe no processo do aluno entrar em contato direto com a história da Filosofia, ao pensar no modo de sensibilizar e chamar a atenção do aluno sobre o conteúdo. Esse ato da sensibilização remete-se à primeira etapa dos quatro momentos didáticos propostos por Gallo, em que os alunos utilizam inúmeros meios ou ferramentas para se sensibilizar, se impactar ou se

sentir afetado pelos textos de Filosofia. Na esteira dessa pesquisa, a partir das especificidades do cine-doc, os alunos podem se sentir impactados e sensibilizados pelas obras fílmicas no ato de assistir e produzir.

Penso que essa primeira etapa pode ser bem-sucedida com o recurso a peças artísticas: uma música, um poema, um quadro, um conto, um filme, ou mesmo um desenho animado, uma história em quadrinhos... Em suma, algo que chame atenção dos estudantes, sobretudo por falar sua própria linguagem, e desperte seu interesse por um determinado problema. (GALLO, 2012, p.96).

Além dessa primeira etapa de sensibilização, em que podemos utilizar alguma ferramenta metodológica, tal como o cine-documentário para sensibilizar os alunos através do processo de reflexão e crítica às narrativas fílmicas produzidas pelos documentaristas, o método de Gallo se desdobra em mais três etapas.

A segunda etapa é a da problematização, em que os alunos são levados a problematizar, a criar problemas e questões, isso estimula o sentido crítico sobre o tema sensibilizado. Nessa etapa, o da problematização, Gallo indica um exercício de criar e transformar o conceito em problemas, em diferentes perspectivas. Desse modo, os alunos serão afetados pelos problemas diante das inúmeras possibilidades, questões e possíveis resoluções, Gallo aponta que:

Podemos promover discussões em torno do tema em pauta, propondo situações em que ele possa ser visto por diferentes ângulos e problematizado em seus diversos aspectos. Nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitando seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, em relação às certezas prontas e às opiniões cristalizadas. (GALLO, 2012, p. 97).

Após o ato da problematização, em que os alunos são postos a problematizar o tema sensibilizado por vários aspectos e pontos de vista, em uma ocasião de trazer questões para serem pensadas. Em seguida, vem o momento de colocar os alunos a terem um contato direto com os textos da história da Filosofia com a terceira etapa da investigação. “Nessa etapa da investigação, revisitamos a história da Filosofia. Ela não é tomada como o centro do currículo, mas como recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas” (GALLO, 2012, p. 97).

A terceira etapa, a da investigação, na qual os alunos desenvolvem um *link* com os textos de Filosofia, é o momento de fazer relação entre o problema relatado com os autores da tradição. Esse é um dos momentos mais importantes dos quatro passos didáticos de Gallo, em que os alunos entrarão em contato direto com os textos da tradição. É a partir da relação com os textos filosóficos que os alunos criarão novos conceitos.

E, por fim, a última etapa da proposta metodológica de Gallo é o da conceituação, o momento de recriar ou até mesmo criar novos conceitos. Segundo Gallo, quando fazemos essa relação de um conceito da tradição filosófica com a nossa realidade, desenvolvendo esse diálogo junto ao movimento do próprio conceito, esse ato em si, esse ato de pôr em relação, produz novos conceitos. A redefinição de um conceito através do movimento para a atualidade é uma recriação de um novo conceito.

Trata-se de recriar os conceitos encontrados de modo que equacionem nosso problema, ou mesmo de criar novos conceitos. Aprendemos com Nietzsche e com Deleuze e Guattari que há parentescos entre os conceitos, e que mero deslocamento de um conceito do contexto em que ele foi criado para um outro contexto – o nosso próprio – é uma recriação do conceito, pois ele já não é mais o mesmo. (GALLO, 2012, pp. 97 e 98).

1.4.1 A pedagogia do conceito de Sílvio Gallo e a *Oficina de Micrometragem Filosófica*

Ao pensar na proposta metodológica de Gallo, ao relacioná-la com a *Oficina de Micrometragem Filosófica*, diante da criação ou recriação de novos conceitos, a nossa proposta prática, com o uso e a produção do cine-documentário em sala de aula, na *Oficina*, se desenvolve em uma perspectiva conceitual, que consiste no confronto dos conceitos da tradição filosófica com os conceitos encontrados nas obras fílmicas documentais (conceito-imagem). Na esteira de Gallo, diante do momento da criação e recriação de novos conceitos, os alunos são postos a desenvolver uma atividade de produção de micro-docs.

A todo momento e em qualquer lugar, as nossas relações com os outros são mediadas por imagens. Com o avanço e o desenvolvimento tecnológico, houve uma transformação cultural, que tomou o aspecto global de uma cultura predominantemente visual, carregada de imagens técnicas, fixas ou em movimento, expostas em todos os momentos e em todos os ambientes da sociedade.

Nesse aspecto, o ato da criação e recriação de novos conceitos está com o propósito de reorganização ou reestruturação dos conceitos dessa nova cultura visual para com os conceitos filosóficos, dando uma nova ressignificação aos conceitos por imagens.

Nossa proposta se alinha àquela didático-pedagógica de Gallo em dois momentos: ao pensar o ato da sensibilização dos alunos por meio dos cine-documentários; ao colocar em prática o ato da conceituação, o momento de criação e recriação de conceitos, sob a forma da produção dos micro-docs das *Oficinas de Micrometragens Filosóficas*.

Gallo aponta o desdobramento das aulas de Filosofia numa concepção das oficinas de conceitos, numa perspectiva de criação. Pode-se observar uma nova visão de ensino diferente do modo tradicional, uma readaptação e modificação do ensino essencial a partir da realidade do Ensino de Filosofia no Brasil e da nova cultura visual tecnológica presente em todos os âmbitos da sociedade.

[...] Mas ali, naqueles momentos da aula de filosofia, cada um precisa ser um pouco filósofo. Se a filosofia consiste numa atividade, e mais, numa atividade criadora, ela não pode contar com a passividade dos estudantes e meramente descortinar diante deles um universo de saberes ou mesmo de conceitos, a serem simplesmente assimilados. Nas aulas de filosofia, cada aluno e todos os alunos precisam fazer a experiência de lidar com a filosofia. É por isso que essa aula deve ser como um laboratório, lugar de experimentação, ou como disse antes, uma oficina, lugar de atividades práticas. (GALLO, 2012, p. 93).

Alicerçado nessa concepção de uma prática de Ensino de Filosofia com o desenvolvimento de uma atividade prática, ao fazer com que os alunos vivam a experiência de uma criação filosófica, remetemo-nos à prática de ensino de produção dos micro-docs das *Oficinas de Micrometragens Filosóficas*, em que os alunos serão protagonistas das suas próprias criações e experimentações filosóficas no ato das suas respectivas produções fílmicas documentais.

Com o uso do cine-doc no Ensino de Filosofia, além da experiência artística de criação, produção e experiência estética, os alunos serão agentes significadores dos conceitos, darão novos significados ou ressignificarão os conceitos filosóficos de forma prática, pela produção de filmes de micrometragens filosóficos documentais. Criando ou recriando conceitos na perspectiva da oficina, por meio das imagens fílmicas. Todos esses elementos de criação estimulam o interesse do aluno na presença de uma disciplina previamente marcada, como vimos acima, por uma negação de cunho histórico. Esse estímulo pode ser observado no uso das ferramentas ligadas ao campo da cinematografia,

como representante da cultura visual contemporânea. Esse uso muda o perfil de aluno passivo, derivado das práticas tradicionais de Ensino de Filosofia, para um perfil de aluno ativo, criador e recriador de conceitos filosóficos.

1.5 O cinema pensa, Julio Cabrera

Julio Cabrera é um autor que faz considerações e reflexões filosóficas sobre a relação entre as obras do cinema e a Filosofia. Em suas obras¹³, compreende-se que Cabrera divide seus textos em duas partes, uma teórica com a definição dos conceitos/categorias de (conceito-imagem e razão logopática) e uma outra que podemos definir como prática, na qual o autor faz observações filosóficas acerca dos filmes. Cabrera não faz essa definição ou distinção de partes dos seus textos entre teoria e prática, essa definição é dada para uma melhor compreensão. Cabrera busca estabelecer uma relação filosófica entre o cinema e os textos de Filosofia, discutindo como o cinema nos permite pensar. Os textos de Cabrera já foram utilizados em projetos pedagógicos fora do Brasil, em uma perspectiva didática introdutória à Filosofia.

O objetivo dessa pesquisa, ao recorrer ao pensamento de Cabrera, numa perspectiva dialógica, é a apresentação dos conceitos pensados pelo autor e o modo com que Cabrera estabelece uma correlação filosófica entre as obras do cinema e os textos de Filosofia. Essa prática ou percepção filosófica pensada pelo autor nos dá instrumentos para pensarmos em uma prática educativa com o uso do cine-doc nas oficinas, uma prática que contribua para que os alunos possam fazer suas próprias experiências filosóficas sobre as obras fílmicas.

1.5.1 Logopatia

Cabrera, ao relacionar as obras do cinema com os textos de Filosofia, pensa em novas formas interpretativas à frente das imagens, na qual, as obras fílmicas são capazes de produzir conceitos-imagem. Esse conceito encontrado na obra fílmica é composto por uma racionalidade, compreendido por logopatia (em que o *logos*, o elemento lógico, não se separa do *pathos*, o elemento afetivo). Segundo o autor (2006), o

¹³ *Cine: 100 anos de filosofia* (1999). *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes* (2006). *De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre cinema e filosofia* (2007). Essas e outras obras do autor podem ser encontradas em <http://www.unb.br/ih/fil/cabrera>.

conceito-imagem é carregado de impacto emocional capaz de sensibilizar o telespectador (aluno) acerca da sua realidade. Nessa relação filosófica entre o cinema e a Filosofia, os conceitos-imagem encontrados nas obras fílmicas são contrapostos aos conceitos-ideia, aqueles conceitos trabalhados e pensados pelos filósofos nos textos clássicos da Filosofia.

Essa prática e relação cine-filosófica que Cabrera propõe se desenvolve no ato de uma problematização de encontro ou confronto dos conceitos. O conceito-imagem encontrado nas obras fílmicas confronta o conceito-ideia encontrado nos textos da tradição filosófica. É essa conexão dos conceitos que permite a elaboração de uma crítica e reflexão filosófica em torno da obra fílmica e os textos da Filosofia.

Minha preocupação principal em lógica tinha sido a elucidação das conexões entre conceitos, mas o cinema consegue fazer asserções e pregações num meio situacional, conectando conceitos de uma maneira inesperadamente lúcida e esclarecedora. (CABRERA, 2006, p. 13).

Com base na reflexão cine-filosófica de Cabrera, diante da afetividade logopática, no encontro do conceito-imagem, pode-se observar que há uma racionalidade interna à imagem fílmica, com uma certa pretensão de verdade e universalidade. A partir dessa concepção, a de que as imagens do cinema nos permitem aliar a reflexão sobre o universal à afetividade do particular, pode-se desenvolver um processo de conceituação diante de novas formas interpretativas na presença dos textos da tradição, sem a pretensão de criação ou recriação de um conceito. Essa posição logopática encontrada no conceito-imagem é um ato de estímulo, é preciso que se desenvolva uma relação com o conceito, e que o espectador tenha relações de experiência (relações existenciais) para que ele possa se apropriar do conceito.

Para Cabrera, a Filosofia se redefiniu a partir do surgimento do cinema apoiado por alguns autores tidos como “pensadores páticos e pensadores apáticos diante do surgimento do cinema”. Pensadores páticos (cinematográficos): Heidegger, Kierkegaard, Nietzsche e Schopenhauer. Esses autores páticos “não se limitaram a tematizar o componente afetivo, mas o incluíram na racionalidade como um elemento essencial de acesso ao mundo” (CABRERA, 2006, p. 16). Pensadores apáticos (lógicos), sem o elemento pático, são: Aristóteles, São Tomás, Bacon, Descartes, Locke, Hume, Kant e Wittgenstein. Em relação ao primeiro grupo, Cabrera diz o seguinte:

O que é que estas correntes do pensamento têm em comum? Resposta possível: ter problematizado a racionalidade puramente lógica (logos)

com o qual o filósofo encarava habitualmente o mundo, para fazer intervir também, no processo de compreensão da realidade, um elemento afetivo (ou “pático”). (CABRERA, 2006, p.16).

Diante da definição de logopatia para Cabrera, na presença do elemento afetivo, pático, o autor aponta:

Em geral, costumamos dizer a nossos alunos que, para se apropriar de um problema filosófico, não é suficiente entendê-lo: também é preciso vivê-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele, sentir que nossas bases habituais de sustentação são afetadas radicalmente. Se não for assim, mesmo quando “entendemos” plenamente o enunciado objeto do problema, não teremos nos apropriado dele e não teremos realmente entendido. (CABRERA, 2006, pp. 16 e 17).

Para Cabrera, existem algumas características que sugeriram que os filósofos páticos fossem chamados de cinematográficos, como:

Os “filósofos cinematográficos” sustentam que, ao menos, certas dimensões fundamentais da realidade (ou talvez toda elas) não podem simplesmente ser *ditas e articuladas logicamente* para que sejam plenamente entendidas, mas devem ser *apresentadas sensivelmente*, por meio de uma compreensão “logopática”, *racional e afetiva* ao mesmo tempo. Sustentam também que essa apresentação sensível deve produzir *algum tipo de impacto* em que estabelece um contato com ela. E terceiro – muito importante –, os “filósofos cinematográficos” sustentam que, por meio dessa *apresentação sensível impactante*, são alcançadas certas realidades que podem ser defendidas com *pretensão de verdade universal*, sem se tratar, portanto, de meras “impressões” psicológicas, mas de experiências fundamentais ligadas à condição humana, isto é, relacionadas *a toda a humanidade* que possuem, portanto, um sentido cognitivo. (CABRERA, 2006, p. 20).

São essas características que fazem dos filósofos páticos, filósofos cinematográficos; e do cinema, uma prática de pensamentos filosóficos. E, quando visto o cinema de modo filosófico, para Cabrera, é nesse caminho que se desenvolve a construção dos conceitos-imagem, uma espécie de um conceito visual, diferentemente dos conceitos-ideia, aqueles conceitos tradicionais da Filosofia escrita.

Nessa perspectiva do elemento afetivo, pático, as imagens do cinema permitem que um pensamento filosófico possa ser muito mais bem compreendido diante da afetividade que as imagens podem provocar.

Toda a tradição filosófica se constitui de uma forma literária e escrita. Mas, à medida do avanço e desenvolvimento tecnológico, a Filosofia precisou se reinventar a partir das imagens, a partir da capacidade que as imagens têm de expor um pensamento, uma reflexão filosófica tal como um texto escrito. Por esse motivo, a Filosofia se recria a partir do surgimento do cinema, com novas formas interpretativas e de compreensão do mundo através das imagens. Desse modo, para Cabrera, o cinema é uma forma de pensamento, o cinema pensa e se dá a pensar.

1.5.2 Conceito-imagem

O conceito-imagem se constitui no ato de uma “experiência” (assistir, sentir e viver o filme) com a imagem em si. Essa experiência transcende a atitude natural que normalmente as pessoas teriam. Por isso, a “racionalidade logopática do cinema” (deixar-se afetar pelo conceito-imagem) permite que o conceito-imagem evolua e se desenvolva por uma experiência e reflexão filosófica sobre a imagem fílmica. Essas experiências são carregadas de componentes afetivos que possibilitam o encontro do conceito-imagem. “Não se deve confundir ‘impacto emocional’ com ‘efeito dramático’. Um filme pode não ser ‘dramático’ nem buscar determinados ‘efeitos’ e, apesar disso, ter um impacto emocional, um componente ‘pático’” (CABRERA, 2006, p. 22 e 23).

Com base no ato da “experiência”, que estrutura a composição do conceito-imagem, Cabrera aponta:

Mediante esta experiência instauradora e emocionalmente impactante, os conceitos imagem afirmam algo sobre o mundo *com pretensão de verdade e de universalidade*. Esse elemento é fundamental, porque, se não conservarmos as pretensões de verdade e de universalidade, dificilmente poderemos falar, de forma interessante e não meramente figurativa, de filosofia no cinema ou de filosofia através do cinema. Esta é a única característica que conservamos da caracterização tradicional da filosofia, mas trata-se de um traço absolutamente fundamental. O cinema não elimina a verdade nem a universalidade, mas as redefine dentro da razão logopática. (CABRERA, 2006, p. 23).

Um filme pode ter apenas um conceito-imagem (macroconceito-imagem) ou, ele pode ser composto por vários conceitos-imagem. Se o filme aborda unicamente um tema central ao longo de toda a narrativa – por exemplo, o conceito de democracia em *Democracia em vertigem* de Petra Costa –, pode-se considerar um único macroconceito-

imagem dentro do filme, um único conceito-imagem que abrange toda a narrativa. Em um único filme, também, pode-se desenvolver novas possibilidades de outros conceitos-imagem menores, porém, o conceito-imagem é composto pelo ato da experiência. É preciso viver e sentir o movimento do conceito – o conceito de democracia em nosso exemplo – dentro da narrativa para que ele possa se constituir, ou se definir, como um conceito-imagem.

O conceito-imagem não precisa necessariamente ser um conceito em evidência dentro da narrativa, ele pode ser um conceito central extra narrativa, ou até mesmo “abstrato”, aquele conceito-imagem que permite o desenvolvimento de uma reflexão filosófica tal como a narrativa central. A objetividade do conceito-imagem está na possibilidade de uma reflexão, que pode ser compartilhada e discutida com outros espectadores, em torno do humano, do mundo, das relações sociais, da natureza e dos valores. “Até *King Kong* ou a saga de *Guerra nas estrelas* afirmam alguma coisa – verdadeira ou falsa – a respeito da humanidade ou do mundo em geral” (CABRERA, 2006, p. 26).

Para Cabrera, não há um tipo de filme específico que possibilita a criação ou o desenvolvimento dos conceitos. Segundo o autor:

[...] O conteúdo filosófico-crítico e problematizador de um filme é processado através de imagens que têm um efeito emocional esclarecedor, e esse efeito pode ser causado por filmes que, vistos intelectualmente, não são “obras primas” do cinema. Ao contrário, se não conseguirmos uma relação logopática com uma das consideradas “obras primas” (se não conseguirmos afinidade afetiva, por exemplo, com *Cidadão Kane*, de Orson Welles), dificilmente conseguiremos entender plenamente o que esse filme pretende transmitir, no plano dos conceitos filosóficos desenvolvidos por meio de imagens. Podemos ter boas experiências filosóficas, por outro lado, vendo a série *Cemitério maldito*, filmes japoneses de luta ou filmes pornográficos de classe B, por mais que isto possa escandalizar o professor universitário ou o crítico de cinema “especializado”. (CABRERA, 2006, p. 27).

O conceito-imagem tem o aspecto da experiência, do impacto emocional e a pretensão de verdade e universalidade, porém essas características logopáticas podem ser atribuídas a outras áreas do conhecimento como a literatura. Desse modo, o conceito-imagem não é exclusivo do cinema. Essas mesmas características que constituem o conceito-imagem podem se desenvolver em outras artes imagéticas, tais como: na fotografia, no teatro, nas telenovelas, na literatura, na visualização de uma imagem abstrata, entre tantos outros conceitos-imagem que podem ser constituídos a partir dos

novos mecanismos tecnológicos do atual momento, como: as imagens das mídias sociais, dos blogs, dos sites, das fotografias, dos clips musicais entre outros recursos que dispõem de imagens; desse modo, a pretensão de verdade universal do conceito é a mesma.

“Deve-se tentar entender, portanto, *como* o cinema constrói seus conceitos-imagem, uma forma sensivelmente diferente de como Heidegger, Nietzsche ou Dostoiévski constroem seus próprios conceitos-imagem” (CABRERA, 2006, p. 30). O cinema tem uma certa habilidade e facilidade (impacto emocional) de ir ao encontro do conceito-imagem a partir da sua estrutura racional-cognitiva, por conta da sua técnica de produção cinematográfica. Cabrera destaca três características referente a técnica cinematográfica:

1. A pluriperspectiva: a capacidade, ângulo ou perspectiva que a câmera tem de construir expressões para a elaboração de uma determinada cena, que possivelmente um texto escrito não alcançaria (montagem, cortes e movimentos de câmera). “Nem um conceito-ideia poderia penetrar tão fundo no interior de uma noção como faz esse tipo de linguagem” (CABRERA, 2006, p.31).

2. A temporalidade, a capacidade que o cinema tem de manipular tempos e espaços.

3. Pode-se definir a terceira característica com a decupagem do processo de produção do cinema. No ato dos cortes, a ligação entre as cenas, a capacidade que o cinema tem de fazer conexões entre uma imagem e a outra, um tempo e o outro. Todos esses aspectos da técnica cinematográfica permitem que se desenvolva uma experiência logopática e a criação dos conceitos-imagem a partir da técnica de produção do cinema.

1.5.3 O Ensino de Filosofia e o cine-doc na perspectiva de Julio Cabrera

Quando se programa o uso dos filmes em sala de aula, essa prática de ensino parte por uma interpretação de leituras filosóficas sobre as obras fílmicas. Esse ato didático-pedagógico, desenvolvido pelo professor, recorre ao cine-doc como auxiliar para o entendimento de textos filosóficos. Apoiados pela imagética, os filmes-doc contribuem para o pensar na direção dessa pesquisa. Essa alternativa dialógica entre o Ensino de Filosofia e o cine-doc produz um novo recurso e uma nova alternativa de ensino diferente do habitual e do tradicional.

O ato de modificar um ensino, que muitas vezes se funda num aspecto e realidade tradicionais, pode trazer algumas resistências. Porém, esse ensino, diferente do

habitual, para os alunos que pertencem a essa nova cultura visual e tecnológica, é bem mais aceito por esses próprios alunos. Nesse caso, o professor tem que ter subsídios teóricos para que essa atividade produza bons resultados, e possa se efetivar na presença dos textos filosóficos. Esse novo modo de dar aulas de Filosofia, com o recurso das obras fílmicas documentais, coloca o aluno em uma posição ativa perante a sua atividade, o que antes, numa estrutura tradicional de ensino, ocorria de forma passiva perante a explicação do professor.

No desenvolvimento desse novo modo de ensino, essa prática requer uma modificação na estrutura do ensino, com a qual os alunos e professores já estão habituados a desenvolver. Pode haver problemas de aceitação, diante da modificação de uma estrutura tradicional para uma nova forma de ensino. Pode haver problemas de adaptação na utilização de um recurso mediado pelo professor, como o manuseio de equipamentos tecnológicos para exibição do filme, a falta desses equipamentos na escola ou, até mesmo uma certa intimidade com o cinema. Porém, o cronograma de ensino do Itinerário Formativo orienta o professor em sala de aula sobre essas possíveis dificuldades.

Esse novo modo de dar aulas de Filosofia coloca o aluno numa posição ativa (aluno-protagonista) no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia. Com o recurso das imagens (conceito-imagem), o cinema pode dar novas possibilidades de compreensão sobre os textos de Filosofia. Como coloca Cabrera, existem inúmeros escritos de Filosofia de difícil entendimento, no entanto, se eles fossem apresentados pelo recurso das imagens possivelmente a compreensão seria mais bem-sucedida e simplificada. Com base no autor, o cinema pensa e dá a possibilidade do pensar.

Na busca por subsídios teóricos para trabalhar em sala de aula, fundamentado nas noções do “Cinema pensa” de Cabrera, ao trabalhar numa perspectiva conceitual, nossa proposta prática de ensino estabelece o confronto dos conceitos filosóficos (conceito-ideia) com os conceitos-imagem (conceitos do cinema). As obras de Julio Cabrera trazem essa contribuição para atuação do professor em sala de aula com a definição dos dois operadores epistemológicos dos conceitos.

Com base na definição dos conceitos de Cabrera, como recurso de ensino para trabalhar os conceitos filosóficos, os alunos precisam afirmar algo sobre a sua realidade, sobre a sua história, suas vivências ao interpretar as imagens fílmicas (ter experiência para se sentir afetado). Esse impacto emocional causado por um ou vários conceitos-imagem encontrados na obra fílmica é resultado das afirmações e da realidade vivida pelos alunos. É dentro desse contexto do conceito-imagem, se posicionando de forma

logopática na vida dos estudantes, que eles produzem novos conceitos na relação das suas vivências culturais com a tradição filosófica, em razão de uma reorganização e reestruturação do conceito para a conceituação, conforme a perspectiva de Gallo.

Nesse confronto dos conceitos (conceito-imagem x conceito-ideia) para a conceituação (prática pedagógica de Gallo), a obra fílmica é o caminho para o desenvolvimento de uma problematização e reflexão filosóficas sobre o conceito trabalhado em sala de aula. O filme tem a capacidade de propiciar uma realidade que muitos já viveram ou desejam viver. Segundo Cabrera, como vimos, para que uma pessoa possa se apropriar de fato de um conceito, ela precisa vivê-lo e senti-lo na sua própria pele. Há uma racionalidade afetiva no conceito-imagem, correlativa da pretensão de verdade e universalidade que o cinema tem.

No entendimento dessa pesquisa, é essencial a utilização dos conceitos de Cabrera para a elaboração de uma metodologia do Ensino de Filosofia, com auxílio do cine-doc nas oficinas. O conceito-imagem pode ser encontrado em qualquer obra fílmica apresentada pelo professor aos alunos, no ato da problematização das imagens, no processo afetivo que os filmes são capazes de produzir. Podemos relacionar esse processo de empatia desenvolvido pelas imagens ao encontro dos conceitos-imagem num ato de sensibilização pensado por Gallo. “Não se deve confundir impacto emocional com efeito dramático. Um filme pode não ser dramático nem buscar determinados efeitos e, apesar disto, ter um impacto emocional, um componente pático”. (CABRERA, 2006, pp. 22 e 23).

Para Cabrera, pode-se encontrar o conceito-imagem em qualquer obra fílmica, isso dependerá da experiência particular de se sentir afetado por tal imagem e, esse afeto, esse impacto emocional e afetivo é próprio de cada um. Do mesmo modo, ao tratar de experiência emocional e afetiva, pode haver um clássico do cinema que o telespectador (aluno) assistirá e não se sentirá afetado ou impactado com esse tal filme.

Mesmo quando um filme apresenta monstros ou situações absolutamente impossíveis, seres esquarterados que se recompõem, pessoas que voam ou inverossimilhanças menores (como encontros improváveis ou causalidades implausíveis), o cinema apresenta, mediante a tudo isso, problemas relacionados com o homem, o mundo, os valores e etc. (CABRERA, 2006, p.26).

Por isso, a importância do desenvolvimento dos dois conceitos de Cabrera no interior da sala de aula. O conceito-imagem é aquele conceito encontrado na obra fílmica,

capaz de afetar o telespectador (aluno) diante das imagens em movimento. O conceito-imagem, além de afetar (*pathos*), também envolve um conteúdo intelectual (*logos*), que é diferente de um conceito-ideia filosófico. Desse modo, o conceito-imagem nos possibilita uma visão intelectual-filosófica capaz de desenvolver um diálogo extremamente positivo quando utilizamos em sala de aula.

Do ponto de vista dos conceitos de Cabrera, seria inevitável não pensar na metodologia do Ensino de Filosofia de Gallo (2012), em que a perspectiva é a apropriação do conceito pelos alunos no processo de criação e recriação dos conceitos. Os alunos devem se sentir afetados, sensibilizados pelo problema para que ele possa criar ou recriar conceitos. Nesse sentido, tomando como referencial teórico Cabrera e Gallo, os filmes-doc em diálogo com os textos filosóficos nos possibilitam criar e recriar conceitos a partir do confronto entre o conceito-imagem e o conceito-ideia.

De forma que o que vou dizer aqui sobre o conceito-imagem é simplesmente uma espécie de “encaminhamento” – num sentido heideggeriano -, isto é, um “pôr-se a caminho” em uma determinada direção compreensiva, para onde aponta esta caracterização, mas sem querer fechá-la nem traçá-la completamente. (CABRERA, 2006, p. 21).

A utilização dos conceitos pensados por Cabrera sobre o olhar dessa pesquisa, se desenvolve num aspecto bibliográfico e reflexivo sobre a prática do professor com a utilização dos filmes em sala de aula. Os textos de Cabrera nos indicam o caminho de um Ensino de Filosofia que trabalha com conceitos, ao confrontá-las com filmes (na nossa opção, filmes documentários), enquanto possibilidades de reflexão conceitual sobre as imagens e a possibilidade de relação com a Filosofia.

1.6 Proposta metodológica de Alessandro Reina

Para a composição de um diálogo entre Filosofia, cine-doc e educação, apontamos os posicionamentos do professor Alessandro Reina a respeito do cinema no Ensino de Filosofia. Reina em seu texto, *Cinema e Filosofia: ensinar e aprender Filosofia com os filmes*, desenvolve um roteiro didático ao apontar o melhor modo de dar aulas de Filosofia com o uso dos filmes em sala de aula a partir da estrutura curricular da Filosofia no espaço escolar. Podemos observar no texto de Reina uma grande aproximação com Julio Cabrera e com a metodologia do Ensino de Filosofia de Sílvia Gallo, na companhia

dos quatro passos didáticos (sensibilização, problematização, investigação, conceituação). Principalmente, no processo da problematização, por meio do confronto do conceito-imagem com a tradição (conceito-ideia). É nesse processo que se desenvolve um pensamento crítico e reflexivo diante do pensamento filosófico, possibilitando a criação ou recriação de conceitos. Podemos observar, também, uma aproximação maior, com o quarto passo didático de Gallo, o da conceituação, na criação e recriação de conceitos, a partir da utilização do cinema como recurso de ensino em sala de aula. Segundo Reina, o processo de “violentação” das imagens fílmicas seria o correspondente, imanente às imagens, do posicionamento logopático do espectador.

Em primeiro lugar o delineamento de um filme filosófico passa pelo conceito-imagem e pela intencionalidade filosófica presente nele. Tal intencionalidade nada mais é do que uma definição de que o filme, além de ser uma forma de pensamento é capaz de violentá-lo. “Violentar” não pode ser tomado no sentido de “agressividade da imagem”. O cinema para produzir filosofia não precisa agredir o pensamento com imagens impactantes dramaticamente, mas precisa ser capaz de provocá-lo, de conduzir a reflexão ao horizonte da problematização, da criação de conceitos, ultrapassando as barreiras do senso comum e do mero entretenimento. Assim como a escrita aforismática de Nietzsche é um convite severo à reflexão, o filme deve ter dentro de si o elemento provocativo, violentador, deve colocar como princípio primário o pensar. (REINA, 2016, p. 80).

Reina faz uma reflexão sobre a utilização do cinema como recurso para ensinar e aprender Filosofia fundamentado nas concepções filosóficas de Cabrera e Gallo. Porém, pode-se pontuar que esses autores citados por Reina não desenvolvem uma metodologia específica para o Ensino de Filosofia com o uso do cinema em sala de aula. Reina, por sua vez, elabora com seu texto uma prática educativa na relação da Filosofia com o cinema, a partir das questões que envolvem o Ensino de Filosofia diante do currículo escolar.

Diante dessa prática educativa, pode-se pensar em uma pedagogia da imagem, ou até mesmo, em uma pedagogia do cinema, que vai além do ato da sensibilização dos alunos por meio das imagens fílmicas. Não que o simples ato de conduzir os alunos a se sensibilizarem seja ruim em si mesmo. Mas a obra de Reina está além do uso do cinema apenas como forma ilustrativa. Reina pensa a capacidade de condução à reflexão das imagens em movimento, que são um instrumento de mobilização do pensar que nos move à expressão criativa, quando o pensar é “violentado” pela obra fílmica, a partir da habilidade característica do cinema, que é o processo de transcender os hábitos de

pensamento, criando e recriando inúmeras possibilidades através da sensibilização. Reina aponta essa ocorrência, “devido à presença da logopatia nos filmes, que possibilita por meio da imagem o efeito de “violentação” do pensar (choque) do espectador” (REINA, 2016, p. 106).

Segundo Reina, o uso de filmes em sala de aula não deve servir apenas como aproximação ou ilustração sem teor filosófico para tal atividade. “O filme não pode servir apenas para motivar ou despertar o interesse dos alunos, pois ele não se resume e nem deve ser reduzido a um instrumento ilustrativo na aprendizagem” (REINA, 2016, p. 138). Observa-se o posicionamento contrário de Reina quanto ao uso dos filmes em sala de aula de forma ilustrativa. Para este autor, os filmes devem ser trabalhados em uma perspectiva filosófica, a partir de uma proposta didática que desenvolve um pensamento crítico e reflexivo diante dos textos de Filosofia e do cinema, um diálogo que o cinema e a Filosofia podem propiciar com os conceitos (conceito-imagem x conceito-ideia).

No geral, o filme não ilustra com imagem as ideias (conceito-ideia). Então, o que faz? Carrega em si conceitos-imagem que podem ser pensados por si mesmos. De alguma maneira, esses conceitos-imagem dialogam com conceitos-ideia. Dialogar é: concordar, opor-se, complementar, contrariar – como fazem quaisquer dois interlocutores quando conversam. É dessa maneira que se desenvolve a prática educativa em sala de aula com o uso do cinema, colocando os alunos para desenvolver um diálogo entre o conceito-imagem de um filme e o conceito-ideia de um texto filosófico. Ou seja, um diálogo entre imagem fílmica (no que tem de conceitual, pretensão de verdade e universalidade e, portanto, de filosófico) e o texto da Filosofia tradicional.

Porém, Reina especifica que tipo de filme pode desenvolver esse diálogo com a Filosofia, enquanto Cabrera diz que o conceito-imagem, aquele conceito capaz de dialogar com o conceito-ideia, pode ser encontrado em qualquer obra fílmica. Reina especifica que tipos de filmes podem ser utilizados no interior da sala de aula e quais são os filmes que podem ser considerados filosóficos e a melhor forma de serem trabalhados durante as aulas de Filosofia. Na sua visão, para que um filme seja considerado filosófico ele deve estar em uma “perspectiva tríade” a partir de um aspecto de “ilustração”, “contextualização” e a “problematização”. É a partir dessa abordagem das obras fílmicas que um filme pode ser caracterizado como uma obra fílmica filosófica ou não. Nesse contexto, observa-se que a problematização é uma das abordagens mais importantes dessas três definições, porque as próprias imagens em si já problematizam. Nessa perspectiva, o filme precisa ser capaz de proporcionar o ato de filosofar, de recriar

conceitos a partir do pensamento crítico e reflexivo com as imagens fílmicas para a elaboração de um diálogo.

Percebe-se, a partir desta tríplice divisão do filme quanto ao seu uso, que o professor pode utilizar o filme em qualquer uma destas perspectivas. No entanto percebe-se que uma comporta a outra dentro de si, de forma que o filme manifesta a presença destes três elementos, a saber, que ilustra, que contextualiza e que problematiza um conceito ou um problema, converte-se na expressão de um filme filosófico. (REINA, 2016, p. 148).

O percurso didático Filosofia-cinema que Reina propõe em sala de aula se desenvolve da seguinte maneira: antes da exibição do filme é importante que os alunos tenham contato prévio com o texto da tradição, para que, nesse caminho, os alunos possam ser afetados de forma logopática e ir ao encontro do conceito-imagem de modo crítico e reflexivo. Sem um contato prévio com o texto clássico fica impossível os alunos desenvolverem qualquer reflexão filosófica na presença de algo que eles nunca tiveram contato. Para Reina, as aulas de Filosofia com o recurso dos filmes podem passar por três etapas: a primeira comporta a explicação do texto de Filosofia; a segunda, a exibição do filme; a terceira, o desenvolvimento de um diálogo em sala de aula entre o conceito-imagem e o conceito-ideia pensados pelos alunos.

A aprendizagem filosófica por meio da imagem deve ter como foco a atividade do filosofar. O aluno precisa ser tomado pela imagem, confrontado, ter seu pensamento provocado e violentado pela imagem fílmica, assim como no aforismo de Nietzsche em suas obras provocam o pensamento de seu leitor. O filosofar produz em grande medida a essência da própria filosofia, que é o pensar crítico, que rompe com as raízes do dogmatismo e de uma visão comum do mundo. (REINA, 2016, p. 184 e 185).

Ao pensar o uso do cine-doc como recurso didático-pedagógico na esteira de Reina, pode-se pontuar alguns posicionamentos fundamentais e determinantes na presença do pensamento do autor. Particularmente, quando se observa a realidade do atual Ensino de Filosofia hoje dentro das escolas, como o pouco espaço e tempo que a Filosofia tem na grade curricular. Reina desenvolve um método de ensino, pensando no melhor modo de ensinar e aprender Filosofia por meio dos filmes, a partir da realidade curricular da Filosofia. Nesse aspecto, pode-se observar as possibilidades de ensino que o filme nos dá com o pouco tempo que a Filosofia tem nas escolas (em especial, nas escolas públicas).

Desse modo, os filmes são tomados de forma pedagógica, com o objetivo de criar e recriar conceitos, quando o pensar dos alunos são violentados (afetados) pela obra fílmica.

O objetivo dessa pesquisa, ao utilizar o cine-doc nas aulas de Filosofia, é dialogar com essa proposta pedagógica de Reina, visando à construção de uma nova prática educativa com o desenvolvimento de uma oficina de cinema (*Oficina de Micrometragem Filosófica*). Essa prática se aproxima, dialoga e dá um passo além com a criação e recriação de conceitos na produção dos cine-docs.

Desse modo, as aulas de Filosofia das oficinas estarão enquadradas pela concepção e pelas especificidades das práticas cineclubistas. A prática cineclubista se configura pela copresença (coexistência de singularidades em uma experiência comum de espectadores de cinema) de apreciadores de cinema que se reúnem não apenas para assistir a filmes, mas com o objetivo de estudar, debater, refletir e problematizar as questões envolvidas por um filme específico ou pelo cinema em geral, e que dizem respeito a uma cultura¹⁴.

Os cineclubes, desde sua origem, diferenciam-se dos cinemas, pois não se restringiam apenas à exibição do filme. Envolviam uma discussão ou debate conceitual sobre elementos da obra fílmica após sua exibição. Os cineclubistas eram pessoas que acreditavam que o cinema não era apenas um mero entretenimento, mas que se caracterizava como uma nova forma de arte. Se o cinema hoje é considerado a “sétima arte” deve isso em boa parte ao movimento cineclubista, que mostrou que o cinema não apenas se diverte como pensa e faz pensar. (REINA, 2016, p. 166).

A proposta é estimular, na aula de Filosofia, uma dinâmica de participação dos estudantes, sem a primazia necessária do professor, nos moldes dos cineclubes, em três momentos:

1. Leitura e discussão do texto;
2. Exibição do filme-documentário, para o desenvolvimento de um diálogo em torno do texto e do documentário;
3. Pensar a prática de elaboração dos micro-docs, exercício prático.

Esse exercício servirá para o desenvolvimento de uma prática educativa com o objetivo de estimular o “processo de conceituação” (GALLO, 2012), a partir da interpretação, da concepção e do entendimento alimentado pelas trocas cineclubistas, que

¹⁴ A prática cineclubista surgiu na França em 1920 e no Brasil em 1929, no Rio de Janeiro (*Chaplin Clube*). Uma prática que estimula o ato da problematização filosófica com o uso do cinema nas aulas de Filosofia.

põem em diálogo as duas obras em questão (o texto filosófico e o cine-doc), tendo em vista, também, a etapa da criação das imagens dos micro-documentários.

1.7 Prática educativa no Ensino de Filosofia

Com essa prática educativa durante as aulas de Filosofia, os alunos desenvolvem habilidades necessárias à formação do aluno protagonista ativo no seu processo de aprendizagem. Ao trabalhar com conceitos filosóficos por meio de uma atividade diferente do modo tradicional de ensino, ao colocar em prática habilidades de técnicas de produção de imagem ao lado da pesquisa de textos filosóficos para a elaboração do roteiro-doc, prática em que os alunos escrevem um texto ligado à produção dos micro-docs filosóficos, nossa proposta pedagógica estimula o interesse pela Filosofia.

O interesse dos alunos por essa prática de Ensino de Filosofia se alimenta do interesse observado no uso dos dispositivos móveis, uso que é tão presente na vida de todos os alunos. Essa prática de Ensino de Filosofia toma esse recurso como aliado, e não como adversário, como é de praxe no processo tradicional de ensino-aprendizagem. Além do acesso à Filosofia que essa prática permite, esse modo de ensino abre caminho para outros modos de saberes, novas práticas educativas culturais ligadas à arte e ao universo dos alunos. Desse modo, ao lidar com uma ferramenta que utiliza de recursos tecnológicos no ato da experiência e prática com a arte, ao tomar as aulas de Filosofia como oficina de conceito, Gallo aponta: “ter acesso ao universo de produção de saberes das mais diferentes disciplinas científicas, como forma de conhecer e compreender o mundo, ele precisa ter acesso ao universo da produção artística e da produção filosófica” (GALLO, 2012, p. 92).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as diretrizes curriculares que norteiam a prática docente em sala de aula, deixam clara a importância da utilização dos recursos tecnológicos para a educação e a formação dos alunos para a sociedade. Nessa perspectiva, surge a importância e a necessidade de acesso a todos os saberes ligados à nova cultura tecnológica da comunicação e da informação com o uso e acesso à tecnologia. “É fundamental que a instituição escolar integre a cultura tecnológica extra-escolar dos alunos e professores ao seu cotidiano, é necessário desenvolver nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos de sua cultura” (PCN, 1998, pp. 138 e 139).

Para um aprendizado melhor no desenvolvimento das habilidades e competências relacionadas ao Ensino de Filosofia nas *Oficinas de Micrometragem*

Filosófica, nossa proposta prática de ensino traz um aprofundamento maior para os conhecimentos da história da Filosofia, porque os alunos podem buscar, no processo de ensino-aprendizagem, por outras fontes de pesquisa e outros modos de ensino para além do livro didático.

Isso pressupõe o desenvolvimento de competências relacionadas à capacidade de aprendizagem contínua, ou seja, à autonomia na construção e na reconstrução do conhecimento: capacidade de analisar, refletir, tomar consciência do que já se sabe, ter disponibilidade para transformar o seu conhecimento, processando novas informações e produzindo conhecimento novo. (PCN, 1998, p. 140).

2. FILOSOFIA DO CINE-DOCUMENTÁRIO

O segundo capítulo se desenvolve a partir das questões que abrangem uma discussão em torno do cinema documentário, esse debate tem como objetivo analisar e compreender as características específicas dos cine-docs. No que se segue: 1. faremos uma análise da distinção dos gêneros cinematográficos, da prática dos cineastas-documentaristas, a partir do processo de produção e da sua relação com a verdade; 2. desenvolveremos uma crítica à imagem do cinema do ponto de vista dos cineastas-documentaristas; 3. Desenvolveremos, ainda, uma crítica do ponto de vista filosófico, ao correlacionar a imagem (imagem-técnica e imagem-tecnologia) com a vida social.

2.1 Distinção dos gêneros cinematográficos

O cinema como um todo talvez se deixe classificar por gêneros. Cada gênero tem as suas características e particularidades específicas que diferenciam uma obra da outra. Existem inúmeros gêneros tais como: a ficção, o documentário, a animação, o terror, a comédia, a pornografia, entre outros inúmeros gêneros que são utilizados para diferenciar um filme do outro, ou para agregar um filme com outro. Nesse aspecto, trataremos especificamente da distinção entre ficção e documentário, por pensar que os outros gêneros cinematográficos também são ficção.

O gênero documentário tem como características: a relação com a verdade, a produção da verdade, o compromisso que os documentaristas têm em apresentar um roteiro que seja fiel à realidade dos fatos apresentados. Mesmo que existam inúmeras controvérsias com relação à verdade das histórias apresentadas (produção da verdade), os documentaristas sempre buscam por essa fidelidade que representa o gênero, é nesse quesito que o cinema documentário se diferencia do cinema ficção. Um diretor de um filme de ficção não se prende a esses aspectos específicos do gênero documental.

A relação e diferenciação entre documentário e ficção se estende por vários aspectos que envolvem a forma e o estilo do filme. Existem filmes de ficção que se relacionam de algum modo com o documental (ficção documentada), da mesma forma, filmes de documentários que se relacionam com a ficção (documentário ficcional). A reflexão em torno dessas relações está na forma com que as imagens são produzidas, diante de roteiros que trabalham com histórias que possibilitam essa conexão. Normalmente são histórias baseadas em fatos reais ou fatos reais que possibilitam uma

relação com algum aspecto ficcional. Desse modo, existe uma linha de gêneros documentais que se correlacionam de algum modo com a ficção, como o docudrama e a docuficção.

Uma outra característica do filme documental, além da presença de fatos históricos e a presença de fatos reais relatados por personagens que atuam diante das suas próprias histórias, é a apresentação de documentos e elementos que corroboram com a verdade, tais como: a produção da verdade elaborada pelos roteiros, as fotografias, os arquivos dos personagens, os relatos, as entrevistas, entre outros. Com relação aos personagens, a maior parte do elenco dos documentários não são atores profissionais, são personagens reais que viveram a história apresentada. No tocante aos personagens e ao modo como o documentário foi produzido, existem também atores profissionais que atuam nos documentários; nesses casos, são os documentários ficcionais, são os filmes em que os cineastas se utilizam de um elemento da ficção para a produção do documentário, como o filme-doc *O corpo é nosso!* de Theresa Jessouroun, no qual, há encenação de atores profissionais para a composição da narrativa documental.

Por outro lado, sempre que alguém se sabe em frente de uma câmera filmadora, de algum modo, há encenação. Se sempre há encenação, atores e personagens reais não se distinguem sob esse aspecto. Se atua, é ator. Então, cada figura de uma narrativa (e os elementos imagéticos que pouco a pouco a compõem) é sempre um personagem. Um personagem é uma figura de narrativa. Um personagem é sempre algo que se constrói numa narrativa. Uma coisa é o personagem, outra coisa é o indivíduo existente, mesmo no mais realista dos filmes.

Existem diferentes modos de documentários e inúmeras possibilidades que cada documentarista utiliza para produção de seus filmes. Normalmente, os diretores de cinema desenvolvem suas próprias características, criando sua identidade de cineasta, seu estilo. Nesse sentido, diante da presença da técnica e da evolução do cinema, desenvolveram-se inúmeros modos de produção dos filmes documentais, ao acompanhar o aperfeiçoamento dos equipamentos de produção cinematográfica, evolução que diversificou diferentes modos e estilos de documentação. De *Nannook* ao *O corpo é nosso!* Pode-se observar, no ato da evolução da cinematografia, que há características na essência do filme documental que não mudam com o tempo, como a utilização do elemento ficcional encontrado nas duas obras (atuação de atores/personagens). Um filme de 1922 (*Nannook*), considerado o primeiro documentário da história do cinema, e o outro de 2019 (*O corpo é nosso!*), ambos com atuação e criação de personagens.

Qualquer pessoa com o mínimo de experiência sobre o que seja fazer um documentário tem a consciência de que diante da câmara de um documentarista sempre há atuação (encenação). Sem pretender ingressar em uma discussão complicada, seria possível inclusive aceitar o argumento de que na vida cotidiana todos encenamos e assumimos identidades mais ou menos fictícias, dependendo das circunstâncias. Seria muito estranho não fazermos isso em frente das câmaras. Essa é uma discussão tão antiga quanto o documentário. Na minha própria experiência, filmar alguém é caminhar sobre um chão escorregadio, onde a presença da câmara pode suscitar certa falsidade no comportamento, mas também abre espaço para revelações que sem a câmara não se reproduziriam. (DI TELLA, 2014, p.100 e 101).

Nesse momento, pode-se pensar na relação entre aquele que filma (diretor) e aqueles que são filmados (personagens). Na relação do documentarista com os personagens dos filmes, há um conjunto de interesses no sentido positivo. O cineasta quer produzir um bom filme, captar boas imagens, contar a melhor história ao seu modo como diretor, interesses econômicos e administrativos e um projeto a ser executado. Nesse aglomerado de características que compõem o posicionamento do documentarista frente aos personagens, há também relações de interesse por trás da relação entre personagem e diretor. O personagem tem prazer em contar histórias, em compartilhar com o outro a sua vivência. O fato de haver uma produção cinematográfica por trás desse conto de histórias, mexe com o ego dos personagens, conseqüentemente, o cineasta se realiza com esse aspecto que o personagem lhe proporciona. Acredita-se que os processos de “atuação” se constituam neste ponto.

Com relação às técnicas dos filmes-doc, pode-se apontar diferentes técnicas que diversificam os estilos dos documentários, como o uso de elementos ficcionais ou não ficcionais, com a presença de atores e não-atores profissionais. A presença de fotografias (imagens estáticas intercaladas com as imagens em movimento) pode aparecer como um elemento documental, que tem um papel de prova de veracidade. A presença do cineasta nas imagens do filme, ou, apenas como narrador da narrativa (*on* ou *off*). O cinema do “eu” é uma espécie de autor da sua própria história, um estilo de documentário produzido em primeira pessoa. Documentário direto, um filme gravado com o mínimo de interferência possível do cineasta. Cinéma-vérité, com a presença do cineasta e de suas intervenções no quadro da câmera. Documentários que mostram a produção por trás das gravações, ao apresentar nas imagens da maneira com que o documentário foi gravado. “[...] o cinema direto ocultava o processo de produção de uma maneira clássica, enquanto o cinéma-vérité exibia os cineastas na tela” (WINSTON, 2014, p. 14).

Com relação ao início da técnica e das produções do cinema documentário, os primeiros documentários da história do cinema costumavam rodar filmes do cotidiano das pessoas, as movimentações de trabalhadores das indústrias e fábricas, filmes de cunho político entre outros modos de produção¹⁵.

Outras características técnicas do modo de produção do documentário são o tipo de plano, o enquadramento, a iluminação, a montagem, a utilização da trilha sonora ou não, o uso de cenários reais ou cenários construídos, o modo de elaboração da pré-produção, da produção e da pós-produção. É a partir desses processos de produção que se constitui o estilo de cada obra fílmica documental, e se estabelece o modo que cada documentário e cada documentarista tem de produzir e apresentar a sua verdade. Além dessas características de produção, há um autor e um diretor que fazem a sua própria interpretação e leitura sobre a narrativa. Dessa maneira, há uma interferência e interpretação pessoal do diretor que pode modificar o sentido dos fatos reais da narrativa no ato da produção. O diretor utiliza as técnicas da produção para elaborar a sua visão e a sua própria interpretação da história¹⁶.

No cinema-verdade não se brinca com a invisibilidade da câmara. Ao contrário, parte-se do princípio de que um documentário não é mais do que o encontro entre aqueles que filmam e os que são filmados. A figura chave dessa escola foi Jean Rouch, um etnógrafo marcado pelo exemplo de Flaherty, que, como já vimos, não via menor problema em misturar registro e recriação nos seus documentários. (DI TELLA, 2014, p. 105 e 106).

Diferentemente das características de produção dos filmes documentários, no filme de ficção, em geral, sempre há um projeto e um plano a ser elaborado (roteiro). Nada pode, em princípio, modificar o roteiro e nem a narrativa que está sendo construída conforme o projeto programado. No filme documentário, pelo contrário, o cineasta tem uma história, mas o roteiro permanece aberto às possibilidades a partir das captações das imagens. O documentarista tem a liberdade de produzir o filme a partir do seu próprio movimento e da sua própria realidade, que vai sendo construída ao longo do processo de produção. Normalmente, o formato final da narrativa do documentário se constitui no

¹⁵ *Nanook*, de Robert Flaherty, de 1922. É considerado o primeiro documentário da história do cinema. *O cinema e a realidade do trabalho – Coal Face* de Alberto Calvacanti de 1935. *La sortie de l'usine Lumière À Lyon* (1895) – Frères Lumière.

¹⁶ Todos esses aspectos da produção de um filme documentário serão trabalhados com os alunos nas *Oficinas de Micrometragem Filosófica* para produção dos micro-docs filosóficos. Todos esses processos de produção compõem um dos conteúdos programados para a elaboração da oficina de cinema documentário do Itinerário Formativo.

processo decisivo da produção do filme, na montagem e na edição. Essa é a essência do documentário, a narrativa que se constrói na sua imprevisibilidade, o documentário cria a sua própria forma no ato da produção do imprevisível.

Portanto, são projetos que partem de um alvo bastante preciso, bastante determinado, mas os cineastas não sabem se esse alvo será ou não atingido e não sabem de que forma será atingido. Portanto, a filmagem tende a se tornar a documentação do processo. Não há uma preparação do filme (a preparação é a própria filmagem), não há uma pesquisa prévia; a pesquisa, que frequentemente no documentário é anterior à filmagem, é a própria filmagem. (BERNARDET, 2014, p.210).

Há uma pesquisa prévia sobre o resultado final do documentário, porém, a pesquisa se constitui no próprio processo de gravação, o filme é construído e definido no seu todo a partir dos seus processos de produção. Um roteiro fechado e definido é um roteiro de um filme de ficção. No documentário, o roteiro é aberto, não há um projeto previamente e absolutamente definido, as imagens e o roteiro final vão sendo construídos ao longo do processo das filmagens. Porém, segundo Bernardet, diante dessas questões, “Esses filmes vivem essa tensão de documentários com desejos de ficção e de uma ficção com desejos de realidade” (BERNARDET, 2014, p. 220). Ou seja, independentemente do estilo e do modo de documentação, sempre há aspectos ficcionais em seus processos de produção. O documentário é um filme, e todo processo de produção envolve aspectos de “criação”. Se há processos de criação, há ficção. Por outro lado, todo filme de ficção, por mais que seja um filme de monstros ou animais falantes, sempre há um desejo de realidade.

Diante de todos esses elementos que compõem o documentário, uma das principais características do cine-documentário é a relação com a verdade, o compromisso que os documentaristas têm com a reprodução ou produção da verdade. Seja qual for o modo e estilo de produção do documentário, em geral, de fato, há esse compromisso em dizer a verdade, por mais que existam cineastas-documentaristas que não se preocupam muito com esses aspectos do dizer a verdade, ou em representar a verdade tal como ela é. O documentário é “o tratamento criativo da realidade” (WINSTON *apud* GRIERSON, 2014, p. 15).

2.1.1 A produção do cine-documentário

A criação (escrita) do roteiro de um documentário é um dos principais momentos do processo de produção de um filme-documentário. É o roteiro que orienta os documentaristas nos “possíveis” caminhos que ele irá percorrer. Essa pesquisa não é apenas bibliográfica, envolve entrevistas prévias, elaboração dos personagens, mapeamento das locações da filmagem sobre o tema que projeta filmar. O roteiro predefine todos os elementos possíveis da filmagem e a decupagem das cenas que irão compor o documentário. O roteiro deve ser acompanhado de diversas predeterminações, que caracterizam todos os quesitos necessários à produção técnica (com instruções para a direção, roteirista, cinegrafistas, auxiliares de produção, técnicos de som, editores, entre outros colaboradores – o nível de precisão dessas instruções pode ser maior ou menor, a depender do espaço deixado ao acaso, ao improviso e à criatividade de cada colaborador), e das descrições prévias dos personagens que irão compor o elenco do filme-doc (atores ou personagens reais que viveram as histórias e os entrevistados). Em geral, todo processo de produção cinematográfica é coletivo, e todas as funções e atividades dos que participam da produção de um filme devem ser especificadas no processo inicial do roteiro do documentário.

Apesar de um processo coletivo, a produção de um documentário não requer necessariamente uma grande equipe. Muitos documentaristas, aliás, preferem produzir seus filmes-doc sem o amparo de uma grande produção. Essa prática de filmagem com equipe reduzida a um, dois ou três membros é praticamente inviável no cinema-ficção.

Há uma diferença crucial entre o roteiro de um filme documentário e aquele de um filme de ficção. O roteiro de um documentário costuma ser um roteiro aberto, é um roteiro que abre espaço para o inesperado, para condições que não foram previamente pensadas. O roteiro do filme-doc deixa espaço e tempo para o imprevisível, e conta com as novas situações que possam surgir durante a filmagem e o desenrolar das histórias reais contadas. Dessa maneira, o roteiro-doc é vivo e dinâmico, é um guia de possibilidades, é um texto que norteia e direciona os primeiros passos do documentarista, mas não se fecha para o acaso dos acontecimentos ou os encontros imprevistos. Essa liberdade dada à narrativa do real¹⁷ promove, a partir do roteiro, quase sempre uma nova história, com novos modos de pensar o tema do filme que não foram pensados previamente. Muito

¹⁷ Reportamo-nos, ao site do festival internacional de documentários, *É Tudo Verdade, It's All True*. <http://etudoverdade.com.br/br/home/>

diferente do roteiro de ficção, que deve determinar tudo com antecipação. Averso ao imprevisto, o roteiro-ficção é fechado num duplo sentido: 1) tudo (cenas, personagens, cortes, diálogos etc.) precisa ser predeterminado pelo roteiro; 2) tudo que está contido no roteiro-ficção deve ser cumprido durante as filmagens.

2.1.2 A produção da verdade

Existem inúmeras características de produção do cinema documentário que nos fazem pensar que no cine-doc há uma produção da verdade, tais como: o processo de produção cinematográfica, a atuação de personagens profissionais, a intervenção dos documentaristas junto aos personagens que atuam em seus filmes, necessariamente modificadora da realidade filmada, entre outras características que nos permitem um questionamento em torno da produção da verdade no cine-documentário.

Ao interrogar os processos de produção da verdade efetuados pelo cine-documentário, na presença das práticas dos cine-documentaristas, visto que cada documentarista documenta, ao seu modo, a sua visão e percepção da verdade sobre uma determinada situação, experiência e acontecimento, pode-se concluir que há uma produção da verdade nos filmes-doc. O cine-documentário pode ser visto como uma produção da verdade, e essa verdade do documentário pode ser compreendida como um movimento, por meio do qual a verdade é produzida. Quer dizer, a verdade do documentário não é propriamente filmada, mas elaborada, montada e apresentada.

Com isso, colocamos em questão a tese de que os filmes-doc só apresentam e reproduzem a verdade em adequação aos fatos reais, de que, portanto, os filmes-doc são o inverso do cine-ficção. Com efeito, para além do compromisso em contar a verdade de maneira adequada aos fatos reais, o cine-documentário também é arte (se não for obra de arte, não é cinema, não é cine-doc, mas reportagem ou outra coisa), e toda arte tem uma relação com a ficção. Desse modo, essa determinação do gênero documental como filme simplesmente adequado à realidade é posta em questão, como podemos observar por exemplo nos modos e estilos, ao menos parcialmente ficcionais, de cine-documentários produzidos, por exemplo, com a presença de atores profissionais em cenas reconstruídas. Uma parte de ficção está sempre presente na produção da verdade pelos documentários. Isso é evidente no doc-drama, no documentário ficcional, na ficção documentada. O nosso ponto é que a verdade não é um dado no real que possa ser simplesmente capturado pelo

cine-documentarista, como se ele colhesse o fruto de uma árvore. O cinedocumentarista não colhe a verdade pronta, ele precisa produzi-la, como a árvore produz um fruto.

2.1.3 Relação do documentário com o jornalismo

Diante das características que estabelecem a distinção dos filmes entre documentário e ficção. Há um ato comum em relacionar o documentário com a prática jornalística, fundado no formato das entrevistas e, o modo em que os entrevistados são conduzidos diante das estruturas narrativas que são apresentadas. Porém, há aspectos que são distintos um do outro, como a forma que essas práticas se relacionam com a verdade e o modo de exposição e apresentação desses tais acontecimentos na presença do processo de produção. Segundo Grierson, o documentário é um processo criativo de realidade, ou seja, um processo completamente diferente de uma reportagem jornalística. As entrevistas jornalísticas têm um compromisso com a verdade, mas não com a arte. O modo de apresentação de uma narrativa jornalística não se constitui como filme documentário, não é uma obra artística, não é arte, mas, unicamente uma prática de comunicação das informações (noticiários).

O documentário se diferencia dos conteúdos jornalísticos no ato da sua essência criadora de realidade, criadora de histórias, num modo artístico e criativo de produzir e apresentar a verdade, diante da estética e da fotografia, é nesse aspecto que se constitui uma obra fílmica documental, diferente de uma produção ou, atuação jornalística. É por esse motivo, que as obras fílmicas documentais têm características diferentes das reportagens jornalísticas.

No documentário, há uma interferência ativa do documentarista no roteiro e na produção da obra fílmica. O diretor atua como protagonista ao seu modo de contar histórias. O diretor, em alguns casos, pode mudar ou transformar a narrativa real ao interferir na verdade reproduzida no processo de produção do doc, na montagem e na edição. O diretor tem a liberdade de conduzir uma narrativa documental ao seu modo. O diretor pode deixar de privilegiar uma entrevista (testemunho) que os personagens reais julgam importante, e ele não (interferência externa à história). Pode dar uma forma determinada ao conteúdo de entrevistas e acontecimentos para privilegiar o que ele julga ser mais importante, por meio de cortes, justaposições e sucessões das imagens fílmicas. Nesse caso, sempre há uma interferência e intervenção ativa do diretor na história escrita para o roteiro. Diferentemente da atuação jornalística, em que os jornalistas devem

supostamente manter o papel de imparcialidade à frente das entrevistas e histórias apresentadas. No geral, os jornalistas não devem intervir na pauta do jornal.

2.2 Crítica à imagem cinematográfica

Ao pensar no modo em que o documentário se constitui, com base no seu processo de produção e criação de uma narrativa documental, é possível problematizar inúmeras questões que envolvem o cinema documentário. Nesse quesito, pode-se pensar na relação que os documentários têm com a verdade à frente do seu processo de produção (produção da verdade). É nesse aspecto que normalmente se desenvolve uma crítica ligada ao cinema documental. Além dessa crítica, sobre a verdade em seus processos de produção, podemos problematizar também essa tal verdade a partir de um outro contexto sobre a verdade, problematizando o aspecto real da própria imagem cinematográfica.

Em um primeiro momento, pode-se pensar na verdade em que essas narrativas se constituem, em uma outra posição, problematizamos a verdade da própria imagem em si que compõe a narrativa. Nesse caso, a imagem em si é produzida com objetivo de dar a sensação de realidade, a composição do movimento da imagem para a elaboração de uma narrativa ligada à realidade. A imagem é uma reprodução da realidade, ela não é a realidade mesma, ela se constitui no ato de uma produção tecnológica “enganadora dos sentidos”, das sensações e da realidade. Porque não estamos de frente com o objeto apresentado, estamos à frente de uma representação do objeto apresentado.

Essa crítica da imagem técnica, produzida pelos aparelhos cinematográficos, se constitui em um mecanismo que faz com que as imagens deem a sensação de movimento. Segundo Bernardet: “a imagem cinematográfica não reproduz a visão humana”; a visão humana é muito mais profunda e complexa do que a imagem que o cinematógrafo vai, finalmente, projetar na tela do cinema. O nosso olhar vai além dos limites próprios às câmeras de filmagem e às suas lentes. O nosso campo de visão, a capacidade que nós temos de observação e captação das cores das imagens são maiores do que as imagens que o cinema produz. Por essa razão, todas as salas de cinema têm o mesmo formato para a exibição dos filmes, com salas escuras, que têm como objetivo prender e focar a visão para aquela imagem-objeto projetada. Desse modo, ao fazer uma crítica à imagem cinematográfica, num aspecto geral, conseqüentemente, estamos problematizando as imagens-doc que também representam as imagens do cinema.

A imagem cinematográfica é produzida para dar a sensação de realidade do objeto projetado. Essas sensações de realidade fazem com que as imagens sejam tomadas como verdade. Porém, as imagens do cinema são sempre uma representação da realidade, uma representação construída e pensada no melhor modo para produção de uma “verdade”.

E também nos dizem que o cinema reproduz o movimento da vida. Mas sabemos que não há movimento na imagem cinematográfica. O movimento cinematográfico é uma ilusão, é um brinquedo ótico. A imagem que vemos na tela é sempre imóvel. A impressão de movimento nasce do seguinte: “fotografa-se” uma figura em movimento com intervalos de tempo muito curtos entre cada “fotografia” (= fotogramas). São vinte e quatro fotogramas por segundo que, depois, são projetados nesse mesmo ritmo. Ocorre que o nosso olho não é muito rápido e a retina guarda a imagem por ter um tempo maior que 1/24 de segundo. De forma que, quando captamos uma imagem, a anterior ainda está no nosso olho, motivo pelo qual não percebemos a interrupção entre cada imagem, o que nos dá a impressão de movimento contínuo, parecido com o da realidade. É só aumentar ou diminuir a velocidade da filmagem ou da projeção para que essa impressão se desmanche. (BERNARDET, 1993, p. 129).

Nessa perspectiva, a crítica da imagem fílmica se constitui nessa característica, que o cinema produz à frente dos limites e da natureza humana quando se trata da capacidade de ver. A visão, no modo biológico, permite que o cinema desenvolva a sensação de imagem em movimento numa sequência fotográfica (fotogramas). Não só o cinema, como a arte em geral, sempre buscou por representações da realidade, ou da verdade, como a arte das pinturas realistas que tinham como objetivo uma aproximação ao máximo da realidade. Não é diferente das produções cinematográficas, em especial os cine-documentários, que, para além da busca pela representação imagética do real, têm os seus roteiros (o modo como as imagens constituem uma história pretensamente verdadeira) produzidos pelos documentaristas sob um certo compromisso com a verdade.

O filme-doc, no entanto, é sempre também um artifício, a construção e criação de uma narrativa, que faz com que essa elaboração de uma narrativa produza uma sequência de imagens distintas, por mais que essas imagens conversem umas com as outras, são sucessões de imagens. Não há um movimento contínuo de uma realidade, são fragmentos de realidade que compõe um todo para contar uma história. Uma espécie de quebra-cabeça, pedaços ou partes de imagens que dão a sensação de uma sequência linear. Além desse aspecto de montagem, construção, criação das imagens em movimento, tem a questão também da temporalidade. Como se essas tais sequências e fragmentos de

imagens juntas, fossem feitas uma após a outra, ou, como se elas estivessem sendo gravadas num mesmo período de tempo.

No cinema, existem os planos-sequências, é um plano que registra o movimento de uma sequência inteira de cenas e imagens, sem cortes. Porém, mesmo no plano-sequência, a temporalidade das imagens que compõem um todo é pensada e construída. Essa prática normalmente não é utilizada com frequência no campo das produções do cinema. Independente do plano ou do modo de produção do filme, as imagens do cinema são sempre uma representação da realidade, mas também uma deformação da realidade. Nessa questão, pode-se remeter à fotografia (na base do cinema) e no texto de Bazin (2014), para falar dessa relação complexa entre imagem fotográfica e o objeto, relação em que se misturam e confundem objetividade e deformação. Para Bazin, apesar das deformações, há sempre uma relação ontológica, não apenas representativa, entre o ser da imagem fotográfica e a realidade do seu objeto, na medida em que o objeto iluminado, apesar da artificialidade do seu enquadramento, deixa traços reais do seu ser na película fotográfica.

Com base nessa crítica da imagem fílmica, da montagem e do roteiro produtores de uma narrativa, ao assistirmos a um filme-doc, compreendemos que não estamos diante de uma história única e linear, contada pela própria realidade filmada, como se as imagens em movimento fossem a visão de uma história direta e instantânea, pois compreendemos que um filme é feito de imagens justapostas umas às outras, e que a história do filme é elaborada, montada, construída.

Além desse aspecto da imagem que não representa uma fidelidade real das imagens em si e no tempo, no cinema documentário existem outros fatores que colocam em questão a verdade das histórias contadas, como o compromisso que os filmes-doc têm com a reprodução ou a representação da verdade por imagens. Ou seja, mesmo no “cinema do real”, que apresenta histórias reais, as verdades dos fatos podem ser questionadas pelo modo de suas construções narrativas e pela fidelidade da verdade sobre as representações cinematográficas, mesmo que sejam representações da verdade. No documentário, além das imagens serem uma representação objetiva do real, há também uma reestruturação e modificação desse real encenado pelos personagens ou, no modo como a história foi conduzida pela direção.

Segundo Bernardet, diante dessas características das imagens do cinema, há por trás desse entendimento, uma ideologia e magia no processo de produção que deve ser sempre mantido no campo da verdade. Segundo o autor, o objetivo maior do cinema

é a representação da verdade apresentada pelas imagens. Para o autor, quando questionamos os modos e artifícios que o cinema utiliza para contar suas histórias, rompemos com o encanto da arte. Para Bernadet, a magia da verdade cinematográfica não deve ser rompida. Mesmo no cinema ficção (por exemplo nos “blockbusters” hollywoodianos) é importante a ilusão de realidade. É preciso que as cenas, por mais extravagantes e fantásticas, deem ao espectador a ilusão de uma experiência real. Se os truques ficarem evidentes, o cine-ficção fracassa. O público perde o interesse.

A classe dominante, para dominar, não pode nunca apresentar a sua ideologia como sendo a sua ideologia, mas ela deve lutar para que esta ideologia seja sempre entendida como a verdade. Donde a necessidade de apresentar o cinema como sendo expressão do real e disfarçar constantemente que ele é artifício, manipulação, interpretação. A história do cinema é em grande parte a luta constante para manter ocultos os aspectos artificiais do cinema e para sustentar a impressão de realidade. O cinema, como toda área cultural, é um campo de luta, e a história do cinema é também um esforço constante para denunciar este ocultamento e fazer aparecer quem fala. (BERNARDET, 1993 p. 130).

2.2.1 A popularização da imagem e a tecnologia

Diante do avanço tecnológico, no atual momento, muitos utilizam da popularização dos meios tecnológicos para a produção de imagens. Porém, essas reproduções da realidade, que são produzidas e captadas a todo momento, não representam as mesmas características de uma produção cinematográfica. Além da produção de imagem, no cinema, há a construção de uma narrativa. O cinema utiliza-se dos mesmos meios tecnológicos de produção de imagens, porém com aspecto e finalidade diferente do habitual. O fato do cinema criar uma narrativa baseada num projeto, essa prática acarreta em uma intencionalidade no processo de criação e manipulação das imagens, fazendo com que essas imagens sejam produzidas e criadas para um contexto completamente diferente das imagens avulsas captadas de situações distintas sem a necessidade de adaptação de um projeto ou um roteiro, imagens que não têm um certo compromisso com arte.

É interessante ressaltar, ao relacionar as imagens do cinema com as imagens que são produzidas por todos, à frente de uma popularização tecnológica, que, não há mais um encanto a ser quebrado no modo de produção cinematográfico. A popularização

das tecnologias de produção de imagens possibilitou que muitos, antes meros espectadores, tomassem conhecimento da prática com que se constitui a produção da verdade pelo cinema. Com a popularização tecnológica, popularizou-se também o entendimento de que a produção da imagem cinematográfica não é só captura, mas também apropriação e, em parte, transformação da realidade. Nesse cenário, todos produzem, criam e manipulam as imagens e a “verdade”. Nesse caso, todos produzem e desenvolvem os seus próprios posicionamentos críticos sobre a verdade das imagens por conhecer o processo de produção e manipulação da imagem. Quando nos deparamos com qualquer imagem, já observamos se houve ou não uma edição ou modificação da imagem, ou, se há uma construção de uma narrativa não-verdadeira (*fake news*). Em toda produção de imagem, há uma intencionalidade, e todos são críticos sobre a própria imagem diante de um aspecto de formação cultural. “Ao que se pode responder que nunca uma máquina tem uma significação em si, ela sempre significa o que a fazem significar” (BERNARDET, 1993, p. 130).

A questão da não-verdade produzida pelas *fake news* já requer uma outra visão, ou, uma atitude crítica sobre o ato da produção de imagens ligada à uma informação falsa, que deturpa a realidade. Porém, nem todos têm essa visão ou posicionamento crítico sobre as *fake news*. Mas quem sabe como se produz a imagem, quem usa as imagens numa narrativa, sabe o quanto a imagem pode enganar.

No atual momento, diante dos diferentes modos de produção de imagens, podemos observar que a verdade e a imagem são vistas em uma ótica distorcida da realidade. A imagem, de alguma forma, precisa ser trabalhada por algum tipo de edição ou modificação da realidade. Nesse sentido, normalmente, as pessoas não apreciam mais a fotografia que faz um registro real do objeto tal como ele é, agora, é necessário a aplicação de alguma técnica de edição, distorção da realidade ou transformação do natural. A representação do objeto como ele é já não é mais desejável. Podemos observar esse novo modo de compreensão e representação do real ou da verdade a partir das imagens que são produzidas e compartilhadas a todo o momento pelas mídias sociais. A grande maioria das imagens publicadas pelas redes são modificadas com algum tipo de animação, filtros, entre outros recursos, que modificam as imagens com diferentes modos de tratamento e edição.

Ao tratarmos do cinema e das imagens técnicas, toda imagem é mediada pela intervenção e mediação tecnológica (a captura e o tratamento da imagem por um aparelho). Por isso, a imagem técnica é sempre a representação construída e modificada

do objeto, por intermédio da máquina para produção da imagem. As imagens do cinema, ao reproduzir o real, são sempre uma representação do real, mais ou menos ilusória, e não o real tal como ele é. No cinema há uma magia do real, uma ilusão e um artifício do real produzido a partir de seus processos de montagem e edição de imagens (modificação da imagem). Esse aspecto de ilusão pode ser observado com mais força nos filmes de ficção. Nos documentários, há uma pretensão de verdade ou de representação verdadeira do real, porém, essa verdade e esse real dos documentários são tão questionáveis quanto as produções ficcionais. Os documentários resultam da produção e da composição de imagens, e a verdade do cine-doc é produzida com o amparo dos equipamentos tecnológicos em seus processos de filmagem e edição.

Com base no avanço tecnológico, fundado numa cultura da imagem, numa vida social em que são muitos os que produzem imagem, se faz necessário o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre a própria imagem, por diferentes modos, como: a relação que a imagem do cinema tem com a verdade e a realidade, os processos de distorção do real a partir das montagens e edição, a utilização da imagem com a finalidade de domínio espetacular, de padronização, de alienação ou de controle social. Nesse aspecto, ao tomar a imagem como meio de controle, ao considerar a dominação social mediada por imagens, fazemos uma análise da função social da imagem, a partir do posicionamento crítico de Guy Debord.

2.3 A imagem e o espetáculo de Guy Debord

Ao desenvolver um pensamento crítico associado à imagem, estamos problematizando a nossa atual identidade cultural. Uma identidade na qual todas as relações humanas são mediadas por imagens, especialmente quando relacionamos a nossa cultura com o avanço tecnológico-midiático da atualidade. A imagem pode ser analisada por diferentes aspectos, ao nos relacionarmos com a nossa identidade cultural, em que todos lidam e se relacionam com a imagem a todo instante.

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser ... Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado. (FEUERBACH *apud* DEBORD, 1997, p. 13).

I – A separação consumada.

Com base nessa questão, podemos fazer uma reflexão em torno da obra *A sociedade do espetáculo* de Guy Debord, publicado em Paris no ano de 1967, um texto que a cada dia se torna mais atual. Debord faz um questionamento em torno de uma sociedade do espetáculo, na qual, a população vive subordinada por uma lógica do mercado, em que os interesses econômicos dominam a população através de um processo de alienação por meio do espetáculo.

Debord desenvolve uma teoria crítica à sociedade que se organiza em torno de um sistema ligado à negação da vida. Uma subordinação e alienação em todos os aspectos ligados aos interesses políticos e econômicos. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p. 13, seção 1).

Nessa perspectiva, para Debord o espetáculo é a própria sociedade, ela é um “instrumento de unificação” por um ideal maior (interesse econômico), nesse caminho, a população se direciona a um sistema de dominação (espetáculo). Na medida em que as pessoas se encaixam nesse mecanismo, elas são inseridas em um processo de alienação social. As pessoas acabam sendo inseridas no próprio espetáculo a que assiste, e adotam comportamentos de forma inconsciente, tais como: a necessidade do consumo, a obsessão de se encaixar em um perfil ditado pelo mercado. Desse modo, diante da alienação, na grande maioria, de forma inconsciente, transformam o seu “ser” em “ter”. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14, seção 4).

Ao analisarmos a verdade das imagens do cinema, observa-se que a imagem cinematográfica, também, compõe a indústria do mercado ligado ao consumo. Por interesses econômicos, há uma valorização maior da indústria do cinema ficção. Além do aspecto ficcional, na qual há uma distorção do real e da realidade, as imagens do cinema também fazem parte do mecanismo de uma sociedade do espetáculo. As pessoas se espelham, se identificam e reproduzem as imagens tal como ela é no cinema. “O espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente” (DEBORD, 1997, p. 14, seção 6).

A todo momento e em qualquer lugar, estamos inseridos nesse processo de distorção do real, em uma sociedade do espetáculo, com propagandas publicitárias em todo lugar e em tudo que vemos pela frente. Esse modelo atual de dominação do mercado, imposto à vida das pessoas, acaba naturalizando situações que não deveriam sofrer intervenções, tais como: as propagandas publicitárias dentro das narrativas fílmicas, publicidades em obras de arte, interferências e intervenções político-econômicas na produção cultural, na arte, na educação, entre outros campos da formação de uma sociedade. “O espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade” (DEBORD, 1997, p. 14, seção 6).

Nessa visão, a produção e o consumo estão inteiramente interligados no modo em que a vida social se estrutura nessa sociedade ligada às questões econômicas. Debord, ao apresentar esse contexto político e imagético do capitalismo, faz uma menção crítica a uma concepção do espetacular. Mesmo estando inserido em um suposto sistema “democrático”, a crítica à sociedade, à frente do acúmulo do capital, torna indispensável a teoria crítica de Debord para uma ampla concepção da atual sociedade contemporânea.

O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a base da sociedade existente. (DEBORD, 1997, p. 15, seção 8).

Quando o autor fala de um mundo invertido, é justamente pela distorção da verdade, do real, produzido por alguns meios ou mecanismos que justificam essa falsa verdade apresentada. Segundo Debord: “No mundo realmente invertido, a verdade é o momento do que é falso” (DEBORD, 1997, p.16, seção 9). Pode-se observar essas características em todos os âmbitos da sociedade: quando o cliente é convencido por uma falsa propaganda, quando o indivíduo é condicionado a uma lógica de dominação imposta pelo consumo, pela moda, pela indústria do divertimento, quando ele se dispõe a um trabalho abusivo com a justificativa de que a pessoa vai ter ganhos extra com aquela tal proposta, entre inúmeros outros casos.

No modo em que o espetáculo se apresenta, por imagens, já há uma aceitação passiva. Na qual, na grande maioria dos casos, esse espetáculo da vida social já é inerente. Não há um questionamento sobre essa verdade imposta, há uma passividade, aceitação

prévia de tudo que é dado. “O espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente” (DEBORD, 1997, p. 17, seção 16).

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. (DEBORD, 1997, p. 18, seção 17).

A sociedade, condicionada pelo espetáculo, se acostumou a viver controlada por imagens, “dominado pelas categorias do ver” (DEBORD, 1997, P. 19, seção 19), há uma racionalidade que é o produto dessa categoria. Por mais que exista uma racionalidade contrária a essa posição do que predomina e domina, torna-se extremamente complexo um ato de superação dessa racionalidade dominante, um espetáculo da vida social.

A essência do espetáculo está no poder, o autor fala de uma especialização social e uma especialização do poder. O espetáculo se constitui nessas categorias do poder socialmente disseminadas, tais como: nos discursos, nas condições sociais de existência, na posição hierárquica da sociedade, nas classes sociais, nos meios em que vivemos diante das leis, nos posicionamentos totalitários e nos meios de comunicação. Todas essas questões fazem com que as pessoas sejam condicionadas a um modo de sobrevivência sob a justificativa de que esse é o melhor modo. “A cisão generalizada do espetáculo é inseparável do Estado moderno, isto é, da forma geral da cisão da sociedade, produto da divisão de trabalho social e órgão da dominação de classe” (DEBORD, 1997, p. 21, seção 24).

Na sequência desses modos em que o espetáculo se constitui, pode-se pontuar com grande peso a formação de classe e a divisão social do trabalho, nas quais observa-se a presença do domínio sobre as outras pessoas de forma mais efetiva. E esse é o modo de uma condição de existência. Necessariamente o indivíduo tem que se encaixar nesse perfil, por mais que exista a ideia do “livre arbítrio” e da “liberdade”, nessa circunstância da sociedade do espetáculo, as condições já estão pré-definidas.

O espetáculo é a conservação da inconsciência na mudança prática das condições de existência. Ele é seu próprio produto, e foi ele quem determinou as regras: é um pseudo-sagrado. Mostra o que ele é: o poder separado desenvolvendo-se em si mesmo, no crescimento da produtividade por meio do refinamento incessante da divisão do trabalho em gestos parcelares, dominados pelo movimento

independente das máquinas; e trabalhando para um mercado cada vez mais ampliado. (DEBORD, 1997, pp. 21 e 22, seção 25).

Para Debord, a vitória do sistema econômico é a proletarização do mundo. O foco e o objetivo do sistema é o produto, a produção. Nesse caso não há liberdade, ou, uma ruptura dessa concepção. Pode-se observar que essa questão do trabalho se insere e se ocupa até mesmo dos “momentos de lazeres” que os indivíduos têm. Quando, por exemplo, um professor leva os trabalhos para casa, essa prática comum, pode dar uma sensação de liberdade, porém, há uma falsa liberdade nessa prática, o que está acontecendo é que o meio de produção está acima de qualquer coisa, até mesmo do suposto “horário de descanso”.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. (DEBORD, 1997, p. 24, seção 30).

O espetáculo está por toda parte, essa citação do texto é o reflexo de todo o processo alienante que o acúmulo do capital é capaz de produzir. Ou, na sua forma espetacular, o acúmulo de imagens. Ele é tal que perdemos as referências aos objetos da imagem, e entramos na idolatria, as imagens são o real, as imagens são os objetos e, no contexto econômico, as imagens são a mercadoria. Diante desse contexto, há uma sociedade inteira ligada a uma lógica de dominação do capitalismo contemporâneo. Pode-se observar esse processo em todos os âmbitos da sociedade.

No atual momento, é inevitável não pensar nos efeitos políticos dos direcionamentos espetaculares. Por exemplo, a nossa última eleição para Presidente da República no Brasil foi marcada por um processo político de extrema alienação espetacular, com o avanço das *fake news*, com imagens distorcidas da realidade, e a grande maioria da população foi levada a votar em um candidato que impulsionou as suas propostas políticas em cima de falsas informações, inverdades.

2.3.1 O espetáculo e a alegoria da caverna de Platão

À frente desse processo de alienação, percebe-se que esse não é só um problema atual. Para Debord, a sociedade do espetáculo é uma forma social histórica, o homem sempre recorreu a esse tipo de posicionamento. Nesse contexto, reportamo-nos à

alegoria da caverna de Platão, para reflexão diante da atual realidade. Esse texto (*República*, 514a-517c) nos faz pensar no que vivemos hoje, seja num processo político, na lógica do capitalismo contemporâneo, como em todos os aspectos do processo alienante da sociedade atual.

Para Platão, a caverna corresponde ao mundo em que vivemos, a nossa sociedade. As correntes que nos atam à caverna refletem a ignorância e a submissão que prendem o povo. Pode-se relacioná-las com as crenças, opiniões acríticas e outras imagens fantasiosas ligadas ao senso comum dominado. Desse modo, as pessoas ficam aprisionadas em ideias e crenças pré-estabelecidas sobre determinadas coisas, opiniões que lhes são inculcadas pelo espetáculo social, sem que possam desenvolver a sua própria capacidade e liberdade de pensar e refletir sobre si mesmas, forçadas a se satisfazer exclusivamente com as informações que lhes são dadas.

Ao lermos a alegoria da caverna, que nos conta a história de homens que vivem presos e acorrentados pelas pernas e pescoços em uma caverna, de costas para a luz da entrada da caverna, durante toda a vida, podemos traçar um paralelo dessa realidade com a nossa sociedade, na qual, as pessoas vivem em um processo de alienação sem a condição de se desprender das amarras do capitalismo espetacular, sem a condição de se desprender de posicionamentos políticos e de imagens da política que as mantêm presas, sem a mínima condição de se desprender do meio e das amarras do sistema. Se o indivíduo não entrar no jogo econômico-político, submetendo-se aos critérios do espetáculo, o indivíduo acaba tendo invalidada a condição de sua sobrevivência. A liberdade, nesse caso, é continuar preso na caverna, no sistema que mantém as pessoas, economicamente livres, politicamente e espetacularmente acorrentadas.

A visão que os prisioneiros têm dentro da caverna são as imagens, as sombras de uma fogueira que fica na frente da entrada da caverna. Os prisioneiros acorrentados não podem virar para frente da caverna, só enxergam e se identificam através das sombras e dos reflexos revertidos pela luz do fogo. Nesse aspecto, os prisioneiros (a sociedade) só lidam com as imagens das coisas reais, e nunca com as coisas mesmas (o ser verdadeiro), só presenciam imagens que subvertem o real, a verdade das coisas tal como ela é, inseridos em um condicionamento à passividade, obrigados a contemplar falsas informações ou representações que invertem a realidade. Paralelamente a isso, pode-se pensar nas indústrias do divertimento, a grande mídia em massa com as propagandas publicitárias e a proliferação exacerbada das *fake news*, fundamentais para os posicionamentos políticos totalitários, desenvolvendo sempre uma visão superficial da

imagem e nunca a imagem real das coisas. É justamente essa visão que submetemos ao questionamento, o modo em que a sociedade vive, ancorada ao poder manipulador, em que a verdade é sempre mascarada por uma lógica do mercado.

Pode-se questionar como esses prisioneiros vivem amarrados e acorrentados durante toda uma vida, imóveis, forçados àquela visão programada e àquele modo de viver. Segundo Debord (1997, p. 24, seção 30): “A alienação do espectador em favor do objeto contemplado”, esse processo de alienação já está tão impregnado que os próprios gestos dos espectadores acabam que não são mais seus, são dos outros que as dominam e manipulam. Ainda segundo Debord (1997, p. 24, seção 30): “a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele.”

Isso é o reflexo da nossa sociedade atual, na qual as pessoas perdem a razão de si mesmas, não conseguem desenvolver um pensamento crítico-reflexivo sobre a sua própria existência. Acreditam em tudo que é dado como verdade absoluta, caem facilmente em discursos falaciosos, criando mitos com base na proliferação de *fake news* ou nas imagens alienantes disseminadas pelos meios de manipulação em massa, as mídias sociais.

A crítica não é feita somente aos prisioneiros e aos criadores de falsos mitos, mas ao sistema espetacular como um todo, que mantém a vida social refém e prisioneira da caverna do espetáculo. O modo em que essas estruturas funcionam, como marionetes, é que consiste na crítica do meio social, nas relações da sociedade.

Ao longo da alegoria da caverna, Sócrates questiona o personagem Glauco sobre algumas possibilidades dos prisioneiros se libertarem das amarras ou descobrirem o que está por trás das sombras. Um questionamento sobre a verdade. Ao despertar, libertou-se um dos prisioneiros da caverna, que esteve a vida toda à frente das sombras e das imagens refletidas na parede, sem nunca ter tido um contato real com o objeto em si. Em nossa sociedade do espetáculo, paralelamente a essa visão alegórica, muitos não enxergam a realidade das coisas, e quando a enxergam, preferem se manter refém do sistema espetacular, preferem a imagem à realidade. São acostumados a vida toda e condicionados àquele modo de viver, que acaba sendo naturalizado, como se a imagem fosse a própria realidade e a verdade suprema do desejo. Quando, então, se deparam de fato com a coisa em si, com a realidade, ela não pode ser aceita. Quando alguém chega à luz da razão, à compreensão da verdade, e tenta expor e compartilhar essa verdade com

os outros companheiros da caverna, eles não acreditam nele. Na grande maioria dos casos, o indivíduo que alcançou a luz da razão é tomado como louco.

Reportando-nos aos dias atuais, os realistas são pejorativamente chamados de marxistas, socialistas, comunistas, ateus ou depravados, que subvertem a ordem e a moral da família tradicional. Os indivíduos que se mantêm, e preferem se manter, condicionados pelo espetáculo, são pessoas adestradas à passividade, que se acostumaram a aceitar como real toda imagem dada a elas, que finalmente preferem viver nas sombras da caverna a enfrentar a realidade da sua submissão ao espetáculo. Essa prática de acusação ou rejeição, quando se chama o outro de marxista etc, está ligada a uma concepção negativa, de ofensa, na grande maioria dos casos, esses prisioneiros da caverna não conhecem a definição real dos próprios termos que utilizam para acusar. Eles utilizam esses termos apenas com intuito de rejeitar o outro.

A alegoria da caverna pode ser tomada como uma crítica às amarras da imagem espetacular, uma crítica à vida social condicionada por um sistema do qual não tem condições de se desprender. Um sistema em que toda imagem é instrumento de alienação, de separação social. Até mesmo os pequenos aparelhos e mecanismos que a nova era tecnológica proporciona, e que são tomados ilusoriamente como meios de livre-expressão, produzem uma diminuição da capacidade de pensar por si mesmo do indivíduo. É necessário se desprender das amarras da caverna, porém, as pessoas estão acostumadas com o que aparecem a elas de forma acessível, acreditam fielmente, sem questionamento sobre o que está à sua volta, preferem manter-se na caverna do que se desprender das amarras do sistema. O indivíduo que consegue libertar-se das correntes e viver o mundo exterior, é aquele indivíduo que vai além do pensamento comum, que desenvolve a capacidade de pensar por si só, ao questionar a sua própria realidade e sociedade. Debord aponta:

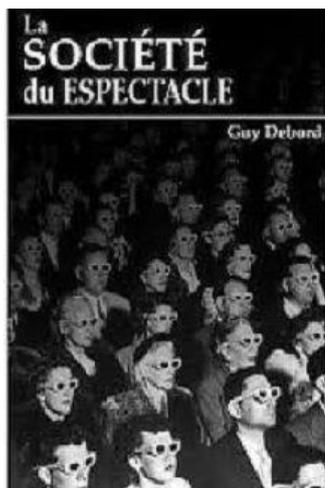
O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação. A expansão econômica é sobretudo a expansão dessa produção industrial específica. O que cresce com economia que se move por si mesma só pode ser a alienação que estava em seu núcleo original. (DEBORD, 1997, p. 24, seção 32).

Ao pensarmos na atualidade, numa concepção de sociedade contemporânea fundada no espetáculo das imagens técnicas, a leitura crítica de Debord torna-se indispensável. Segundo o autor, enquanto a sociedade espetacular não for superada, a sua

teoria crítica permanecerá viva. Para Debord; “O espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 1997, p. 25, seção 34).

2.3.2 O documentário *A sociedade do espetáculo*

Ficha técnica:



Título: *A Sociedade do espetáculo*

Ano: 1973

Direção: Guy Debord

Autor: Guy Debord

Roteiro: Guy Debord

Música: Michel Corrette

O documentário *A sociedade do espetáculo* de 1973 foi produzido com base no texto de Guy Debord. A direção é do próprio autor. A narrativa do documentário é a mesma do texto escrito *A sociedade do espetáculo*.

Após a publicação do livro em 1967, Debord faz um documentário que vivifica o texto escrito por ele através das imagens, ao retomar a discussão e argumentação no campo da política e da arte. Ao desenvolver uma teoria crítica baseada na imagem, em que as relações sociais são mediadas por imagens, o documentário se apropria de imagens (desvio de imagens) de acontecimentos históricos para produção do roteiro filmado. As imagens em si, que apresentam as críticas à “sociedade do espetáculo”, mostram o poder que a imagem tem no aspecto da alienação e manipulação de uma sociedade, num plano de democratização radical, no modo de produção e no modo de vida sob o capitalismo.

A base do filme de Debord é a discussão teórica que gira em torno do texto. Pode-se observar que a crítica do autor é cada vez mais atual. No tocante às questões políticas, a crítica ao capitalismo, o posicionamento ao marxismo, a burguesia *versus* o proletariado, a economia que domina a sociedade, com pessoas que se submetem de forma natural e inconsciente à necessidade do consumo a qualquer custo. E, tudo isso pode ser

facilmente observado e analisado na obra fílmica, por meio das imagens que denunciam os modos de expressão arte-publicidade com campanhas publicitárias, manipulação com base no uso da imagem ligada a força de domínio do mercado. A mercadoria enquanto base material da vida, a vida humana sendo mediada pelo sistema econômico, pelo consumo de mercadorias.

É intrigante que, ao mesmo tempo que Debord desenvolve uma teoria crítica escrita, o autor reproduz suas ideias através de uma linguagem filmada. No documentário de Debord não há uma linearidade nas imagens, porém, elas compõem e interagem com a voz *em-off*. As imagens têm o poder de afirmação do que está sendo dito.

Para despertar uma crítica à sociedade do espetáculo, Debord faz um espetáculo (sua relação com os outros é mediada por imagens). Uma voz *em-off* impõe ao espectador a verdade do real (que supostamente essa voz “divina”, fora do mundo da imagem, detém). Poderíamos dizer que Debord massacra os espectadores, os torna ainda mais passivos diante da exposição da sua crítica. Ou, será que Debord se apropria do próprio objeto de sua crítica para produção do documentário, já que o documentário também pode ser uma ferramenta de utilização do próprio espetáculo? Ou seja, ele faz uma crítica a esses mecanismos de dominação e, ao mesmo tempo, os utiliza contra eles.

No decorrer do documentário, ao apresentar uma vida sendo mediada pela presença espetacular da imagem, Debord diz: “Toda vida das sociedades, nas quais reinam as condições modernas de produção, se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculo”. Pode-se observar que essas condições modernas de produção continuam imperando, cada vez mais, no processo exacerbado espetacular, com uma necessidade de consumo que não satisfaz em momento algum. O indivíduo já está condicionado ao sistema dessa moderna condição do espetáculo.

3. OFICINA DE MICROMETRAGEM FILOSÓFICA

Trilha de aprofundamento da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*

A proposta de atividade prática dessa pesquisa se desenvolve na produção, como colaborador, de uma parte do novo Documento Curricular do Território do Tocantins, da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Etapa Ensino Médio. A parte elaborada para composição desse novo documento curricular, que compõe essa pesquisa, é o quarto módulo do Itinerário Formativo da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Os Itinerários Formativos são estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, pois possibilitam opções de escolha aos estudantes e podem ser estruturados com foco em uma área do conhecimento, na formação técnica e profissional ou, também, na mobilização de competências e habilidades de diferentes áreas, compondo itinerários integrados, nos seguintes termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio – DCNEM/2018:

1. Linguagens e suas tecnologias;
2. Matemática e suas tecnologias;
3. Ciências da natureza e suas tecnologias;
4. Ciências humanas e sociais aplicadas.

O tema do Itinerário Formativo da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*. No quadro da qual, a prática dessa pesquisa se desenvolve, com a elaboração do quarto módulo formativo, com o exercício de uma oficina de cinema de documentário, intitulada *Oficina de Micrometragem Filosófica*. Essa prática de ensino tem como objetivo o aprofundamento dos conhecimentos pelos alunos, a partir da nova formulação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC para as escolas do Estado do Tocantins. O plano de ensino da *Oficina de Micrometragem Filosófica* é composto por 120 horas, divididos por quatro eixos estruturantes:

1. Eixo de investigação científica;
2. Eixo processos criativos;
3. Eixo mediação e intervenção sociocultural;
4. Eixo empreendedorismo.

O objetivo do Itinerário Formativo *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão* é ofertar atividades teóricas e práticas que envolvem a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em conjunto com a Área de Linguagens e suas Tecnologias, desenvolvendo a autonomia, a criticidade e o protagonismo, por meio da oralidade e da comunicação, empregando tecnologias diversas na produção de conteúdos ligados às mídias. Para a oferta dos Itinerários Formativos, as escolas do Tocantins devem considerar: a realidade local, os anseios da comunidade escolar e os recursos físicos, materiais e humanos das redes e instituições escolares. (Anexos 1).

3.1 Cronograma de ensino da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

MÓDULO 4: OFICINA DE CINEMA: OFICINA DE MICROMETRAGEM FILOSÓFICA					
CARGA HORÁRIA: 120h					
EIXOS ESTRUTURANTES	HABILIDADES GERAIS (Por Eixo)	HABILIDADES ESPECÍFICAS	UNIDADE CURRICULAR	OBJETOS DE CONHECIMENTOS	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
1.Eixo Investigação Científica	<p>(EMIFCG01) Identificar, selecionar, processar e analisar dados, fatos e evidências com curiosidade, atenção, criticidade e ética, inclusive utilizando o apoio de tecnologias digitais.</p> <p>(EMIFCG02) Posicionar-se com base em critérios científicos, éticos e estéticos, utilizando dados, fatos e evidências para respaldar conclusões, opiniões e argumentos, por meio de afirmações claras, ordenadas, coerentes e compreensíveis, sempre respeitando valores universais, como liberdade, democracia, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade.</p> <p>(EMIFCG03) Utilizar informações, conhecimentos e ideias resultantes de</p>	<p>(EMIFLGG03) Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo, experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre português brasileiro, língua(s) e/ou linguagem(ns) específicas, visando fundamentar reflexões e hipóteses sobre a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens</p>	CONHECENDO O CINEMA 40h	<ol style="list-style-type: none"> História do cinema. O que é audiovisual. Cinema documentário. Cinema ficção. Processos de criação e produção cinematográficos. Profissionais do cinema. Termos técnicos do cinema. Características específicas do gênero documental. Exibição de filmes clássicos do cine-doc. 	<p>Educação para o consumo;</p> <p>Trabalho; Ciência e Tecnologia;</p> <p>Vida familiar e social;</p> <p>Educação financeira;</p> <p>Multiculturalismo;</p> <p>Economia;</p> <p>Saúde;</p> <p>Cidadania e Civismo.</p>

<p>2. Eixo Processos Criativos</p>	<p>investigações científicas para criar ou propor soluções para problemas diversos.</p> <p>(EMIFCG04) Reconhecer e analisar diferentes manifestações criativas, artísticas e culturais, por meio de vivências presenciais e virtuais que ampliem a visão de mundo, sensibilidade, criticidade e criatividade.</p> <p>(EMIFCG05) Questionar, modificar e adaptar ideias existentes e criar propostas, obras ou soluções criativas, originais ou inovadoras, avaliando e assumindo riscos para lidar com as incertezas e colocá-las em prática.</p> <p>(EMIFCG06) Difundir novas ideias, propostas, obras ou soluções por meio de diferentes linguagens, mídias e plataformas, analógicas e digitais, com confiança e coragem, assegurando que alcancem os interlocutores pretendidos.</p> <p>(EMIFCG07) Reconhecer e analisar questões sociais,</p>	<p>corporais e do movimento, entre outras), identificando os diversos pontos de vista e posicionando se mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias.</p> <p>(EMIFCHSA01) Investigar e analisar situações problema envolvendo temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.</p> <p>(EMIFLGG04) Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).</p> <p>(EMIFCHSA06) Propor e testar soluções éticas,</p>	<p>OFICINA DE ROTEIRO 30h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Princípios básicos de produção de roteiro. 2. Tipos de roteiros. 3. Roteiro linear. 4. Roteiro não linear. 5. Roteiro de ficção. 6. Roteiro de documentário. 7. Estrutura do roteiro. 8. Criação do roteiro produzido pelos estudantes. 	
---	--	---	-----------------------------------	---	--

<p>3. Eixo Mediação e Intervenção Sociocultural</p>	<p>culturais e ambientais diversas, identificando e incorporando valores importantes para si e para o coletivo que assegurem a tomada de decisões conscientes, consequentes, colaborativas e responsáveis. (EMIFCG08) Compreender e considerar a situação, a opinião e o sentimento do outro, agindo com empatia, flexibilidade e resiliência para promover o diálogo, a colaboração, a mediação e resolução de conflitos, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade. (EMIFCG09) Participar ativamente da proposição, implementação e avaliação de solução para problemas socioculturais e/ou ambientais em nível local, regional, nacional e/ou global, corresponsabilizando-se pela realização de ações e projetos voltados ao bem comum. (EMIFCG10) Reconhecer e utilizar qualidades e fragilidades pessoais com confiança para superar desafios e alcançar objetivos pessoais e profissionais, agindo de forma proativa e empreendedora e perseverando em situações de estresse, frustração, fracasso e adversidade. (EMIFCG11) Utilizar estratégias de</p>	<p>estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais relacionados a temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global.</p> <p>(EMIFLGG07) Identificar e explicar questões socioculturais e ambientais passíveis de mediação e intervenção por meio de práticas de linguagem.</p> <p>(EMIFCHSA10) Avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser utilizadas na concretização de projetos pessoais</p>	<p>OFICINA DE PRODUÇÃO 30h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adaptação do roteiro para gravação. 2. Dicas para filmagem. 3. Equipamento de gravação. 4. Enquadramentos. 5. Iluminação. 6. Som/áudios. 7. Trilha sonora. 8. Características específicas de produção do cine-doc. 	
--	---	--	------------------------------------	--	--

<p>4. Eixo Empreendedorismo</p>	<p>planejamento, organização e empreendedorismo para estabelecer e adaptar metas, identificar caminhos, mobilizar apoios e recursos, para realizar projetos pessoais e produtivos com foco, persistência e efetividade. (EMIFCG12) Refletir continuamente sobre seu próprio desenvolvimento e sobre seus objetivos presentes e futuros, identificando aspirações e oportunidades, inclusive relacionadas ao mundo do trabalho, que orientem escolhas, esforços e ações em relação à sua vida pessoal, profissional e cidadã.</p>	<p>ou produtivos, em âmbito local, regional, nacional e/ ou global, considerando as diversas tecnologias disponíveis, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania. (EMIFLGG11) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das práticas de linguagem para desenvolver um projeto pessoal ou um empreendimento produtivo.</p>	<p>PRODUÇÃO DO FILME 20h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gravação. 2. Manuseio dos apps que os estudantes utilizarão para produção. 3. Montagem. 4. Edição. 5. Exibição do trabalho final. (cine-escola). 	
--	---	---	----------------------------------	---	--

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jorge Miranda; AGUIAR, Itamar Pereira (orgs.). *Filosofia, Cinema e Educação*. – Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.
- BAZIN, André. *O que é o cinema?* Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Prefácio e apêndice: Ismael Xavier. São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 416 pp, 27 ils.
- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.
- CABRERA, Julio. *De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre o cinema e a filosofia*. São Paulo: Nankin, 2007.
- CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Trad. Ryta Vinagre. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- COHN, Sergio. *Ensaio fundamentais. Cinema*. Sergio Cohn (org.). – Rio de Janeiro: Beco do azougue, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: A imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. Revisão: José W. S. Morais Elvira da Rocha. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: A imagem-tempo*. Tradução: Eloisa de Araújo Ribeiro, Revisão: Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

LABAKI, Amir. *A verdade de cada um*. Amir Labaki [org.]. São Paulo: Cosac Naify, 2015, vários tradutores 6ils.

FARHI NETO, Leon. *O que é o cine-documentário?*In: SANTANA, Juliana; SOUZA, Raquel Castilho; DUARTE, Fábio Henrique; et ali (Orgs.). *Filosofia em debate*. Vol. 2. Palmas: EDUFT, 2019. Disponível em: <<https://ww2.uft.edu.br/index.php/eduft/catalogo/ebooks>>. Acesso em: 11.06.2019.P. 81-89.

FERREIRA, Oscar Manuel de Castro, 1943 – *Recursos audiovisuais para o ensino* por Oscar Manuel de Castro Ferreira e Plínio Dias da Silva Junior; desenhos de Enio Longo da Silva. São Paulo, EPU, 1975.

MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Amir. *O cinema do real*: 1º edi. Cosac Naify, 2014. 448 p. 20 ils.

POURRIOL, Ollivier, 1971 – *Cinefilô: as mais belas questões da filosofia no cinema*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

REINA, Alessandro. *Cinema e filosofia: ensinar e aprender filosofia com os filmes.*/ Alessandro Reina. / Curitiba: Juruá, 2016. 206p. (Biblioteca de Filosofia e Educação Filosófica).

YOEL, Gerardo (org). *Pensar o cinema – imagem, ética e filosofia*. Apresentação: Ismael Xavier, trad. LiviaDeorsola, Hugo Mader, Pedro Marciel, Raquel Imanishi. São Paulo: Cosac Naify. 2015 p. 288 pp, 6 ils.

3.1.1 Primeiro passo para o desenvolvimento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

Conhecendo o Cinema – 40 horas	
Eixo Estruturante	Objetos de conhecimentos
1) Eixo Investigação Científica	<ol style="list-style-type: none"> 1. História do cinema. 2. O que é audiovisual. 3. Cinema documentário. 4. Cinema ficção. 5. Processos de criação e produção cinematográficos. 6. Profissionais do cinema. 7. Termos técnicos do cinema. 8. Características específicas do gênero documental. 9. Exibição de filmes clássicos do cine-doc.

3.1.2 Plano de aula do primeiro momento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

Esse é um exemplo de um plano de aula que poderá ser utilizado no primeiro momento das aulas de Filosofia da oficina de cinema, com base na estrutura de ensino da *Oficina de Micrometragem Filosófica* da trilha de aprofundamento dos conhecimentos para a área das Ciências Humanas, ao desenvolver uma investigação científica filosófica, conforme o Eixo Estruturante 1 e os objetos de conhecimentos (Anexos 2).

Plano de aula	
Tema da aula:	✓ A verdade
Texto de Filosofia:	✓ Livro didático – <i>Iniciação à filosofia</i> , Marilena Chaui. (Teorias sobre a verdade – Michel Foucault. Págs. 113 a 116).
Filme/documentário:	✓ <i>Performance do Real</i> – de Túlio de Melo (2020).
Objetivo geral:	✓ Ministras aulas sobre o texto: <i>A verdade e as formas jurídicas</i> de Michel Foucault, referente à unidade 3 do livro didático em conjunto com o filme-doc: <i>Performance do Real</i> .
Objetivos específicos:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreender as ideias fundamentais do texto de Foucault; ✓ Caracterizar a hipótese de que há uma produção da verdade; ✓ Apresentar a definição de verdade interna e verdade externa em Foucault; ✓ Apresentar o filme-doc. ✓ Relacionar o texto de filosofia com o filme-doc, (debate/diálogo).
Metodologia:	✓ Aula expositiva com leitura e discussão do texto, e a exibição do filme-doc para o debate.
Recursos didáticos:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quadro e pincel; ✓ Equipamento de projeção, retroprojetor; ✓ Notebook; ✓ Livro didático; ✓ Atividade impressa.
Avaliação:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Participação dos alunos (diálogo). ✓ Atividades impressas; Análise fílmica e Análise filosófica.
Bibliografia:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ CHAUI, Marilena. <i>Iniciação à filosofia</i>: volume único, Ensino Médio, 3 ed. São Paulo: Ática, 2016. p.114. ✓ FOUCAULT, Michel. <i>A verdade e as formas jurídicas</i>. Rio de Janeiro: Nau, 2002, p.11. <hr/> Filme-doc: <hr/> <ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>Performance do Real</i> – de Túlio de Melo (2020)

3.1.3 Exemplo didático

Essa prática de ensino se desenvolve com a exibição do documentário e os estudos e leitura do texto para um processo de problematização do filme-doc com o texto de Filosofia. Como exemplo didático em uma das aulas, utilizamos o documentário *Performance do real* para o desenvolvimento de um debate em torno de um dos textos da Unidade 3 do livro didático *Iniciação à filosofia* de Marilena Chaui que trabalha sobre o tema “A verdade”. Nesse aspecto, utilizamos partes da narrativa fílmica que faz um questionamento sobre a verdade dos filmes-doc (produção da verdade) diante da relação da atriz/personagem que interpreta a sua própria história, correlacionando com o texto *A verdade e as formas jurídicas* de Michel Foucault. Desse modo, desenvolvemos um diálogo para pensar e problematizar sobre o tema e o filósofo diante dos conteúdos programados pelo livro didático junto com o filme-doc.

3.1.4 Prática educativa

A oficina de cinema se inicia com aulas expositivas, com o intuito de conhecer o campo do cinema. Esta unidade tem como objetivo ampliar os conhecimentos da história do cinema, especificamente do gênero do cinema documentário, para compreender o que é o cinema e como se constitui o seu modo de produção (conhecendo os termos técnicos, profissionais, distinções de gêneros entre outros). Assim, os estudantes poderão desenvolver as atividades dessa unidade por intermédio dos filmes clássicos do cinema documentário (desse modo os alunos assistirão aos filmes, de modo mais íntimo, por conhecer o cinema e o seu modo de produção), ao correlacionar essa exposição dos filmes-doc com os textos da tradição filosófica. O contato com essas atividades e obras do cinema servirá de guia para o processo de criação e produção dos estudantes.

A utilização do cine-doc como instrumento educativo para o Ensino de Filosofia do primeiro momento da *Oficina de Micrometragem Filosófica* está associada às atividades elaboradas pelos cineclubes. Uma prática que não se desenvolve em uma mera exibição de um filme, mas no processo de pós-exibição, com o desenvolvimento de um debate que gira em torno da presença da Filosofia em uma perspectiva de problematização e de crítica. Uma prática cineclubista orientada por uma reflexão sobre o texto filosófico e sobre o filme-doc, que coloca em exercício as três dimensões da

Filosofia segundo Soulages (2016), as dimensões existencial, crítica e conceitual.

Conforme Lourenço:

Os cineclubes surgiram na França na década de 1920, e as bases do primeiro estatuto foram construídas por Louis Delluc sob chancela da revista francesa *Ciné Club*. Os cineclubes eram espaços que privilegiavam a discussão e o debate sobre diferentes obras fílmicas sob uma perspectiva crítica a partir da estética que compunha os filmes da época. (LOURENÇO, 2011, *apud*, REINA, 2016, p. 165).

A aplicação do primeiro momento da oficina, ligada à prática cineclubista, pode modificar o modo da utilização dos filmes em sala de aula diante do aspecto ilustrativo ou, como um mero mediador para o processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, tomar as oficinas nos aspectos dos cineclubes rompe com a barreira da utilização dos filmes de forma superficial e eleva o grau de importância da utilização das duas obras como protagonista no processo da crítica e da reflexão filosófica das aulas de Filosofia, a partir da apresentação do filme-doc e da problematização do texto no ato da exibição e do debate.

Dentro da atualidade, percebe-se que os cineclubes ainda possuem uma função muito importante dentro do cenário educativo, já que nossa sociedade converteu-se em uma civilização técnica sob chancela do capitalismo industrial, que cada vez mais tem um distanciamento e esvaziamento de pensamento crítico das massas. (REINA, 2016, p. 167).

Baseado nos três elementos básicos e fundamentais para o desenvolvimento dos cineclubes: “a apresentação, a exibição e o debate” (REINA, 2016, p. 171), na presença do cinema documentário nas aulas de Filosofia de forma cineclubista, o primeiro momento da oficina entra em consonância com as especificidades da formação do aluno protagonista em sala de aula, no desenvolvimento das habilidades e competência segundo o Itinerário Formativo, uma formação que tem como objetivo o desenvolvimento da autonomia dos jovens estudantes a partir de um pensamento crítico-reflexivo, questionador e criativo. No quadro abaixo, Reina (2016, p.170) faz uma estruturação no modo do uso dos filmes a partir das especificidades cineclubistas.

Apropriação:	Ressignificação:	Reapropriação:
Exibição do Filme	Debate e discussão de ideias e conceitos-imagem presentes no filme	Elaboração de uma nova concepção e entendimento a partir da reflexão sobre os conceitos e ideias

		apresentados na discussão pós-filme
--	--	--

3.1.5 Exercícios do primeiro momento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

Exercícios impressos para as avaliações dos alunos referentes à primeira unidade sobre “conhecendo o cinema” da oficina de cinema documentário do quarto módulo do Itinerário Formativo. Atividades que serão aplicadas após as aulas expositivas dos conhecimentos específicos do campo do cinema. Exercícios referentes às exibições dos filmes clássicos do cinema documentário em conjunto com os textos de Filosofia. Será aplicada um exercício de análise filosófica e um exercício de análise fílmica ao término de cada encontro das oficinas filosóficas nos moldes das práticas cineclubistas.

Atividade 1:

Análise filosófica
Texto de Filosofia: _____ Autor/filósofo: _____
Conceito trabalhado: _____ Ideias fundamentais do autor: _____ _____ _____
Identifique um problema: _____ _____
Discutir e tomar posição sobre o problema: _____ _____ _____

Atividade 2:

Análise fílmica
Título do filme-doc: _____

Direção: _____ Duração: _____ (min) Ano de produção: _____
Breve resumo do filme-doc: _____ _____
Conceito-imagem identificado no filme-doc: _____ _____
Análise crítica sobre o problema que envolve o filme-doc: _____ _____

3.1.6 Dicas de filmes-doc para serem utilizados nas oficinas do Itinerário Formativo

Dicas de documentários para serem trabalhados na primeira unidade do quarto módulo do Itinerário Formativo com base nos conteúdos programados de Filosofia do livro *Iniciação à Filosofia* da Marilena Chaui, disponibilizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação. O livro didático é composto por um volume único, e está dividido em 32 capítulos, organizados em 10 unidades. Na primeira unidade, a autora faz uma introdução à Filosofia e, nas demais unidades do livro, são trabalhados os diversos temas do campo de estudo da Filosofia.

Abaixo seguem indicações com *links* de acesso aos filmes-doc que podem ser utilizados em todas as unidades do livro didático numa posição de diálogo e apoio para o Ensino de Filosofia com o uso do cine-doc referente à prática da primeira unidade do quarto módulo da oficina de cinema.

Filmes-doc e o livro didático <i>Iniciação à Filosofia</i> de Marilena Chaui			
Unidade	Tema	Documentário	link
Unidade 1	A Filosofia	✓ <i>Sociedade do Espetáculo</i> – Guy Debord (1973).	https://youtu.be/q0AJ66Rb-1o
Unidade 2	A razão	✓ <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i> – de Marcelo	https://youtu.be/6HbikYNPOVA

		Gomes. Trailer oficial (2019).	
Unidade 3	A verdade	✓ <i>Performance do Real</i> – de Túlio de Melo. Trailer oficial e o filme completo (2020).	https://youtu.be/HU4dhRSiww8 https://youtu.be/-wjcZUrRS6w
Unidade 4	A lógica	✓ <i>Um homem e uma câmera</i> – de Dziga Vertov (1929).	https://youtu.be/auFNysJG1v0
Unidade 5	O conhecimento	✓ <i>Edifício Master</i> – de Eduardo Coutinho (2002).	https://youtu.be/N_pBwEVL_po
Unidade 6	A metafísica	✓ <i>O giro da folia de cima</i> – de João Luiz Neiva (2008).	https://youtu.be/wOmqaz1pOv4
Unidade 7	A ciência	✓ <i>Nanook O Esquimó</i> – de Robert Flaherty (1922). ✓ <i>A saída dos operários da fábrica</i> – de Lumière (1895). ✓ <i>Coal Face. Civilização-carvão</i> – de J. Grierson (1935).	https://youtu.be/SzFHgrzxGkk https://youtu.be/4jmCFzzCOvw https://youtu.be/_j6x79o2PR8
Unidade 8	A cultura	✓ <i>O corpo é nosso!</i> – de Theresa Jessoroun. Trailer oficial (2019). ✓ <i>Zé onça, relatos de uma memória</i> – de Túlio de Melo	https://youtu.be/neCQ1aZyxyM https://youtu.be/7uL3k4M229g
Unidade 9	A ética	✓ <i>Tire Die</i> – de Fernando Birri (1960).	https://youtu.be/YOhKQxOWr44
Unidade 10	A política	✓ <i>Democracia em vertigem</i> – Trailer oficial do documentário. De Petra Costa (2019). ✓ <i>Now!</i> – de Santiago Álvarez (1965).	https://youtu.be/vwZ5m10y1rQ https://youtu.be/8hC_cUsl7OA

A partir do desenvolvimento do primeiro momento da prática pedagógica, com os conhecimentos do campo do cinema e a utilização dos textos de Filosofia e dos cine-doc como instrumento de mediação para o Ensino de Filosofia, os alunos darão continuidade às atividades referentes às produções de roteiros do segundo módulo do Itinerário Formativo.

3.2 Segundo passo para o desenvolvimento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

No segundo momento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*, os alunos desenvolverão algumas atividades de produção dos micro-docs com o uso dos *smartphones*. A partir do segundo momento das oficinas, o formato de ensino será de produção (protagonismo juvenil), as atividades serão desenvolvidas em grupo. Serão compostos quatro grupos em cada turma, e cada grupo ficará responsável por um texto. Do mesmo modo, os quatro grupos poderão partir do mesmo texto filosófico, porém, colocando problemas e questões diferentes no ato das produções das micrometragens.

Para o desenvolvimento dessas atividades de produção, os alunos passarão por algumas etapas, como:

Aula 1. Discussão e debate sobre o problema;

Aula 2. Concepção inicial das micrometragens filosóficas;

Aula 3. Roteiro das micrometragens filosóficas;

Aula 4. Orientações para as gravações e montagem e edição das micrometragens;

Aula 5. Exibição, discussão e debate sobre os trabalhos.

A partir desse roteiro de produção, os alunos desenvolverão as atividades em grupo para a produção dos micro-docs filosófico, em um formato final de nanometragem e micrometragem, com uma duração entre 45 segundos a 5 minutos no máximo, incluindo a exibição dos créditos e as referências filosóficas.

3.2.1 Plano de ensino do segundo momento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

Plano de aula referente aos três últimos momentos da *Oficina de Micrometragem Filosófica* do Itinerário Formativo

Plano de aula do segundo momento da oficina	
Temas das aulas:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aula 1 – Discussão e debate sobre o problema filosófico. ✓ Aula 2 – Conceção inicial das micrometragens filosóficas. ✓ Aula 3 – Roteiro das micrometragens filosóficas. ✓ Aula 4 – Orientações para gravação, oficina de montagem e edição. ✓ Aula 5 – Exibição e discussão sobre os trabalhos. (cine-escola).
Objetivo geral:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Produção e criação das micrometragens filosóficas com o uso dos <i>smartphones</i>.
Objetivos específicos:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estudar Filosofia. ✓ Desenvolver habilidades do protagonismo do aluno. ✓ Realizar ações criativas. ✓ Estimular o interesse dos alunos para o Ensino da Filosofia. ✓ Desenvolver habilidades de criação e produção de micrometragens de documentários com o uso dos <i>smartphones</i>. ✓ Documentar trabalhos filosóficos.
Metodologia:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aulas expositivas com a participação ativa dos alunos, desenvolvendo um diálogo num formato de laboratório para a produção.
Recursos didáticos e tecnológico:	<p>Recurso para o professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Livro didático; ✓ Quadro e pincel; ✓ <i>Smartphones</i>; ✓ Aparelho de projeção <i>Datashow</i>; ✓ <i>Notebook</i>. <p>Recurso para o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Material didático; ✓ <i>Smartphones</i>; ✓ <i>Notebook</i>, computadores para pesquisa; ✓ Aparatos de gravação; ✓ Acesso à internet.
Avaliação:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Exibição das micrometragens filosóficas produzidas pelos alunos. <p>A exibição das micrometragens será no mesmo espírito dos cineclubes que reger os encontros do primeiro momento. Privilegiando o momento da discussão filosófica (existencial, crítica, conceitual) pelos colegas da classe.</p>
Bibliografia:	<ul style="list-style-type: none"> ✓ CHAUI, Marilena. <i>Iniciação à filosofia</i>: volume único, Ensino Médio. 3 ed. São Paulo: Ática, 2016.

Para o desenvolvimento do segundo momento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*, os alunos são levados a produzir filmes de micrometragens documental filosófico, com base nos estudos e discussões do primeiro momento da oficina. Nessa etapa, os alunos recriarão conceitos segundo Gallo, numa perspectiva diferente do modo tradicional de estudos, leituras e escrita das aulas de Filosofia. Nesse momento, os alunos criarão conceitos em imagem em movimento, após o processo da crítica, da reflexão e da problematização do primeiro momento. Ao dar continuidade ao projeto, os alunos criarão

os micro-docs como atividades complementares ao primeiro momento, produzindo trabalhos referentes aos conteúdos programados do livro didático.

Nessa fase das oficinas, as aulas de Filosofia se desenvolvem em uma perspectiva de ensino prático, ao trabalhar os temas e os conceitos da história da Filosofia, seguindo o livro didático adotado pela escola. Nesse momento, os alunos desenvolverão um processo de criação, no ato do desenvolvimento do protagonismo do aluno, ao elaborar um processo de criação conceitual fílmico. Os *smartphones* dos próprios alunos, servirão como ferramenta para a criação e produção dos micro-docs filosóficos. Para o desenvolvimento da prática do aluno protagonista, no aprofundamento dos conhecimentos do Itinerário Formativo, os alunos terão uma aula prática de produção de micrometragem documental, para ensinar aos alunos a produzir os filmes, e desenvolver o processo de criatividade e criação conceitual (aluno protagonista).

Esse processo educativo permite que o aluno entre no universo da Filosofia por meio da tecnologia presente no mundo cultural dos alunos, uma ferramenta que dificilmente um aluno não tem acesso, e raramente há dificuldades de manipulação do uso dos *smartphones*. Por isso, a importância de tomar essa ferramenta como apoio para o processo de ensino-aprendizagem de forma prática. Nesse processo prático, do desenvolvimento do aluno protagonista da sua própria história, das suas próprias definições e interpretações, diante do contexto histórico e cultural em que o aluno está inserido, essa prática de criação dos micro-docs permite que os alunos desenvolvam habilidades como: o pensamento crítico, a reflexão, a criatividade científica e tecnológica, a iniciativa do aluno protagonista, a autoconfiança, entre outros aspectos ligado à problematização filosófica. Além desses aspectos de formação do aluno, os dispositivos móveis promovem a educação ativa e a popularização da produção cinematográfica.

O desenvolvimento das tecnologias da informação permite que a aprendizagem ocorra em diferentes lugares e por diferentes meios. Por tanto, cada vez mais as capacidades para criar, inovar, imaginar, questionar, encontrar soluções e tomar decisões com autonomia assumem importância. A escola tem um importante papel a desempenhar ao contribuir para a formação de indivíduos ativos e agentes criadores de novas formas culturais. (PCN, 1998, p.140).

3.2.2 Cronograma dos conteúdos para elaboração das oficinas de roteiro

Oficina de roteiro – 30 horas	
Eixo estruturante	Objetos de conhecimentos
2) Eixo Processos Criativos	1. Princípios básicos de produção de roteiro. 2. Tipos de roteiros. 3. Roteiro linear. 4. Roteiro não linear. 5. Roteiro de ficção. 6. Roteiro de documentário. 7. Estrutura do roteiro. 8. Criação do roteiro produzido pelos estudantes.

3.2.3 Atividades 1: Discussão-debate sobre o problema filosófico

Primeiros passos para o processo de criação e produção dos micro-docs filosófico
Pensar e refletir nas argumentações e discussões do primeiro momento da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i> . A relação entre o texto de Filosofia e o documentário.
Pensar em um problema filosófico, alguma questão que o aluno se sentiu afetado de forma logopática.
Pensar no conceito, e dar-lhe um aspecto de imagem: a base do conceito-imagem.
Observar um conceito-imagem e o problema filosófico do texto. Essa relação, desenvolveu algum posicionamento crítico ou reflexivo sobre um outro problema externo?
Depois de pensar em todas essas questões, que envolvem a relação inicial entre o texto de Filosofia e o documentário, chegou o momento de pensar em um problema e uma questão para o processo inicial do roteiro do micro-docs filosófico.
Definir com os alunos o tema (problema-questão filosófica) e a proposta dos alunos para o desenvolvimento das atividades de produção e criação dos microfilmes-doc filosófico produzido por eles.
Definir com a turma a divisão dos grupos, com uma organização de quatro grupos. Cada grupo ficará responsável por um dos textos trabalhados no primeiro momento da oficina. O desenvolvimento das atividades em grupo facilitará a produção dos microfilmes-doc, desse modo, cada aluno poderá ficar responsável por uma atividade de produção.

3.2.4 Atividades 2: Orientações sobre o cinema documentário

Concepção inicial sobre cine-documentário e sobre as micrometragens filosóficas	
Discussão prévia sobre cine-doc.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O que é um cinema documentário. ✓ Características do cine-doc. ✓ Relação e distinção entre o gênero documental e a ficção. ✓ Ideias e dicas para a produção dos microfilmes-doc filosóficos desenvolvidos pelos alunos.

3.2.5 Atividades 3: Desenvolvimento do roteiro filosófico do micro-doc

Conteúdos para elaboração do roteiro – pesquisa	
O roteiro é o desenvolvimento de um texto guia para o processo de gravação com informações técnicas e filosóficas de forma detalhada para produção da obra.	
a) Determinação do problema filosófico (conceito-ideia) e pesquisa.	Pensar em todas as questões que envolvem o problema filosófico que será trabalhado no micro-doc. É necessário desenvolver essa atividade de reflexão sobre o problema a partir da escrita, fazendo anotações por tópicos de todos os pontos relevantes de forma detalhada que envolvem o tema-problema do micro-doc (essa atividade estimulará os alunos a fazerem novas pesquisas sobre o tema além dos textos do livro didático).
b) Articulação das ideias e escrita do roteiro prévio.	Fazer uma prévia organização das ideias já pré-definidas com: uma Introdução, o Desenvolvimento da narrativa, o Clímax do micro-doc e o Desfecho.
c) Descrição das imagens do roteiro prévio.	A partir da pesquisa e da escrita, o aluno fará a descrição das imagens que irão compor o micro-doc, com a utilização ou não das entrevistas e depoimentos dos personagens, o uso da narração em <i>off</i> , com uma voz que narra os fatos e a trilha sonora.
d) Decupagem e o roteiro final.	A decupagem é o processo final do roteiro do micro-doc, nesse momento os alunos já fizeram toda a captação das imagens e têm todo o material do filme em mãos para o processo final de montagem e edição do microfilme-doc.

3.2.6 Atividade 4: Escrita do roteiro

A escrita do roteiro para produção do micro-doc pode estar articulada em cinco etapas	
1.	Fatos: um texto que apresenta a história geral do micro-doc, pontuando os principais fatos e relatos que justifiquem a importância da documentação de tais fatos.
2.	O filme: um texto que apresenta a ideia e o objetivo central do filme. E, como o filme será estruturado, qual o modo de gravação e o estilo de documentação que os alunos utilizarão.
3.	Influências: um texto que apresenta as principais influências do micro-doc. Influências que fizeram com os alunos se sentiram motivados a gravar. Em qual contexto histórico e cultural essa narrativa será conduzida.
4.	As imagens: um texto que apresenta a descrição das cenas e imagens do filme. Como o micro-doc se inicia até os momentos finais.
5.	A problemática: um texto que apresenta os pontos principais que serão abordados no micro-doc. A questão filosófica, o texto de base e toda a referência utilizada para produção do filme.

3.2.7 Atividade 5: Roteiro para gravação

Exemplo da descrição das imagens escrita no roteiro para gravação	
Exemplo 1	Cena 1 / Sítio Novo / Externo – dia Dona Maria fala sobre o seu casamento (depoimento)
Exemplo 2	Cena 2 / Casa de Antônio / Interno – dia Antônio conta como conheceu Maria (depoimento)
Exemplo 3	Cena 3 / Sítio Novo / Externo/Interno – dia Imagens do dia a dia de Antônio e Maria “Som ambiente dos animais que Antônio e Maria criam”

O momento da escrita do roteiro dos micro-documentos, pensado e produzido pelos alunos, é um dos momentos mais importantes do processo de criação da obra fílmica documental. Nessa aula, os alunos já tiveram um contato prévio com o texto de Filosofia, e já circunscreveram o problema filosófico. Já se sentiram afetados e motivados de forma logopática pelo filme-doc e pelo texto de Filosofia do primeiro momento. Desse modo, o aluno já terá em mente uma problemática a ser repensada por ele em imagens em movimento, no processo subsequente de produção do micro-doc com o uso dos dispositivos móveis.

O roteiro de um filme nasce quando é preciso contar uma história, e para contar essa história é preciso pensar no melhor modo de contá-la. Independentemente da história e do texto de Filosofia escolhido pelo aluno, é importante que os alunos façam a escrita do roteiro para a releitura que ele fará na produção do seu microfilme-doc filosófico. Um dos primeiros passos, é o processo da pesquisa do problema, do conceito e do texto de Filosofia, dos quais o aluno irá fazer a sua releitura num processo de conceituação, na perspectiva de Gallo.

A partir da pesquisa, o aluno irá desenvolver a habilidade da criatividade, da crítica e da reflexão, diante das ideias e possibilidades que ele terá para a produção do seu micro-doc. Nesse momento, após o ato da problematização, o aluno irá pensar em todas as imagens que irão compor o seu micro-doc filosófico, irá supor ideias e imaginar tudo o que ele quer no seu filme. Nesse momento, o aluno faz a sua pesquisa, constrói a sua pauta, o seu recorte e a sua narrativa para a composição geral do roteiro do micro-doc, para produzir uma história da melhor maneira.

Após a pesquisa e a escrita, a gravação das imagens e do som, vem o processo da decupagem, o momento de criação de um novo roteiro já no processo de montagem das imagens, pensado no primeiro momento da criação do roteiro. Na decupagem, os alunos irão estudar e escrever todas as imagens captadas por eles, a partir dos dispositivos móveis. Normalmente os filmes-doc trabalham com dois roteiros, o primeiro antes das gravações (roteiro prévio) e o segundo após a captação das imagens (roteiro final). Por isso, o documentário é um roteiro aberto, aberto não pela inexistência do roteiro, mas porque ele pode ser modificado no processo de produção e gravação do doc.

Para facilitar o trabalho dos alunos, no melhor modo de contar a sua história com a organização do início, meio e fim da obra fílmica, abaixo tem um exemplo de como os alunos poderão organizar as imagens do roteiro para o processo de montagem e edição.

Exemplo de um roteiro do micro-doc:

Roteiro das imagens do micro-doc – Organização para decupagem	
Vídeo	Áudio
Cena 1: descrição das imagens	Descrição do áudio, com a utilização de trilha, voz <i>in-off</i> , sem áudio ou som ambiente.

Para as atividades referentes à criação de roteiro, cada grupo terá que desenvolver uma atividade de escrita de roteiro com as referências filosóficas que os alunos trabalharão no seu micro-doc. Nessa etapa, os alunos desenvolvem atividades relativas à produção, tais como, a prática da escrita, da pesquisa e da criatividade de um aluno protagonista, ao desenvolver um roteiro de uma narrativa documental com base na Filosofia.

3.2.8 Atividade 6: Atividade de roteiro

Atividade de produção de roteiro do micro-doc – Atividade escrita desenvolvida pelos alunos	
1) Fatos_____	_____

2) Filme_____	_____

3) Influências_____	_____

4) Imagens_____	_____

5) Problemática_____	_____

3.3 Terceiro passo para o desenvolvimento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

Oficina de produção – 30 horas	
Eixo estruturante	Objetos de conhecimentos
3) Eixo Mediação e Intervenção Sociocultural	1. Adaptação do roteiro para gravação. 2. Dicas para filmagem. 3. Equipamento de gravação. 4. Enquadramentos. 5. Iluminação. 6. Som/áudios. 7. Trilha sonora. 8. Características específicas de produção do cine-doc

3.3.1 Atividade 1: Orientações para produção dos micro-doc

Conteúdos para processo de produção dos microfilmes-doc com os <i>smartphones</i>	
1) Melhor uso e posicionamento da câmera	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O melhor modo e a posição correta da utilização da câmara do celular, (horizontal); ✓ Equipamentos que podem ser utilizados pelos alunos na gravação das imagens. (Tripé, pau-de-selfie, ou até mesmo, uma improvisação desses equipamentos).
2) Dicas para utilização da Luz	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Evitar gravar a noite, e não utilizar o modo noturno do <i>smartphone</i>; ✓ Evitar o iso alto, o que diminui a qualidade do filme; ✓ Evitar gravar contra a luz, observar a variação das luzes; ✓ Utilizar do melhor modo e posicionamento das luzes naturais para produção das imagens.
3) Fotografia	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Um estudo prévio dos posicionamentos das cenas que serão gravadas; ✓ Evitar movimentações bruscas nas imagens para não perder o foco e a qualidade da cena; ✓ Posicionamentos das imagens; ✓ Evitar o foco automático, o melhor modo para gravação é a utilização do foco manual.
4) Planos e enquadramentos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Grande plano geral – um plano mais amplo entre o personagem e o ambiente; ✓ Plano geral – o personagem aparece de corpo inteiro, com os pés e a cabeça bem próximo às extremidades da tela; ✓ Plano americano – a imagem enquadrada do joelho para cima; ✓ Plano médio – um pouco acima do umbigo até a extremidade da tela; ✓ Primeiro plano – enquadramento um pouco abaixo do peito para cima, até a extremidade da cena. Um foco maior no personagem com maior proximidade;

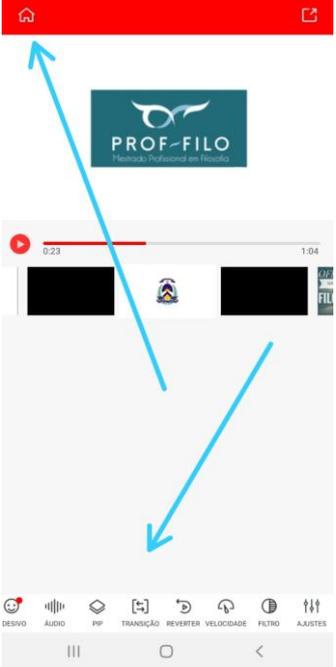
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Primeiríssimo primeiro plano – um enquadramento para focar nas expressões faciais do personagem; ✓ Plano detalhes – alguma cena que utiliza como complemento, com foco bem fechado em algum detalhe importa para a cena; ✓ Plano conjunto – esse plano tem o mesmo enquadramento do plano americano e serve para gravação de cenas em conjunto, ou gravação de entrevistas.
5) Áudio/som	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar o ambiente das gravações para evitar o eco na captação das imagens; fazer testes de som; ✓ Evitar ambiente com muitos ruídos externos; ✓ Se possível, para uma melhor captação do áudio, utilizar um gravador externo ao celular.
6) Dicas de gravação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Adaptação do roteiro escrito pelos alunos para as filmagens; ✓ Dicas de gravação dos microfilmes-doc com base nos formatos dos filmes documentários.

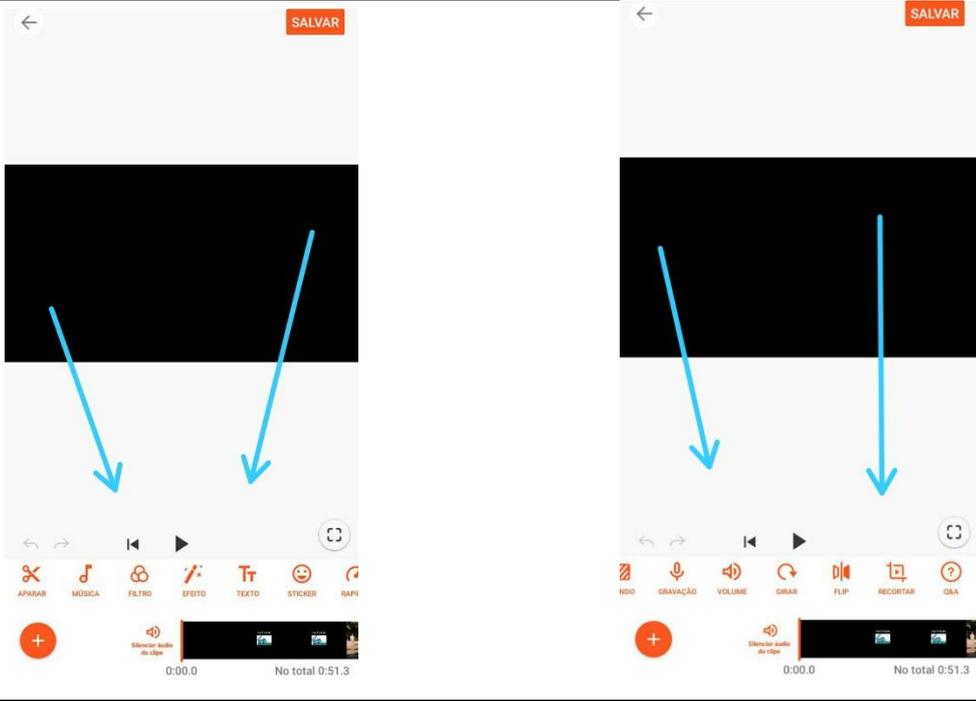
3.4 Quarto passo para o desenvolvimento da *Oficina de Micrometragem Filosófica*

Produção do filme – 20 horas	
Eixo estruturante	Objetos de conhecimentos
4) Eixo Empreendedorismo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gravação. 2. Manuseio dos aplicativos que os estudantes utilizarão para produção. 3. Montagem. 4. Edição. 5. Exibição do trabalho final. (cine-escola).

3.4.1 Atividade 1: Planos de montagem e edição dos micro-doc

Aplicativos para montagem e edição dos filmes-doc para <i>smartphones</i>	
	
FilmoraGo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aplicativo gratuito para <i>downloads</i> no <i>Play Store</i>. ✓ Um <i>app</i> simples, com ferramentas essenciais para edição, de fácil acesso.

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ No processo de edição das imagens, o <i>app</i> não salva com marca d'água, porém, a versão gratuita finaliza a edição com uma vinheta que pode ser facilmente removida. ✓ Edição geral. O <i>app</i> oferece opções como: temas com animação, adição de músicas (trilha sonora), modelos de transição das imagens, opção de formatação do quadro do filme. ✓ Edição específicas. Possui as opções de corte das imagens, crop modificação manual do formato das imagens, adição de títulos, sobreposições de imagens, adição e controle do áudio, filtros, efeitos títulos, velocidade, opção rodar, duplicar e ajuste manual da coloração e iluminação das imagens, entre outras opções.
 <p>The screenshot shows the main editing interface of the Prof-Filo app. At the top, there is a red navigation bar with a home icon and a share icon. Below it is the 'PROF-FILO' logo. The main area displays a video preview with a progress bar from 0:23 to 1:04. At the bottom, there is a toolbar with icons for 'DESFO', 'ÁUDIO', 'PIP', 'TRANSIÇÃO', 'REVERTER', 'VELOCIDADE', 'FILTRO', and 'AJUSTES'.</p>	 <p>The screenshot shows the 'DEFINIÇÕES' (Settings) menu. It is organized into sections: 'CONTA' (Account) with fields for 'Usuário' (demelo.tulio@yahoo.com.br) and 'Sair'; 'PADRÃO' (Default) with settings for 'Duração da Foto' (5,0 sec), 'Animação da Foto (Ken Burns)' (disabled), 'Duração da Transição' (1,0 sec), 'Resolução do Vídeo' (HD 1280*720), and 'Fundo do Vídeo' (Desfocar); 'ADORE-NOS' (Love Us) with options for updates, ratings, and comments; and 'SOBRE' (About) with links for terms of service, privacy policy, and mobile app.</p>
<p>Vlogit</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Um aplicativo gratuito para <i>downloads</i> no <i>Play Store</i>. ✓ Salva os filmes sem marca d'água e com alta resolução. (HD – 1280*720 e FULL HD – 1920*1080). ✓ Controle de duração da foto e controle do tempo das transições das imagens. ✓ Edição geral; adição de texto com animação, adesivos, áudio, sobreposição, transição, reverter edição, controle de velocidade, filtros e ajustes da coloração e iluminação das imagens. ✓ Edição específicas; aparar cortar imagens, divisão de imagens, captura de imagens, cortar, rodar imagens, movimentação, duplicação e volume.

	
<p><i>YouCut</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Um aplicativo gratuito para <i>downloads</i> no <i>Play Store</i>. ✓ Opções de: aparar, música, filtros, adição de textos, sticker, rapidez controle de velocidade, fundo, gravação de áudio, volume, girar as imagens, flip, recortar. ✓ Opção de tutorial do <i>app</i>, uma opção que ensina como fazer as edições. ✓ Fundo, uma opção que dá possibilidades de proporção do quadro. <ul style="list-style-type: none"> ✓ A versão gratuita salva os vídeos sem a marca d'água.
<p><i>CapCut</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aplicativo para legendar o micro-doc, em português e em outras línguas. ✓ Adição de textos, entre outras funções.

3.4.2 Atividades 2: Exibições dos micro-docs dos alunos filósofos-cineastas – em uma sessão cine-escola

<p>Atividades finais da <i>Oficina de Micrometragem Filosófica</i> desenvolvida pelos alunos filósofos-cineastas</p>
<p>1. Exibição do micro-doc. A exibição dos micro-docs produzidos pelos alunos podem estar articulados em dois formatos. 1. Sessão cine-escola em sala de aula com a turma que desenvolveu os trabalhos. 2. Sessão cine-escola no espaço escolar com toda comunidade estudantil, esse formato pode estar articulado em algumas programações ou eventos organizados pela escola, como, por exemplo, encontro estudantis, feiras de ciência e tecnologia entre outros eventos pedagógicos. (Os filmes devem ser exibidos no formato das salas de cinema, salas preparadas, escuras, para a projeção das micrometragens com <i>datashow</i>).</p>
<p>2. Desenvolvimento de um diálogo, uma discussão e debate após-exibição nos moldes dos cineclubes.</p>

3. Entrega do trabalho escrito, ficha técnica dos micro-docs exibido na sessão cine-escola. Esse trabalho deve ser entregue antes da exibição ou logo após a exibição para auxiliar o debate após a exibição.

3.4.3 Atividade 3: Ficha técnica dos micro-docs – atividade final

Atividade final – Ficha técnica	
Nome do documentário:	
Duração e ano de produção:	
Nome completo dos estudantes/equipe: (Produção).	
Aluno responsável pela direção:	
Alunos responsável pelo roteiro:	
Aluno responsável pela fotografia:	
Aluno responsável trilha sonora:	
Alunos responsável pela edição:	
Outros:	
Sinopse do filme: (até 15 linhas)	

3.4.4 Micro-documentário *Fundição 360°*

O micro-doc *Fundição 360°* é um doc que pode ilustrar todos os recursos didáticos indicados acima para produção dos filmes da prática educativa da *Oficina de Micrometragem Filosófica* do Itinerário Formativo. Esse filme foi produzido por um *smartphone* J6+ (um aparelho considerado ultrapassado). E, toda a produção do doc foi operada por esse único *smartphone*: a captação das imagens, a captação do áudio e a utilização de todos os *apps* de montagem e edição de imagens indicados acima pelo cronograma de ensino da oficina do Itinerário Formativo. Toda a produção durou pouco mais de uma semana.

Ficha técnica:



Micro- doc *Fundição 360°*

Direção: Túlio de Melo

Roteiro: Túlio de Melo

Ano: 2019

Duração: 3' min.

<https://youtu.be/zfvj1cPhX1E>

Sinopse:

O documentário *Fundição 360°* é um filme que mostra algumas etapas dos processos de fundição de alumínio. Uma das profissões mais antigas da humanidade que permanece viva até os dias de hoje com o seu modo de produção milenar.

A produção do micro-doc serviu como laboratório de pesquisa seguindo todos os passos das orientações como: o desenvolvimento prévio do roteiro, as características dos cine-doc, as orientações para produção dos filmes-doc com o uso dos *smartphones* e o processo final de montagem e edição do filme. Esse filme foi selecionado para o IV Festival de Cinema Estudantil de Palmas – *Você na Tela*, o filme foi finalista ao prêmio na categoria de melhor filme universitário.

A escrita do roteiro inicial foi pensada a partir dos conteúdos programados do livro didático que prevê os conhecimentos num aspecto geral da técnica e do ofício. Adaptamos esses termos a uma prática de trabalho atual, porém, com aspectos milenares, a técnica-ofício da fundição. No campo da Filosofia, podemos repensar a prática da fundição, a partir do conceito de técnica (*techné*) na história da Filosofia, como a possibilidade humana de modificar e transformar a natureza por uma finalidade, entre outras inúmeras possibilidades interpretativas filosóficas.

O micro-doc *Fundição 360°*, em suas imagens, permite essa reflexão filosófica sobre o conceito-imagem pensado em sua narrativa sobre a técnica, as possibilidades humanas de transformação da natureza e a finalidade dessas tais transformações. Essa prática de ensino, ao elaborar uma narrativa fílmica com a produção dos micro-docs, diante do aprofundamento dos conhecimentos dos alunos da Área de

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, prevê, em Habilidades e Competências, o aprendizado sobre os conhecimentos do indivíduo, da natureza, da sociedade, da cultura, da política, do trabalho entre outras habilidades e competências indicadas pela BNCC. Além disso, essa prática da produção do micro-doc permite o desenvolvimento do aluno ativo e protagonista da sua própria história.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo a elaboração de um método de ensino ligado à Filosofia do cinema, em relação com as habilidades e competências do novo documento curricular das escolas do Tocantins. A produção do Itinerário Formativo teve como finalidade o desenvolvimento do aluno protagonista, o aluno filósofo-cineasta. Esta pesquisa, também, se propôs a fazer uma análise de um conjunto de elementos que fizeram com que o cenário do Ensino de Filosofia ficasse prejudicado e desprestigiado para uma grande parte dos estudantes do Ensino Médio, diante, entre outros elementos, do famoso entra e sai da Filosofia no currículo escolar no Brasil. Uma realidade que nos levou a uma reflexão em torno da necessidade de se buscar por uma alternativa para o ensino para a Filosofia.

Desse modo, a partir de uma experiência pessoal, ao observarmos que a realidade atual do Ensino de Filosofia continua debilitada, entendemos que há a necessidade de oferecer propostas para mudar esse cenário. Assim, elaboramos um novo modo de ensinar e aprender Filosofia, valendo-nos do atual cenário cultural e tecnológico-midiático, para a elaboração de uma prática educativa ligada às tecnologias, às imagens e ao cinema. Dessa maneira, desenvolvemos uma metodologia de ensino ligada à Filosofia do cinema documentário.

Com esse propósito, nos apropriamos do gênero da cinematografia documental para produção de uma metodologia de ensino diferente do modo tradicional limitado à leitura, à interpretação e à escrita de textos filosóficos. Esse novo método de ensino visa elaborar uma prática educativa que possa romper, em parte, com essas práticas tradicionalistas do Ensino de Filosofia, que o mantêm preso a vários aspectos da negação da Filosofia observados em nossa experiência pessoal.

Para estabelecermos uma alternativa para o Ensino de Filosofia, pensamos em uma prática educativa em que os alunos pudessem desenvolver algumas atividades “práticas” ligadas ao cinema e à Filosofia. Nesse caminho, desenvolvemos um método de ensino ligado à prática das oficinas de cinema, tanto para conhecer como para produzir cinema, colocando os filmes documentários e sua produção em diálogo com os conteúdos de Filosofia.

Nomeamos essa prática educativa da oficina de cinema documentário: *Oficina de Micrometragem Filosófica*, uma atividade de Filosofia ligada à produção cinematográfica.

No decorrer da pesquisa, surgiu a possibilidade dessa prática educativa, que estava em curso, compor o novo documento curricular do Ensino Médio para as escolas do Tocantins, a partir da nova formulação do ensino no país. Desse modo, essa prática educativa integrou o novo documento curricular com o quarto módulo dos Itinerários Formativos da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicada, como alternativa que os alunos terão para o aprofundamento dos conhecimentos nessa área.

Assim, em decorrência da elaboração dessa pesquisa, com a criação de uma nova metodologia de Ensino de Filosofia com o cinema, a proposta educativa sempre teve a finalidade de ensinar Filosofia de um modo diferente do tradicional, ao desenvolver uma proposta educativa que dialogasse com o mundo cultural e midiático dos alunos. Quando desenvolvemos a mesma linguagem entre o professor e o aluno, e quando observamos que há uma modificação daquilo com que os alunos já estão acostumados, há uma interação maior do que o habitual.

Essa modificação do ensino pode trazer grandes resultados, quando observamos que esse recurso didático pode interagir de forma positiva a partir das habilidades e ferramentas que são utilizadas pelos alunos diariamente (*smartphones*). Essa prática permite que os alunos se sintam mais íntimos e interligados com o Ensino de Filosofia.

Essa intimidade afetiva, que essa prática permite com uso das tecnologias para produção dos micro-docs, possibilita o desenvolvimento do “aluno protagonista” da sua própria história e a formação filosófica, ao trabalhar os conceitos da história da Filosofia por meio do cinema documentário.

Aluno filósofo-cineasta

Um dos objetivos centrais da pesquisa ao elaborar uma prática educativa para o Ensino de Filosofia ligada ao cinema documentário é propor uma alternativa ao ensino tradicional, promovendo a liberdade para os alunos aprenderem os conteúdos programados, a partir do uso das tecnologias, da autonomia, da emancipação intelectual e da criatividade do aluno protagonista do seu próprio saber (vivências e experiências de vida). O resultado dessa atividade prática é a formação do aluno filósofo-cineasta, aquele aluno que dispõe dos meios para ser o protagonista das suas próprias histórias, ao se posicionar de forma crítica-reflexiva sobre um trabalho filosófico-cinematográfico.

O aluno filósofo-cineasta tem liberdade, iniciativa e autonomia para desenvolver um trabalho educativo de forma criativa, a partir da sua visão, da sua cultura ao trazer as suas vivências culturais para o seu processo criativo. Esse aluno domina, de forma natural (como um aspecto da sua cultura), o uso das tecnologias, dos aplicativos de montagem e edição, e tem uma voz ativa em seus perfis midiáticos. Esse cenário permite que o aluno filósofo-cineasta desenvolva uma atividade filosófica-cinematográfica com maior interação e facilidade, ao produzir uma atividade ligada às ferramentas tecnológica-midiáticas, que a grande maioria dos alunos já utiliza diariamente em sua vida social.

Desse modo, diante da proposta prática das oficinas durante as aulas de Filosofia, os alunos serão filósofos-cineastas no ato da produção dos seus micro-filmes documentais filosóficos, produzidos com o uso dos seus próprios *smartphones*. Os alunos protagonistas trabalharão nas oficinas como pensadores e produtores de cinema, criando filmes documentais numa perspectiva de jovens filósofos-cineastas. Ao efetuarem essa prática de ensino, na esteira de Gallo, trabalhando os conceitos clássicos da Filosofia com base na produção dos micro-docs, os alunos estarão criando ou recriando conceitos por meio da produção de imagens, a partir das suas produções filosóficas-cinematográficas.

No ato da produção do documentário (conceituação), os alunos serão levados a documentar os conceitos filosóficos, os fatos-histórias narradas por eles, conforme o seu modo de pensar. Essa prática permite que o aluno protagonista desenvolva uma narrativa própria, como alternativa à atividade escrita de interpretação. Nessa prática, de produção de documentários, há uma liberdade que é dada aos documentaristas, para documentar e contar histórias ao seu modo, ao apresentar um roteiro à sua maneira (a partir do ponto de vista do documentarista). Desse modo, na produção dos seu micro-documentos, os jovens filósofos-cineastas terão independência para documentar, à sua maneira, a realidade-verdade, a partir da sua realidade social (interpretação particular do aluno).

Há uma interpretação pessoal do diretor, por trás da produção do documentário (tratamento criativo), e essa interpretação é dada no ato de representação da realidade. Ao pensar na prática dos alunos nas oficinas, os alunos protagonistas terão a liberdade e autonomia para trabalhar os conceitos da tradição no momento da produção dos microfilmes-doc. Diante dessas circunstâncias, os alunos poderão produzir conceitos fundados nas imagens em movimento no processo da conceituação.

A atuação do diretor (aluno), como protagonista no processo de produção do documentário, está no modo com que o cineasta utilizará os recursos disponíveis para

contar a sua história, em relação à sua problemática filosófica. Ou seja, o diretor tem um pré-roteiro a ser produzido antes da gravação (estudo e pesquisa do texto de Filosofia). Nesse contexto, o aluno irá conduzir essa tal história à sua maneira, conforme o seu modo de pensar, guiado pelo texto, produzindo as imagens com intuito de atingir o seu objetivo como produtor de cinema (filósofo-cineasta). O cineasta (aluno) criará as suas próprias características e a sua técnica, o que constituirá na sua identidade como diretor e produtor de cinema. Então, conforme o seu modo de contar histórias, o seu roteiro será conduzido a partir das suas próprias características, da sua visão diante da produção dos documentários filosóficos (criando e recriando conceitos).

O objetivo dessa prática educativa é dar voz, liberdade e autonomia para que os alunos interajam, produzam e se sintam em intimidade com a Filosofia, a partir do uso das tecnologias. Essa prática permite a formação do aluno filósofo-cineasta. Ao longo da pesquisa, desenvolvemos uma metodologia de ensino que tivesse como objetivo o desenvolvimento de uma linguagem comum ao professor e ao aluno, com a finalidade de uma formação filosófica-cinematográfica, a partir das oficinas do Itinerário Formativo, criando-se um novo modo de dar aulas de Filosofia ligada à arte do cinema e à formação do aluno filósofo-cineasta.

Pensar em uma Filosofia viva é pensar em novas práticas de ensino-aprendizagem para a Filosofia, à frente de todos os aspectos históricos e políticos que se refletem, hoje, na prática da disciplina na escola. Ao desenvolver uma prática que interage com o universo dos alunos, com os seus aspectos culturais e tecnológicos, na presença de uma Filosofia do cinema, esse exercício é capaz de enriquecer o Ensino de Filosofia com novas práticas, por meio da imagem e do cinema documentário.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, Santiago. *O jornalismo cinematográfico*. In: LABAKI, Amir (org.). **A verdade de cada um**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. P. 171-181.

BAZIN, André. *Ontologia da imagem fotográfica*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. In: *O que é o cinema?* São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 27-34.

BERNARDET, Jean-Claude. *Documentário de busca: 33 e passaporte húngaro*. In: MOURÃO, Maria; LABAKI, Amir (orgs.). **O cinema do real**. 1º edição. Cosac Naify Portátil. São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 209-230.

_____. **O que é cinema**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.

_____. *O que é cinema*. In: BERNARDET, Jean-Claude; ROSSI, Clóvis; KNAPP, Wolfgang. **O que é Jornalismo, Editora, Cinema**. Coleção primeiros passos – volume 10. Editora Círculo do Livro, 1993. P. 122-185.

BIRRI, Fernando. *O manifesto de Santa Fé*. In: LABAKI, Amir (org.). **A verdade de cada um**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. P. 169-170.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Resolução CNE/CEB nº. 15, de 01 de junho de 1998a. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação nº. 15/98, disponível em <http://portal.mec.gov.br/programa-curriculo-em-movimento-sp-1312968422/legislacao>. Acesso em 27 de abril de 2020.

BRASIL, Lei Darci Ribeiro (1996). **LDB: Lei de diretrizes e base da educação nacional**: Lei n. 9. 394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e base da educação nacional. – 13. Ed. Brasília: Câmara dos deputados, 2016.

BRASIL, Medida provisória nº 746, de setembro de 2016. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 set. 2016, seção 1, nº184 – A.

BRASIL. Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998b. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação nº. 3/98. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf. Acesso em 27 de abril de 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Secretaria da Educação e Tecnológica. Brasília/DF: Ministério da Educação, 1999.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Secretaria da Educação e Tecnológica. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2000.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Secretaria da Educação e Tecnológica. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In.: BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Secretaria da Educação e Tecnológica. Brasília/DF: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Lei nº 11.684, de junho de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/20008/lei/11684.htm. Acesso em 30 de setembro de 2018.

BORGES, Luís Ribeiro. 1960-1980, **o cinema à margem**. Campinas: Papyrus, 1983.

CHALUH, Laura Noemi. *Filmes na formação de futuros professores: educar o olhar*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.28, n.02, p. 133-152, jun. 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: A imagem-movimento**. Tradução: Stella Senra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. **Cinema 2: A imagem-tempo**. Tradução: Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

CABRERA, Julio. **De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre o cinema e a filosofia**. São Paulo: Nankin, 2007.

_____. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Trad. Rytta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Cine:100 Años de Filosofía**. Gedisa Editorial, Barcelona, 2008, 4ª edição.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**: volume único. 3 ed. São Paulo: Ática, 2016.

DI TELLA, Andrés. *O documentário e eu*. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir Labaki (orgs.). **O cinema do real**. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 95-114.

FLAHERTY, Robert. *Como filmei Nanook, o esquimó*. In: LABAKI, Amir (org.). **A verdade de cada um**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. P 20-29.

FERREIRA, Oscar Manuel de Castro. **Recursos audiovisuais para o ensino**. São Paulo: EPU, 1975.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

REINA, Alessandro. **Cinema e filosofia: ensinar e aprender filosofia com os filmes**. Curitiba: Juruá, 2016.

PLATÃO. **A república**. Trad. de Erico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultura, 1997.

SOULAGES, François. *Introdução geral filosofia e fotografia*. Trad. Leon Farhi Neto. *Revista Perspectivas*, Palmas, vol. 1, nº 2, 2016, p. 110-129.

WINSTON, Brian. *A maldição do “jornalístico” na era digital*. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (orgs.). **O cinema do real**. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 13-30.

KIESLOWSKI, Krzysztof. *Sobre o filme documentário*. In: LABAKI, Amir. **A verdade de cada um**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. P. 231-232.

Sites consultados:

LABAKI, Amir. 25º Festival Internacional de Documentários. *É Tudo Verdade, It's All True*. Disponível em: <http://etudoverdade.com.br/br/home/> Acesso em: 08 de outubro, 2020.

SAYÃO, Rosely. *Educação como produto*. Publicado na Folha de São Paulo em 14/02/2008 acessado em: <http://www.contee.org.br/noticias/artigos/art68.asp> último acesso: 24/08/2020 às 17:48.

Filmes:

A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO (documentário). Direção: Guy Debord. Produzido por; Simar films, 1973 (88 min.). Disponível em: <https://youtu.be/q0AJ66Rb-1o>

DEMOCRACIA EM VERTIGEM. Dir. Petra Costa. 2019. Trailer disponível em: <https://youtu.be/vwZ5m10y1rQ>

EDIFÍCIO MASTER. Dir. Eduardo Coutinho. 2002. Disponível em: https://youtu.be/N_pBwEVI_po

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR. Dir. Marcelo Gomes. 2019. Trailer disponível em: <https://youtu.be/6HbikYNPOVA>

FUNDIÇÃO 360°. Dir. Túlio de Melo. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/zfvj1cPhX1E>

LA SORTIE de l'usine Lumière à Lyon (1895) - Frères Lumière. Disponível em: <https://youtu.be/4jmCFzzCQvw>

NANOOK, de Robert Flahert y (1922, 79 min). Disponível em: <https://youtu.be/SzFHgrzxGkk>

NOW. Dir. Santiago Álvarez. (1965, 5 min.). Disponível em: <https://youtu.be/HdJ55btcKG8>

PERFORMANCE DO REAL. Dir. Túlio de Melo. Co-produção *Núcleo de Produção Digital* – NPD da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Brasil 2020, (1 h. 17 min.). Trailer disponível em: <https://youtu.be/HU4dhRSiuv8>

TIRE DIÉ. Dir. Fernando Birri. 1960. Disponível em: <https://youtu.be/YOhKQxOWr44>

O CINEMA E A REALIDADE DO TRABALHO. Coa l Face (1935, 11 min) de Alberto Cavalcanti (música Benjamin Britten). Civilização carvão. Produção de J. Grierson. Disponível em: <https://youtu.be/j6x79o2PR8>

O CORPO É NOSSO!. Direção: Theresa Jessouroun. (Documentário). Produzido por; Globo filmes, 2019 (1h e 25min.). Trailer disponível em: <https://youtu.be/neCQ1aZyxyM>

O GIRO DA FOLIA DE CIMA. Dir. João Luiz Neiva. 2008. Disponível em: <https://youtu.be/wOmqaz1pOv4>

UM HOMEM É A CÂMERA. Dir. Dziga Vertov. 1929. Disponível em: <https://youtu.be/auFNysJG1v0>

ZÉ ONÇA, RELATOS DE UMA MEMÓRIA. Dir. Túlio de Melo. 2021 (17'01 min). Disponível em: <https://youtu.be/7uL3k4M229g>

(ANEXOS 1)

TRILHA DE APROFUNDAMENTO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS “UMA IDEIA NA CABEÇA E UMA CÂMERA NA MÃO”

(ANEXOS 1)



Governo do Tocantins
Secretaria da Educação, Juventude e Esportes
TRILHA DE APROFUNDAMENTO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
“UMA IDEIA NA CABEÇA E UMA CÂMERA NA MÃO”

Autoria
Cláudio Carvalho Bento
Eduardo Ribeiro Gonçalves
Getúlio Barros de Melo
Willian Costa de Medeiros

Equipe da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Cláudio Carvalho Bento (Sociologia)
Willian Costa de Medeiros (Filosofia)

Seduc – Tocantins-TO, 2020

EMENTA DA TRILHA DE APROFUNDAMENTO

TÍTULO: UMA IDEIA NA CABEÇA E UMA CÂMERA NA MÃO

RESUMO: O Itinerário é um conjunto de atividades que envolvem teoria e prática para aprofundamento na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA) com a área de Linguagens e suas Tecnologias ao trabalhar competências e habilidades ligadas às tecnologias da comunicação e informação. Este Itinerário poderá ajudar o estudante a superar dificuldades da oralidade (ao desenvolver habilidades de comunicação), bem como da escrita (por meio das produções textuais para a mídia) e ainda ampliar as possibilidades de uso de equipamentos como aparelho celular, máquina fotográfica com criatividade e ainda, avançar na produção de filmagens e edições de textos de imagens. Para o desenvolvimento da autonomia e criticidade frente às informações, também é necessário ter competências para distinguir o que é falso do que é verdadeiro ou aquilo que traz uma crença ideológica intencionalmente produzido para atingir algum fim político partidário. Além do conhecimento na área de CHSA, o Itinerário potencializará estudante na arte do cinema e valorizará as iniciativas para o desenvolvimento de trabalhos criativos cinematográficos de cunho educativos para o bom convívio social, além de valorização da cultura local e empoderamento político das juventudes com sua autoafirmação, como ensinou Nietzsche. No processo da criação de conceitos na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e comunicá-los por meio da arte há também o desenvolvimento de afetos, trabalho com as emoções humanas, o efeito destes na vida do indivíduo de forma positiva ou negativa, identificação disso pela descoberta do seu “eu” social em meio a multiplicidade e o poder de controle das massas por tais conhecimentos e habilidades midiáticas. Para isso, o Itinerário é composto por quatro eixos estruturantes que se complementam e são ligados à investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural e empreendedorismo. O desenvolvimento desse Itinerário está organizado em quatro módulos, sendo que cada módulo  contempla os quatro eixos estruturantes.

OBJETIVO: Ofertar atividades teóricas e práticas que envolvem a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em conjunto com a área de Linguagens e suas tecnologias, desenvolvendo a autonomia, a criticidade e o protagonismo, por meio da oralidade e da comunicação, empregando tecnologias diversas na produção de conteúdos ligados às mídias.

AREA(S) DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagens e suas Tecnologias.

HABILIDADES:

O aprendizado de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas exige o bom desenvolvimento da capacidade e habilidades de fazer leitura de textos e da realidade social, chave para abrir portas e acoplar projetos de vida com autonomia e segurança. Despertar nos estudantes o autoconhecimento para desenvolverem habilidades criativas na técnica de produção audiovisual para discutir problemas sociais de modo a atender a diversidade, isso pode colocar o estudante em postura crítica e criativa perante a realização pessoal e profissional. Assim, o desenvolvimento do pensar crítico, a produção de audiovisual favorece o enriquecimento cultural e artístico ao saber interpretar a realidade através de fotos antigas e atuais, diferentes contextos históricos, políticos, sociais e culturais com criticidade, podendo fazer intervenção social e promover o empreendedorismo tecnológico.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Servem como instrumentos para o desenvolvimento tanto de habilidades gerais bem como de habilidades específicas para o bom uso da tecnologia da comunicação e informação na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Estes instrumentos ou ferramentas são distribuídos em quatro eixos estruturantes para serem trabalhados, onde cada eixo estruturante contempla o desenvolvimento de algumas habilidades gerais e específicas que, em seu conjunto, fornecerá uma totalidade de saberes necessários para o aperfeiçoamento humano e a efetivação da cidadania.

TEMAS:

Módulo 1 - Fundamentos epistemológicos da arte fotográfica e cinema.

Este módulo tem o objetivo de fundamentar epistemologicamente a arte fotográfica e o cinema ao mostrar as origens da fotografia, como foi o processo para fixar a primeira imagem em uma superfície. Portanto, conhecer os primeiros aparelhos fotográficos e sua evolução também são objetivos do módulo, bem como o impacto da invenção da fotografia na vida das pessoas e da sociedade de modo geral em seus primórdios, uma vez que tudo antes era registrado por meio da pintura.

Módulo 2 – Da imagem a “fakenews”.

Este módulo tem como objetivo apresentar a imagem e sua utilização no mundo atual, onde sua utilização causa muita influência na vida, haja visto que com o celular em nossas mãos podemos registrar cenas e momentos a todo instante. Estas imagens apresentam tanto uma situação

positiva como também negativa, isso não só na parte fotográfica mas também nas imagens gravadas. O uso positivo traz consigo valores e conceitos importantes para a vida, pois a possibilidade de se registrar momentos que ficarão para a posteridade em nossas memórias se tornou muito fácil com os nossos celulares em mãos. Infelizmente temos o lado negativo de alguns registros que não contribuem com o exercício da cidadania em seu comportamento ético/moral. As *fakenews* mostram o lado sombrio do uso das imagens, visto que são usadas mentiras ou feitas montagens (manipuladas) para retratar o que não aconteceu. Contudo, se quer também com este módulo, conscientizar o estudante de que ele é agente protagonista da vida social e que agir com responsabilidade diante deste contexto onde o mundo real pode não ser tão real assim, o seu papel de agente social se torna cada vez mais importante na “sociedade do espetáculo” em que vivemos.

Módulo 3 – Aprendendo a fazer: conceitos básicos.

Este módulo tem como objetivo trazer a baila os conceitos básicos sobre a sétima arte, o cinema, desde seus primórdios aos dias atuais, sobretudo naquilo que tange os processos teóricos comunicacionais contemporâneos, sobretudo neste novo cenário tecnológico de convergência entre as mídias.

Módulo 4 – Oficina de cinema: Oficina de micrometragem filosófica.

O objetivo desse módulo é o desenvolvimento de uma atividade prática no campo do cinema, com o propósito de fazer com que os estudantes entrem em contato com a arte e o universo cinematográfico, com a finalidade de uma formação autônoma e criativa a partir da linguagem do cinema, por meio de imagens em movimento. Um novo modo de manifestar um pensamento, uma visão de mundo com base na criação de filmes produzidos com o uso dos smartphones. Além do processo de produção das micrometragens, os estudantes conhecerão “o que é o cinema”, como se constitui um processo de produção, profissionais do cinema, termos do cinema, roteiro, gravação, especificidades do cine-documentário, entre outros, com intuito de adentrar no universo do cinema para conhecer e produzir. Desse modo, os estudantes produzirão micro-filmes de documentários a partir das técnicas de gravações, criação de roteiros, montagem/edição por meios de aparelhos de celulares para produção/criação de suas narrativas fílmicas documentais. Essa oficina; dará ênfase ao gênero do cinema documentário.

TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS

Poderão ser ensinados com objetivo de complementar os objetos do conhecimento, estes trabalhados na formação geral bem como no próprio itinerário, por serem úteis para o efetivo exercício da cidadania, autopromoção do “eu” social nos diferentes aspectos, sejam eles em defesa da cidadania, da preservação do meio ambiente, desenvolvimento da economia de forma justa, promoção de saberes que desenvolvam um boa saúde física e mental, enriquecimento da cultura pessoal e social para quebrar preconceitos e valorização da diversidade como realidade social e cultural em um mundo cada vez mais globalizado frente a tecnologia que encurta distâncias por meio da imagem e comunicação.

EIXOS ESTRUTURANTES: a formação integral do estudante será desenvolvida mediante quatro eixos estruturantes que visam o aperfeiçoamento de habilidades para o campo da investigação científica, indispensável para o aperfeiçoamento da pessoa humana no seu ser social como ser pensante e produtora de conhecimentos. Mas isso será feito em um processo criativo, pois a criatividade em si mesma já é uma habilidade para expandir horizontes nos respectivos projetos de vida. Assim, o estudante poderá efetivamente exercer a cidadania e fazer intervenções de natureza sociocultural, se necessário for, conforme seu projeto de vida. Neste sentido, o estudante em liberdade empreende e realiza sua vocação com sabedoria.

EIXO 1 – Investigação Científica: Trata-se de acentuar tanto a capacidade bem como a habilidade investigativa do estudante sobre a realidade social que deve desenvolver durante o Ensino Médio para compreender, valorizar e aplicar o conhecimento a partir da sua realidade local de forma sistematizada, por meio da realização de práticas e produções cinematográficas utilizando seus próprios aparelhos de celulares.

OBJETIVOS - Levar o estudante a uma busca pelos fundamentos e processos que deram origem a fotografia e como essa técnica evoluiu até a chegada da era digital. Conhecer os fundamentos do acontecimento para colocar o estudante na posição de investigador e questionador dos registros fotográficos e cinematográficos dentro da arte e literatura para inspirar no surgimento de novas tecnologias. Saber captar os acontecimentos do mundo real em âmbito local, regional, nacional e global para promover desenvolvimento local e melhoria da qualidade de vida da comunidade, a partir das garantias dos direitos sociais, previstos na Constituição Federal.

SUGESTÕES DE UNIDADES CURRICULARES:

- **Fundamentos da arte fotográfica**

Esta unidade curricular visa promover o conhecimento das fontes historiográficas sobre a origem da fotografia e as questões filosóficas envolvidas no processo criador do conceito “imagem” e o mesmo sobre “fotografia” como função específica da Filosofia que cria conceitos. Portanto, saber os fundamentos da prática na técnica da produção da imagem e do aparelho fotográfico e questionar seu uso no mundo do trabalho pautado na ética e moral do tempo que foi registrado são objetivos da temática na unidade.

- **Imagem**

Esta unidade propõe-se em promover o conhecimento do uso da imagem, seja fotográfica ou gravada, como forma de comunicação visual e contemporânea, partindo do pressuposto positivo desta imagem e levando em consideração a sua utilização enquanto promoção humana e uso pessoal, como forma de recordação. Mas é função deste módulo apresentar o lado ruim que poderá ser usado as imagens que são as *fakes news*.

- **Pensando a prática**

Neste módulo, o objetivo é já pensar, planejar e organizar para a realização de produtos audiovisuais e competências nas áreas laboratoriais de criação para vídeo e cinema, onde o estudante já poderá escolher o gênero a ser trabalhado: documentário, drama, romance, etc.

- **Conhecendo o cinema**

Esta unidade tem como objetivo ampliar os conhecimentos da história do cinema (cine-documentário) para compreender o que é o cinema, o seu lugar na arte e a estrutura/construção e criação de uma nova linguagem pautada no uso/evolução das tecnologias, além de todos os processos/etapas que constitui uma produção cinematográfica (conhecendo os termos técnicos do cinema, profissionais, distinção de gêneros entre outros). Por fim, os estudantes desenvolverem as atividades dessa unidade por intermédio dos filmes clássicos do cinema documentário, o contato com essas atividades e obras do cinema servirá como guia para o processo de criação dos estudantes.

SUGESTÕES DE SEQUÊNCIA DE SITUAÇÕES/ATIVIDADES EDUCATIVAS

- a) Na parte teórica o professor poderá levar o estudante ao exercício da leitura textual, ou seja, o estudante lê o texto, seleciona as palavras chaves para em seguida criar um mapa conceitual, assim ele estará se preparando para o exercício da oratória por meio de uma situação que o professor criará para apresentar o texto, mas por meio do mapa conceitual;
- b) Pode também transformar a sala de aula em oficina e fazer o exercício do conceito, manipular os conceitos como as ciências fazem com a matéria em laboratório, mas no caso dos conceitos é procurar solucionar problemas ou identificar o problema ou problemas que o autor de um dado texto em

estudo, criou o conceito para o problema no seu tempo e espaço e que o estudante poderá utilizá-lo para o problema da atualidade no tempo presente e espaço geográfico, seja local, regional ou nacional;

c) Pesquisa bibliográfica para fazer fichamentos e posteriormente citações de forma literal levando o estudante ao exercício do conceito escrevendo um mini artigo, seguindo a ABNT para saber selecionar fontes confiáveis;

d) Fazer entrevistas para coleta de dados áudios visuais para serem manipulados no laboratório de informática ou analisados individualmente ou em grupo;

e) Iniciar o manuseio a alguns aplicativos, como por exemplo, o *movie maker*, editor de vídeos e imagens;

f) Produzir uma intencionalidade de cunho social para atingir a um determinado público e criar uma matéria jornalística para esse fim;

g) Exercício da observação social para identificar alguns problemas da cidade a fim de problematizar para apresentar sugestões para solucionar o problema.

EIXO 2 – PROCESSOS CRIATIVOS: Este eixo tem como destaque expandir a capacidade dos estudantes de idealizar e realizar projetos criativos, aprofundar conhecimentos sobre as artes, a cultura, as mídias e as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e como utilizá-los no projeto de vida como formação profissional para a criação de processos e produtos criativos, ampliando habilidades relacionadas ao pensar e fazer criativo culminando com a produção de vídeos: documentários, filmes, jornalismo.

OBJETIVO: Conhecer as diferentes manifestações criativas, artísticas e culturais, por meio de vivências presenciais e virtuais que ampliem a visão de mundo, sensibilidade, criticidade e criatividade para saber aplicar ao projeto acadêmico e profissional criando soluções inovadoras ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns) favorecendo a capacidade expressiva no campo da comunicação por meio dos recursos áudios visuais.

SUGESTÕES DE UNIDADES CURRICULARES:

- **A arte fotográfica**

Esta unidade tem por objetivo mostrar a fotografia no tempo e espaço bem como a receptividade tanto em sua origem quanto no tempo atual, para isso, será apresentado alguns meios de divulgação e distribuição da fotografia, para levar o estudante a compreender todo o processo construtivo da imagem e saber aplicar em seu projeto de vida com sabedoria ao perceber os diferentes interesses e conteúdos ideológicos presentes na arte fotográfica, questões apresentadas pela Filosofia da fotografia na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

- **Fotografia**

Esta unidade propõe refletir como a fotografia ainda tem sua importância como forma de comunicação, não mais apenas revelada em papel, mas agora compartilhada de forma digital nas redes sociais e guardadas digitalmente. Também apresenta a popularização da fotografia com o advento da tecnologia atual. Apresenta também como pode ser manipulada para apresentar o que se quer mostrar e não o que realmente aconteceu.

- **Arquitetando a criação**

Esta unidade tem por objetivo aprofundar o planejamento e organizar para a realização de produtos audiovisuais e competências nas áreas laboratoriais de criação para vídeo e cinema, onde o estudante já poderá escolher o gênero a ser trabalhado: documentário, drama, romance, documentários de situações problemas: ambientais, sociais, econômicas, dentre outras.

- **Oficina de Roteiro**

Esta unidade tem como objetivo apresentar os primeiros passos de uma produção de um filme, com a construção/criação de um roteiro fílmico (prática de escrita), apresentando como se constitui a escrita de um roteiro com os princípios básicos, a estrutura do texto e os estilos de roteiro. Essa oficina de roteiro dará ênfase ao roteiro de documentário, nessa unidade os **alunos** já produziram seus roteiros fílmicos. Essa atividade tem o propósito de aprofundar os conhecimentos de uma produção cinematográfica, bem como, estimular a criatividade e a prática da escrita.

SUGESTÕES DE SEQUÊNCIA DE SITUAÇÕES/ATIVIDADES EDUCATIVAS:

- a) Selecionar alguns veículos de divulgação de ideias ou informações e observar como fazem a divulgação e ser analisado em roda de conversa sobre os tais veículos e como fazem;
- b) Exercício do conceito após a roda de conversa escrevendo relatórios, construção de dados para em seguida criar um conceito ao problema identificado;
- c) Criar grupos de trabalho e demarcar alguns períodos históricos onde cada grupo coletará informações e imagens do período e apresentar aos outros grupos mostrando as características das imagens naquele tempo para perceberem as diferenças e como a técnica de produção e divulgação de imagens foram evoluído;
- d) Seleção de imagens sobre um dado problema social e criar estratégias de levar determinado público à crítica ou conscientização sobre o problema ou ainda de cunho educativo, como prevenção;
- e) Criar roteiro de filmagens, ou textos para teatros, mas sempre almejando mostrar um determinado problema da cidade ou comunidade a fim de produção de vídeos, curta metragem e documentário;
- f) Exercícios em aplicativos de edição de vídeos e imagens.

EIXO 3 – MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIOCULTURAL: Este eixo pretende ampliar a capacidade técnica dos estudantes de utilizar os conhecimentos da reprodutividade técnica das artes cinematográficas do mundo contemporâneo para a construção de novos conhecimentos dando vida à imaginação e fantasia, explorando as habilidades racionais da linguagem cinematográfica e desenvolver capacidades técnicas no manuseio com os aparelhos tecnológicos para a produção e elaboração de roteiros cinematográficos e marketing, bem como interagir com a iluminação para afetar os indivíduos em suas sensibilidades mais profundas para mediar o agir social e intervir de forma sociocultural a promover o bem comum combatendo injustiças de qualquer natureza.

OBJETIVOS: Conhecer as questões sociais, culturais e ambientais diversas, identificando e incorporando valores importantes para si e para o coletivo que assegurem a tomada de decisões conscientes, consequentes, colaborativas e responsáveis para a promoção do bom convívio social sugerindo melhorias se necessário for ao mediar conflitos se existentes e criar soluções aos diferentes problemas identificados na comunidade efetivando o exercício da cidadania por meio das mídias sociais, produções artísticas, documentários, filmes e vídeos de curta metragem.

SUGESTÕES DE UNIDADES CURRICULARES:

- **A representatividade da imagem e educação**

Essa unidade visa colocar o estudante na postura de conhecer para fazer, desde a seleção de uma imagem para representar algo do mundo real e registrar o dado acontecimento na construção da memória de um determinado ente social e o poder e contrapoder da imagem ao ser construída gerando desafios educacionais no processo do ensino e aprendizagem, pois as imagens são geradoras de efeitos naqueles que a contemplam, isso requer uma boa educação para o desenvolvimento de habilidades intelectivas para o bem comum e pessoal, uma preparação para a fuga das meras aparências na escalada íngreme da caverna para a luz da razão.

- **Cinema**

Mostrar-se-á nesta unidade a evolução histórica do cinema e como ele se apresenta nos tempos atuais. Apresentar-se-á a imagem gravada também como forma de comunicação, como também sua evolução até nosso tempo e como esta prática se dá no mundo digital em que estamos. Sem deixar de lado a questão social. Irá se fazer análise da cultura digital e o cinema dentro desta “sociedade do espetáculo”.

- **Um olhar para a produção**

Este módulo tem por objetivo conhecer as ferramentas básicas na produção de material, de maneira prática, inserindo o estudante no manuseio de diversas ferramentas para produção de filmes. Dando atenção a necessidade de compreender o planejamento e produção de um filme/vídeo como uma arte e não apenas uma técnica, realçando a força crítica, construtiva e desconstrutiva do cinema.

- **Oficina de produção**

Essa unidade da Oficina de Produção apresentará para os estudantes como eles produzirão seus filmes-documentários com o uso dos dispositivos móveis e todos os aparatos de produção, como: a adaptação do roteiro escrito para a produção das filmagens, dicas de filmagens, enquadramentos, captação dos áudios/som, iluminação, equipamentos para as gravações e características específicas de produção do cinema documentário. O objetivo desta unidade é desenvolver habilidades de produção cinematográfica para o processo final de produção dos filmes.

SUGESTÕES DE SEQUÊNCIA DE SITUAÇÕES/ATIVIDADES EDUCATIVAS:

- Apresentar aos estudantes atividades pertinentes à esfera dos sentimentos, que não são acessíveis ao pensamento discursivo, potencializando a criatividade e a imaginação;
- Ações e atividades que busquem valorizar as paisagens locais; Oficinas de fotografias, painéis e atividades de diagnóstico do entorno escolar;
- Criar uma Mostra Audiovisual ou Cine Clube que procure disseminar a importância do cinema nacional e criar debates no ambiente escolar sobre temas relevantes a partir da perspectiva dos jovens;
- Elementos básicos de um roteiro: oficinas e orientações com o objetivo de fornecer aos estudantes ferramentas para começar a redação e o estudo de um projeto de filme/vídeo, focando em elementos básicos necessários à estruturação de um roteiro cinematográfico;

EIXO 4 – EMPREENDEDORISMO: Este eixo pretende colocar postura de autonomia como capacidade da busca por conhecimentos de diferentes polos para favorecer os estudantes no empreendimento dos projetos subjetivos como finalidade acadêmica ofertada pela trilha de aprofundamento na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em harmonia com o seu projeto de vida.

OBJETIVOS: Criação de empreendimentos pessoais ou produtivos articulados ao projeto de vida, para desenvolver:

- Conhecimentos – contexto, mundo do trabalho e gestão de iniciativas empreendedoras;
- Habilidades – relacionadas a autoconhecimento, empreendedorismo e projeto de vida;
- Capacidades – estruturar iniciativas empreendedoras que fortaleçam uma atuação como protagonista de sua trajetória.

SUGESTÕES DE UNIDADES CURRICULARES:

- **O poder da imagem**

Esta unidade curricular tem como objetivo despertar o empreendedorismo por meio dos estudos sobre a reprodutibilidade técnica, o poder de dizer a verdade e a manipulação e encenação da realidade de forma reflexiva e criativa, além de promover criatividade técnica no mundo do trabalho digital ao desenvolver habilidades para produção de marketing, tanto em vídeos bem como por fotografias artisticamente trabalhadas e criadas intencionalmente para isso, com percepção dos efeitos das imagens nos indivíduos.

- ***Fake news***

Nesta unidade se apresentará o lado negativo do uso da imagem como forma de comunicação. Irá buscar origens do termo *fake news* e o que se deve fazer para evitar o seu uso. Mostrar-se-á orientações de como não cair em situações mesmo que as imagens estejam mostrando, haja visto que as imagens, tanto fotográficas como gravadas, podem ser alteradas e transformadas no que se quer mostrar. Assim o conhecimento e a informação se faz necessário para saber distinguir o que é ou não é verdadeiro ou falso.

- **Aparando as arestas**

Sendo este um dos últimos módulos, ele tem como objetivo desenvolver atividades relacionadas com o fazer artístico e estético vinculados ao cinema e audiovisual; trabalhar em grupo, valorizando a prática coletiva desta atividade profissional; Ter uma base sólida para a reflexão acerca do cinema e audiovisual enquanto formas de expressão artística e técnica e, também, como fato econômico e por último, ter um domínio básico das técnicas audiovisuais e conhecimento sobre organização, planejamento e realização de trabalho em equipe.

- **Produção do filme**

Nesta unidade, os estudantes desenvolverão os seus trabalhos práticos, na produção/gravação dos seus filmes-documentários (atividade desenvolvida em grupo). Essa atividade de gravação estimulará os estudantes com liberdade para as produções de suas narrativas fílmicas em qualquer espaço da comunidade. Posteriormente, faremos os trabalhos de montagem e edição das imagens com os *apps* disponíveis para os *smartphones*. Por fim, apresentaremos os trabalhos concluídos no espaço escolar para toda a comunidade (cine-escola).

SUGESTÕES DE SEQUÊNCIA DE SITUAÇÕES/ATIVIDADES EDUCATIVAS:

- Trabalhar com conteúdos e temas que provoquem e incentivem o uso da leitura de imagens como instrumento para uma “alfabetização visual”;
- Grupos de leitura com teóricos e autores que proporcionam novas formas de interpretar e explicar o cinema, estimulando a compreensão do outro e de suas visões de mundo;
- Atividades de aprofundamento (palestra, oficina ou outro) para trazer outras questões pertinentes ao mundo cinematográfico: O cinema além do diretor: conheça as funções na produção de um filme;
- Incentivo e organização de grupos de leitura/eventos/aulas que demonstrem a importância da literatura para produção, proporcionando novas formas de sentir; proporcionar a vivência do sentimento de sua época e de outras, num movimento de reconhecimento e harmonização com seus contemporâneos;
- A questão das *fake news* e seus impactos na sociedade contemporânea: Conscientizar sobre os usos e abusos do mundo digital;

AVALIAÇÃO: Determinará o nível do desenvolvimento das habilidades quanto aos critérios gerais de avaliação: atitudinal, conceitual e procedimental. Os critérios Gerais de Avaliação busca desenvolver as habilidades e competências de cada estudante ao longo de todas as aulas nos 4 módulos.

FONTES DE INFORMAÇÃO:

AGRA, Suelaine Lima Lucena. A Imagem a Seguir: Um estudo sobre sequência fotográficas. João Pessoa, 2016.
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8391/2/arquivototal.pdf>. Acesso: 12 de out 2020.

ALENCAR, Sylvia Elisabeth de Paula. O Cinema na Sala de Aula: Uma Aprendizagem Dialógica da Disciplina História. Fortaleza-CE. 2007.
<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3477/1/2007_dis_sepalencar.pdf> . Acesso: Acesso: 06 de out 2020.

ALMEIDA, Jorge Miranda; AGUIAR, Itamar Pereira (orgs.). *Filosofia, Cinema e Educação*. – Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

- BATISTA, Aron Rodrigo. A Sociedade do Espetáculo de Guy Debord, Redes Sociais e o indivíduo líquido-moderno de Zygmunt Bauman. Palmas, 2016. <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/40288.pdf>> Acesso: Acesso: 08 de out 2020.
- BAZIN, André. O que é cinema? Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- BAZIN, André. *O que é o cinema?* Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Prefácio e apêndice: Ismael Xavier. São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 416 pp, 27 ils.
- BAZIN, André. *Ontologia da imagem fotográfica*. In: *O que é o cinema?* Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro – São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Petite histoire de la photographie* [1931]. Trad. Maurice Gandillac, revisão de P. Rusch. In: Oeuvres II. Paris: Gallimard, 2000. P. 295-321.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, tradução Paulo Neves. – 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos)
- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.
- CABRERA, Julio. *De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre o cinema e a filosofia*. São Paulo: Nankin, 2007.
- CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Trad. Ryta Vinagre. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CARDOSO, Ivelise de Almeida. Propagação e Influência de Pós-Verdade e Fake News na Opinião Pública. São Paulo, 2019. <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-11112019-174743/publico/IvelisedeAlmeidaCardoso.pdf> > Acesso: 13 de out 2020
- COHN, Sergio. *Ensaio fundamentais. Cinema*. Sergio Cohn (org.). – Rio de Janeiro: Beco do azougue, 2011.
- COSTA, Darlea Araújo de Souza Esteu da. Cinema como Recurso Tecnológico para o Ensino de Competências Socioemocionais. Manaus, 2017. <<http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/52/1/Cinema%20como%20recurso%20tecnol%C3%B3gico%20para%20o%20ensino%20de%20compet%C3%Aancias.pdf>> Acesso: 13 de out 2020
- DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. 2003. <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>

- DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: A imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. Revisão: José W. S. Morais Elvira da Rocha. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: A imagem-tempo*. Tradução: Eloisa de Araújo Ribeiro, Revisão: Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?*, 3ª edição. Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Images, puissances critiques. Tradução: Monique Farhi. In: Désirer désobeir: Ce qui nous soulève, 1. Paris: Minuit, 2019. P. 281-292.
- FARHI NETO, Leon. *O que é o cine-documentário?* In: SANTANA, Juliana; SOUZA, Raquel Castilho; DUARTE, Fábio Henrique; et ali (Orgs.). *Filosofia em debate*. Vol. 2. Palmas: EDUFT, 2019. Disponível em: <<https://ww2.uft.edu.br/index.php/eduft/catalogo/ebooks>>. Acesso em: 11.06.2019.P. 81-89.
- FEININGER, Andreas. UMA FILOSOFIA DA FOTOGRAFIA. Nova York , abril 1993. <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/09/andreas-feininger-uma-filosofia-da-fotografia.pdf>> Acesso: 12 de out 2020.
- FERREIRA, Oscar Manuel de Castro, 1943 – *Recursos audiovisuais para o ensino* por Oscar Manuel de Castro Ferreira e Plínio Dias da Silva Junior; desenhos de Enio Longo da Silva. São Paulo, EPU, 1975.
- FILHO, João Freire. A Sociedade do Espetáculo Revisada. Revista FAMECOS, nº 22. Porto Alegre dezembro 2003. http://www.forumpermanente.org/event_pres/cursos-disciplinas/formas-estados-e-processos-da-cultura-na-atualidade/arquivo-da-disciplina/2018/texto-a-sociedade-do-espetaculo-revisitada-joao-freire-filho.> Acesso: Acesso: 07 de out 2020.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FLUSSER, Vilém. O Universo da Imagens Técnicas: Elogio da superfercialidade. São Paulo: Annablume, 2008. <https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/FLUSSER-Vil%C3%A9m.-O-universo-das-imagens-t%C3%A9cnicas.-Annablume-Universidade-de-Coimbra-2012.pdf>. Acesso: 06 de out 2020.
- GOMES, Alessandra. Poéticas, Cinema e Educação: Um Estudo sobre Experiências de Aprendizagem com Cinema na Escola. São Carlos, 2015. <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2365/6701.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: Acesso: 07 de out 2020.

HORBACH, Leon Oliveira. Uma Abordagem em face da Liberdade de Expressão, Internet e Democracia. São Leopoldo, 2019. <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS /9046>> Acesso: 13 de out 2020.

KELLER, Rodrigo dos Santos. Educar para observar: Uma proposta metodológica para educação visual. Porto Alegre, 2005. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16318/000701057 .pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso: 09 de out 2020.

LABAKI, Amir. *A verdade de cada um*. Amir Labaki [org.]. São Paulo: Cosac Naify, 2015, vários tradutores 6 ils.

MEDEIROS, Willian Costa de. *Ensino de Filosofia - o pensar conceitualmente como rizoma*. Palmas: Nagô Editora, 2020.

MUZY, Ricardo Casarini. *Através das Lentes: A fotografia como instrumento educativo e elemento de construção dos sujeitos*. Florianópolis, 2012. <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103443/317401.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso: 09 de out 2020.

OLIVEIRA, Maria José Negromonte de. *Arte e Tecnologia: possibilidades didáticas com o uso da fotografia*. Recife, 2016. <<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/7983/2/ Maria%20Jose%20Negromonte%20de%20Oliveira.pdf> > Acesso: 13 de out 2020

PAIVA, Juliana Zanetti de; OLIVEIRA, Robson José Feitosa de. A Sociedade do Espetáculo: Uma Autotradução como crítica. *Revista non plus* n7. (p. 139 – 155). <<http://www.Revistas.usp.br/ nonplus/article/view/99220/106755>>. Acesso: 08 de out 2020.

SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. Trad. Rubens Figueiredo. In: *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1977]. P. 11-36.

CONDIÇÕES PARA IMPLEMENTAÇÃO DO ITINERÁRIO FORMATIVO – SEDUC

CARGA HORÁRIA: O Itinerário terá duração de 400 horas dividido em 4 módulos e cada módulo com 4 eixos com horas diversificadas.

MODALIDADE: Presencial nos módulos que tem finalidade de orientação e ensino teórico, que exige a presença do professor, mas também poderá ser a distância onde o estudante pesquisará, produzirá individualmente ou em grupo ações diversa como: Projetos de curto e médio prazo, em diferentes dimensões

da vida da comunidade, Palestras, Laboratórios ou incubadoras de ideias para resoluções de problemas; Eventos para apresentação dos resultados da aprendizagem e conhecimento dos estudantes, com a teórica e prática.

PERFIL DOCENTE: Professor da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas com habilidade em tecnologias digitais incluindo edição de textos, filmagens e habilidades em fotografia, arte cinematográfica e regras da linguagem.

QUANTIDADE DE ESTUDANTES: Será definida a mesma quantidade de estudantes por turma conforme o regimento escolar, ou documento normatizador de matrícula na formação geral e podendo ser ampliado nas atividades em EAD.

RECURSOS: Recursos tecnológicos digitais ou não e ainda Internet; Datashow e laboratório computacional para edição de imagens; Impressora; caixa de som e microfones com fio e sem fio; aparelho celular; holofote para iluminação das filmagens; cabo de extensão elétrica e sendo possível o uso de drone para filmagens aéreas.

ANEXO

PLANILHA DA TRILHA DE APROFUNDAMENTO / CARGA HORÁRIA TOTAL : 400 H/A					
MÓDULO 1: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA ARTE FOTOGRÁFICA E CINEMA.					
CARGA HORÁRIA: 120h					
EIXOS ESTRUTURANTES	HABILIDADES GERAIS (Por Eixo)	HABILIDADES ESPECÍFICAS (Por Área de Conhecimento)	UNIDADE CURRICULAR	OBJETOS DE CONHECIMENTOS	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
Eixo Investigação Científica	<p>(EMIFCG01) Identificar, selecionar, processar e analisar dados, fatos e evidências com curiosidade, atenção, criticidade e ética, inclusive utilizando o apoio de tecnologias digitais.</p> <p>(EMIFCG02) Posicionar-se com base em critérios científicos, éticos e estéticos, utilizando dados, fatos e evidências para respaldar conclusões, opiniões e argumentos, por meio de afirmações claras, ordenadas, coerentes e compreensíveis, sempre respeitando valores universais, como liberdade, democracia, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade.</p> <p>(EMIFCG03) Utilizar informações, conhecimentos e ideias</p>	<p>(EMIFLGG03) Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo, experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre português brasileiro, língua(s) e/ ou linguagem(ns) específicas, visando fundamentar reflexões e hipóteses sobre a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), identificando os diversos pontos de vista e posicionando se mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos</p>	FUNDAMENTOS DA ARTE FOTOGRÁFICA 40h	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pequena história da fotografia; 2. Ensaio sobre fotografia 3. Na caverna de Platão; 4. Evangelhos fotográficos; 5. O mundo-imagem; 6. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia; 7. A imagem técnica; 8. O aparelho; 9. O gesto de fotografar; 	<p>Educação para o consumo;</p> <p>Trabalho;</p> <p>Ciência e Tecnologia;</p> <p>Vida familiar e social;</p> <p>Educação financeira;</p> <p>Multiculturalismo;</p> <p>Economia;</p> <p>Saúde;</p> <p>Cidadania e Civismo.</p>

<p>2. Eixo Processos Criativos</p>	<p>resultantes de investigações científicas para criar ou propor soluções para problemas diversos.</p> <p>(EMIFCG04) Reconhecer e analisar diferentes manifestações criativas, artísticas e culturais, por meio de vivências presenciais e virtuais que ampliem a visão de mundo, sensibilidade, criticidade e criatividade.</p> <p>(EMIFCG05) Questionar, modificar e adaptar ideias existentes e criar propostas, obras ou soluções criativas, originais ou inovadoras, avaliando e assumindo riscos para lidar com as incertezas e colocá-las em prática.</p> <p>(EMIFCG06) Difundir novas ideias, propostas, obras ou soluções por meio</p>	<p>utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias.</p> <p>(EMIFCHSA01) Investigar e analisar situações problema envolvendo temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.</p> <p>(EMIFLGG04) Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).</p>	<p>A ARTE FOTOGRÁFICA 30 horas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A fotografia; 2. A distribuição da fotografia; 3. A recepção da fotografia; 4. O universo da fotografia; 5. A necessidade de uma filosofia da fotografia; 6. Imagens, potências críticas; 	
---	--	---	--	---	--

<p>3. Eixo Mediação Intervenção Sociocultural</p>	<p>de diferentes linguagens, mídias e plataformas, analógicas e digitais, com confiança e coragem, assegurando que alcancem os interlocutores pretendidos.</p> <p>(EMIFCG07) Reconhecer e analisar questões sociais, culturais e ambientais diversas, identificando e incorporando valores importantes para si e para o coletivo que assegurem a tomada de decisões conscientes, consequentes, colaborativas e responsáveis.</p> <p>(EMIFCG08) Compreender e considerar a situação, a opinião e o sentimento do outro, agindo com empatia, flexibilidade e resiliência para promover o diálogo, a colaboração, a mediação e resolução de conflitos, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade.</p> <p>(EMIFCG09) Participar ativamente da proposição, implementação e avaliação de solução para problemas socioculturais e/ou ambientais em nível local,</p>	<p>(EMIFCHSA06) Propor e testar soluções éticas, estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais relacionados a temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global.</p> <p>(EMIFLGG07) Identificar e explicar questões socioculturais e ambientais passíveis de mediação e intervenção por meio de práticas de linguagem.</p>	<p>A REPRESENTATIVIDADE DA IMAGEM E EDUCAÇÃO 30h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Da seleção das imagens para a representação. 2. O papel do corpo; 3. Do reconhecimento das imagens. 4. A memória e o cérebro. 5. Desafios educacionais sobre o poder da fotografia. 6. Poder e contrapoder; 7. O aparecimento da fotografia; 8. Os primeiros ensaios sobre Fotografia; 	
--	---	---	--	--	--

<p>4. Eixo Empreendedorismo</p>	<p>regional, nacional e/ou global, corresponsabilizando-se pela realização de ações e projetos voltados ao bem comum.</p> <p>(EMIFCG10) Reconhecer e utilizar qualidades e fragilidades pessoais com confiança para superar desafios e alcançar objetivos pessoais e profissionais, agindo de forma proativa e empreendedora e perseverando em situações de estresse, frustração, fracasso e adversidade.</p> <p>(EMIFCG11) Utilizar estratégias de planejamento, organização e empreendedorismo para estabelecer e adaptar metas, identificar caminhos, mobilizar apoios e recursos, para realizar projetos pessoais e produtivos com foco, persistência e efetividade.</p> <p>(EMIFCG12) Refletir continuamente sobre seu próprio desenvolvimento e sobre seus objetivos presentes e futuros, identificando aspirações e</p>	<p>(EMIFCHSA10) Avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser utilizadas na concretização de projetos pessoais ou produtivos, em âmbito local, regional, nacional e/ ou global, considerando as diversas tecnologias disponíveis, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania.</p> <p>(EMIFLGG11) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das práticas de linguagem para desenvolver um projeto pessoal ou um empreendimento produtivo.</p>	<p>O PODER DA IMAGEM 20h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Entrando na era da reprodutibilidade técnica. 2. Quatro poderes: poder de dizer a “verdade”; <ol style="list-style-type: none"> 2.1. O Poder da manipulação; 2.2. O poder da encenação; 2.3. O poder de ver além do visível. 3. A Sociedade Contemporânea e o Mundo Asfocado de Imagens. 4. Conceituando nosso ensino de Filosofia. 	
--	---	---	----------------------------------	---	--

	oportunidades, inclusive relacionadas ao mundo do trabalho, que orientem escolhas, esforços e ações em relação à sua vida pessoal, profissional e cidadã.				
--	---	--	--	--	--

REFERÊNCIAS

BAZIN, André. *Ontologia da imagem fotográfica*. In: *O que é o cinema?* Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro – São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Petitehistoire de laphotographie* [1931]. Trad. Maurice Gandillac, revisão de P. Rusch. In: *Oeuvres II*. Paris: Gallimard, 2000. P. 295-321.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, tradução Paulo Neves. – 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?*, 3ª edição. Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Images, puissances critiques*. Tradução: Monique Farhi. In: *Désirerdésobeir: Cequinoussoulève*, 1. Paris: Minuit, 2019. P. 281-292.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

MEDEIROS, Willian Costa de. *Ensino de Filosofia - o pensar conceitualmente como rizoma*. Palmas: Nagô Editora, 2020.

SONTAG, Susan. *Na caverna de Platão*. Trad. Rubens Figueiredo. In: *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1977]. P. 11-36.

MÓDULO 2: DA IMAGEM À “FAKE NEWS”**CARGA HORÁRIA: 80h**

EIXOS ESTRUTURANTES	HABILIDADES GERAIS (Por Eixo)	HABILIDADES ESPECÍFICAS	UNIDADE CURRICULAR	OBJETOS DE CONHECIMENTOS	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
---------------------	-------------------------------	-------------------------	--------------------	--------------------------	-----------------------------------

<p>1.Eixo Investigação Científica</p>	<p>(EMIFCG01) Identificar, selecionar, processar e analisar dados, fatos e evidências com curiosidade, atenção, criticidade e ética, inclusive utilizando o apoio de tecnologias digitais.</p> <p>(EMIFCG02) Posicionar-se com base em critérios científicos, éticos e estéticos, utilizando dados, fatos e evidências para respaldar conclusões, opiniões e argumentos, por meio de afirmações claras, ordenadas, coerentes e compreensíveis, sempre respeitando valores universais, como liberdade, democracia, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade.</p> <p>(EMIFCG03) Utilizar informações, conhecimentos e ideias resultantes de investigações científicas para criar ou propor soluções para problemas diversos.</p>	<p>(EMIFLGG03) Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo, experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre português brasileiro, língua(s) e/ ou linguagem(ns) específicas, visando fundamentar reflexões e hipóteses sobre a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), identificando os diversos pontos de vista e posicionando se mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias.</p> <p>(EMIFCHSA01) Investigar e analisar situações problema envolvendo temas e processos de natureza histórica, social, econômica,</p>	<p>IMAGEM 30h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A importância da Imagem. 2. A Cultura das Imagens em Tempos de Sociedade do Espetáculo. 3. O Corpo como consumo na sociedade do espetáculo. 4. O Fetichismo da Mercadoria e o Espetáculo. 5. Comunicação, arte e cultura política nos movimentos sociais. 6. A Fragilidade das relações na sociedade do espetáculo. 7. A cultura do selfie e a desmaterialização da imagem. 	<p>Educação para o consumo;</p> <p>Trabalho;</p> <p>Ciência e Tecnologia;</p> <p>Vida familiar e social;</p> <p>Educação financeira;</p> <p>Multiculturalismo;</p> <p>Economia;</p> <p>Saúde;</p> <p>Cidadania e Civismo.</p>
--	--	---	-----------------------	--	---

<p>2. Eixo Processos Criativos</p>	<p>(EMIFCG04) Reconhecer e analisar diferentes manifestações criativas, artísticas e culturais, por meio de vivências presenciais e virtuais que ampliem a visão de mundo, sensibilidade, criticidade e criatividade.</p> <p>(EMIFCG05) Questionar, modificar e adaptar ideias existentes e criar propostas, obras ou soluções criativas, originais ou inovadoras, avaliando e assumindo riscos para lidar com as incertezas e colocá-las em prática.</p> <p>(EMIFCG06) Difundir novas ideias, propostas, obras ou soluções por meio de diferentes linguagens, mídias e plataformas, analógicas e digitais, com confiança e coragem, assegurando que alcancem os interlocutores pretendidos.</p>	<p>filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.</p> <p>(EMIFLGG04) Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).</p>	<p>FOTOGRAFIA 20h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que é Fotografia. 2. Fotografias História, Técnica e Arte. 3. Fotografia e Pintura. 4. Fotografia e Mudanças Tecnológicas. 5. Fotografia e produção de sentidos. 6. Fotografia Imaginativa. 7. Estilos Fotográficos. 8. O uso Social da Fotografia. 9. Fotografia Educação e Conscientização. 	
<p>3. Eixo Mediação e Intervenção Sociocultural</p>	<p>(EMIFCG07) Reconhecer e analisar questões sociais, culturais e ambientais diversas, identificando e incorporando valores</p>	<p>(EMIFCHSA06) Propor e testar soluções éticas,</p>	<p>CINEMA</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uma breve história do surgimento do cinema. 	

<p>4. Eixo Empreendedorismo</p>	<p>importantes para si e para o coletivo que assegurem a tomada de decisões conscientes, consequentes, colaborativas e responsáveis.</p> <p>(EMIFCG08) Compreender e considerar a situação, a opinião e o sentimento do outro, agindo com empatia, flexibilidade e resiliência para promover o diálogo, a colaboração, a mediação e resolução de conflitos, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade.</p> <p>(EMIFCG09) Participar ativamente da proposição, implementação e avaliação de solução para problemas socioculturais e/ou ambientais em nível local, regional, nacional e/ou global, corresponsabilizando-se pela realização de ações e projetos voltados ao bem comum.</p> <p>(EMIFCG10) Reconhecer e utilizar qualidades e fragilidades pessoais com confiança para superar desafios e alcançar objetivos pessoais e profissionais, agindo de forma proativa e</p>	<p>estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais relacionados a temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global.</p> <p>(EMIFLGG07) Identificar e explicar questões socioculturais e ambientais passíveis de mediação e intervenção por meio de práticas de linguagem.</p> <p>(EMIFCHSA10) Avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser</p>	<p>15h</p> <p><i>“FAKE NEWS”</i> 15h</p>	<p>2. O Cinema como Mediador na Construção de Conhecimento.</p> <p>3. Interação entre Realidade e Fantasia.</p> <p>6. A imaginação e a razão.</p> <p>7. A linguagem do Cinema.</p> <p>8. O Gênero Narrativo no Cinema e na Literatura.</p> <p>9. A relevância do cinema para a educação.</p> <p>10. Cinema e Direitos Humanos.</p> <p>1. Pós-Verdade e “Fake News” como conceitos.</p> <p>2. Entre “Fake News” e Pós-verdade.</p> <p>3. As distintas abordagens da pós-verdade.</p> <p>4. “Fake News” e Internet.</p>	
--	---	---	--	---	--

	<p>empreendedora e perseverando em situações de estresse, frustração, fracasso e adversidade.</p> <p>(EMIFCG11) Utilizar estratégias de planejamento, organização e empreendedorismo para estabelecer e adaptar metas, identificar caminhos, mobilizar apoios e recursos, para realizar projetos pessoais e produtivos com foco, persistência e efetividade.</p> <p>(EMIFCG12) Refletir continuamente sobre seu próprio desenvolvimento e sobre seus objetivos presentes e futuros, identificando aspirações e oportunidades, inclusive relacionadas ao mundo do trabalho, que orientem escolhas, esforços e ações em relação à sua vida pessoal, profissional e cidadã.</p>	<p>utilizadas na concretização de projetos pessoais ou produtivos, em âmbito local, regional, nacional e/ ou global, considerando as diversas tecnologias disponíveis, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania.</p> <p>(EMIFLGG11) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das práticas de linguagem para desenvolver um projeto pessoal ou um empreendimento produtivo.</p>		<p>5. Plataforma Digital: Arquitetura, Algoritmos e Efeitos de rede.</p> <p>6. “Fake News” e Desinformação: Instrumento de Combate.</p> <p>7. O “fact-checking” no Brasil.</p> <p>8. “Fact-checking”: projetos e parcerias no combate a desinformação.</p>	
--	--	---	--	--	--

REFERÊNCIAS

- AGRA, Suelaine Lima Lucena. A Imagem a Seguir: Um estudo sobre sequência fotográficas. João Pessoa, 2016. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8391/2/arquivototal.pdf>. Acesso: 12 de out 2020.
- ALENCAR, Sylvania Elisabeth de Paula. O Cinema na Sala de Aula: Uma Aprendizagem Dialógica da Disciplina História. Fortaleza-CE. 2007. <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3477/1/2007_dis_sepalecar.pdf> . Acesso: Acesso: 06 de out 2020.
- BAZIN, André. O que é cinema? Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- BATISTA, Aron Rodrigo. A Sociedade do Espetáculo de Guy Debord, Redes Sociais e o indivíduo líquido-moderno de Zygmunt Bauman. Palmas, 2016. <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/40288.pdf>> Acesso: Acesso: 08 de out 2020.
- CARDOSO, Ivelise de Almeida. Propagação e Influência de Pós-Verdade e Fake News na Opinião Pública. São Paulo, 2019. <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-11112019-174743/publico/IvelisedeAlmeidaCardoso.pdf>> Acesso: 13 de out 2020
- COSTA, Darlea Araújo de Souza Esteuda. Cinema como Recurso Tecnológico para o Ensino de Competências Socioemocionais. Manaus, 2017. <<http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/bitstream/4321/52/1/Cinema%20como%20recurso%20tecnol%20c3%b3gico%20para%20o%20ensino%20de%20compet%20c3%aancias.pdf>> Acesso: 13 de out 2020
- DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. 2003. <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>
- FEININGER, Andreas. UMA FILOSOFIA DA FOTOGRAFIA. Nova York, abril 1993. <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/09/andreas-feininger-uma-filosofia-da-fotografia.pdf>> Acesso: 12 de out 2020.
- FILHO, João Freire. A Sociedade do Espetáculo Revisada. Revista FAMECOS, nº 22. Porto Alegre dezembro 2003. http://www.forumpermanente.org/event_pres/cursos-disciplinas/formas-estados-e-processos-da-cultura-na-actualidade/arquivo-da-disciplina/2018/texto-a-sociedade-do-espetaculo-revisada-joao-freire-filho.> Acesso: Acesso: 0 de out 2020.
- FLUSSER, Vilém. O Universo da Imagens Técnicas: Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. <https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/FLUSSER-Vil%C3%A9m.-O-universo-das-imagens-t%C3%A9cnicas.-Annablume-Universidade-de-Coimbra-2012.pdf>. Acesso: 06 de out 2020.
- GOMES, Alessandra. Poéticas, Cinema e Educação: Um Estudo sobre Experiências de Aprendizagem com Cinema na Escola. São Carlos, 2015. <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2365/6701.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: Acesso: 07 de out 2020.
- HORBACH, Leon Oliveira. Uma Abordagem em face da Liberdade de Expressão, Internet e Democracia. São Leopoldo, 2019. <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9046>> Acesso: 13 de out 2020.
- KELLER, Rodrigo dos Santos. Educar para observar: Uma proposta metodológica para educação visual. Porto Alegre, 2005. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16318/000701057.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: 09 de out 2020.
- MUZY, Ricardo Casarini. Através das Lentes: A fotografia como instrumento educativo e elemento de construção dos sujeitos. Florianópolis, 2012. <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103443/317401.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: 09 de out 2020.
- OLIVEIRA, Maria José Negromonte de. Arte e Tecnologia: possibilidades didáticas com o uso da fotografia. Recife, 2016. <<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/7983/2/Maria%20Jose%20Negromonte%20de%20Oliveira.pdf>> Acesso: 13 de out 2020
- PAIVA, Juliana Zanetti de; OLIVEIRA, Robson José Feitosa de. A Sociedade do Espetáculo: Uma Autotradução como crítica. Revistanon plus n7. (p. 139 – 155). <<http://www.Revistas.usp.br/nonplus/article/view/99220/106755>>. Acesso: 08 de out 2020.

MÓDULO 3: Da teoria à práxis**CARGA HORÁRIA: 80h**

EIXOS ESTRUTURANTES	HABILIDADES GERAIS (Por Eixo)	HABILIDADES ESPECÍFICAS	UNIDADE CURRICULAR	OBJETOS DE CONHECIMENTOS	TEMAS ONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
<p>1.Eixo Investigação Científica</p>	<p>(EMIFCG01) Identificar, selecionar, processar e analisar dados, fatos e evidências com curiosidade, atenção, criticidade e ética, inclusive utilizando o apoio de tecnologias digitais.</p> <p>(EMIFCG02) Posicionar-se com base em critérios científicos, éticos e estéticos, utilizando dados, fatos e evidências para respaldar conclusões, opiniões e argumentos, por meio de afirmações claras, ordenadas, coerentes e compreensíveis, sempre respeitando valores universais, como liberdade, democracia, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade.</p> <p>(EMIFCG03) Utilizar informações, conhecimentos e ideias resultantes de investigações científicas para criar ou propor soluções para problemas diversos.</p>	<p>(EMIFLGG03) Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo, experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre português brasileiro, língua(s) e/ ou linguagem(ns) específicas, visando fundamentar reflexões e hipóteses sobre a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), identificando os diversos pontos de vista e posicionando se mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias.</p> <p>(EMIFCHSA01) Investigar e analisar situações problema envolvendo temas e</p>	<p>PENSANDO A PRÁTICA 15h</p>	<p>1. O que é vídeo (breve histórico) 2. Fases de Vídeo produção.</p>	<p>Educação para o consumo; Trabalho; Ciência e Tecnologia; Vida familiar e social; Educação financeira; Multiculturalismo; Economia; Saúde; Cidadania e Civismo.</p>

<p>2. Eixo Processos Criativos</p>	<p>(EMIFCG04) Reconhecer e analisar diferentes manifestações criativas, artísticas e culturais, por meio de vivências presenciais e virtuais que ampliem a visão de mundo, sensibilidade, criticidade e criatividade.</p> <p>(EMIFCG05) Questionar, modificar e adaptar ideias existentes e criar propostas, obras ou soluções criativas, originais ou inovadoras, avaliando e assumindo riscos para lidar com as incertezas e colocá-las em prática.</p> <p>(EMIFCG06) Difundir novas ideias, propostas, obras ou soluções por meio de diferentes linguagens, mídias e plataformas, analógicas e digitais, com confiança e coragem, assegurando que alcancem os interlocutores pretendidos.</p>	<p>processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.</p> <p>(EMIFLGG04) Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).</p> <p>(EMIFCHSA06) Propor e testar soluções éticas, estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais relacionados a temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global.</p>	<p>ARQUITETANDO A CRIAÇÃO 15h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pesquisa. 2. Roteiro. 3. Linguagem e Formatação. 4. Decupagem. 5. Configuração inicial do programa. 	
---	---	---	---	--	--

<p>3. Eixo Mediação e Intervenção Sociocultural</p>	<p>(EMIFCG07) Reconhecer e analisar questões sociais, culturais e ambientais diversas, identificando e incorporando valores importantes para si e para o coletivo que assegurem a tomada de decisões conscientes, consequentes, colaborativas e responsáveis.</p> <p>(EMIFCG08) Compreender e considerar a situação, a opinião e o sentimento do outro, agindo com empatia, flexibilidade e resiliência para promover o diálogo, a colaboração, a mediação e resolução de conflitos, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade.</p> <p>(EMIFCG09) Participar ativamente da proposição, implementação e avaliação de solução para problemas socioculturais e/ou ambientais em nível local, regional, nacional e/ou global, corresponsabilizando-se pela realização de ações e projetos voltados ao bem comum.</p> <p>(EMIFCG10) Reconhecer e utilizar qualidades e</p>	<p>(EMIFLGG07) Identificar e explicar questões socioculturais e ambientais passíveis de mediação e intervenção por meio de práticas de linguagem.</p>	<p>UM OLHAR PARA A PRODUÇÃO 20h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecendo as ferramentas básicas. 2. Corte seco. 3. Transparência. 4. Efeitos de transição e Efeitos de Vídeo. 	
--	---	--	---	---	--

<p>4. Eixo Empreendedorismo</p>	<p>fragilidades pessoais com confiança para superar desafios e alcançar objetivos pessoais e profissionais, agindo de forma proativa e empreendedora e perseverando em situações de estresse, frustração, fracasso e adversidade.</p> <p>(EMIFCG11) Utilizar estratégias de planejamento, organização e empreendedorismo para estabelecer e adaptar metas, identificar caminhos, mobilizar apoios e recursos, para realizar projetos pessoais e produtivos com foco, persistência e efetividade.</p> <p>(EMIFCG12) Refletir continuamente sobre seu próprio desenvolvimento e sobre seus objetivos presentes e futuros, identificando aspirações e oportunidades, inclusive relacionadas ao mundo do trabalho, que orientem escolhas, esforços e ações em relação à sua vida pessoal, profissional e cidadã.</p>	<p>(EMIFCHSA10) Avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser utilizadas na concretização de projetos pessoais ou produtivos, em âmbito local, regional, nacional e/ ou global, considerando as diversas tecnologias disponíveis, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania.</p> <p>(EMIFLGG11) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das práticas de linguagem para desenvolver um projeto pessoal ou um empreendimento produtivo.</p>	<p>APARANDO AS ARESTAS 30h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Títulos e legendas. 2. Motion. 3. Efeitos de Chroma-Key. 4. Áudio. 5. Áudio mixer. 6. Formatos de Vídeo. 7. Exportação/mídias diversas 	
<p>REFERÊNCIAS</p>					

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz*. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.
 BAZIN, André. *Ontologia da imagem fotográfica*. In: *O que é o cinema?* Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro – São Paulo: Cosac Naify, 2014.
 DAMATTA, Roberto. *Você tem cultura?* Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981.
 Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª. Edição). São Paulo: DP&A, 2006.

MÓDULO 4: OFICINA DE CINEMA: OFICINA DE MICROMETRAGEM FILOSÓFICA

CARGA HORÁRIA: 120h

EIXOS ESTRUTURANTES	HABILIDADES GERAIS (Por Eixo)	HABILIDADES ESPECÍFICAS	UNIDADE CURRICULAR	OBJETOS DE CONHECIMENTOS	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
1.Eixo Investigação Científica	<p>(EMIFCG01) Identificar, selecionar, processar e analisar dados, fatos e evidências com curiosidade, atenção, criticidade e ética, inclusive utilizando o apoio de tecnologias digitais.</p> <p>(EMIFCG02) Posicionar-se com base em critérios científicos, éticos e estéticos, utilizando dados, fatos e evidências para respaldar conclusões, opiniões e argumentos, por meio de afirmações claras, ordenadas, coerentes e compreensíveis, sempre respeitando valores universais, como liberdade, democracia, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade.</p> <p>(EMIFCG03) Utilizar informações, conhecimentos e ideias resultantes de investigações</p>	<p>(EMIFLGG03) Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisas (bibliográfica, exploratória, de campo, experimental etc.) em fontes confiáveis, informações sobre português brasileiro, língua(s) e/ou linguagem(ns) específicas, visando fundamentar reflexões e hipóteses sobre a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), identificando os diversos pontos de vista e posicionando se</p>	<p>CONHECENDO O CINEMA 40h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. História do cinema. 2. O que é audiovisual. 3. Cinema documentário. 4. Cinema ficção. 5. Processos de criação e produção cinematográficos. 6. Profissionais do cinema. 7. Termos técnicos do cinema. 8. Características específica do gênero documental. 9. Exibição de filmes clássicos do cine-doc. 	<p>Educação para o consumo;</p> <p>Trabalho; Ciência e Tecnologia;</p> <p>Vida familiar e social;</p> <p>Educação financeira;</p> <p>Multiculturalismo;</p> <p>Economia;</p> <p>Saúde;</p> <p>Cidadania e Civismo.</p>

<p>2. Eixo Processos Criativos</p>	<p>científicas para criar ou propor soluções para problemas diversos.</p> <p>(EMIFCG04) Reconhecer e analisar diferentes manifestações criativas, artísticas e culturais, por meio de vivências presenciais e virtuais que ampliem a visão de mundo, sensibilidade, criticidade e criatividade.</p> <p>(EMIFCG05) Questionar, modificar e adaptar ideias existentes e criar propostas, obras ou soluções criativas, originais ou inovadoras, avaliando e assumindo riscos para lidar com as incertezas e colocá-las em prática.</p>	<p>mediante argumentação, com o cuidado de citar as fontes dos recursos utilizados na pesquisa e buscando apresentar conclusões com o uso de diferentes mídias.</p> <p>(EMIFCHSA01) Investigar e analisar situações problema envolvendo temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.</p> <p>(EMIFLGG04) Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).</p> <p>(EMIFCHSA06) Propor e testar soluções éticas, estéticas, criativas e</p>	<p>OFICINA DE ROTEIRO 30h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Princípios básicos de produção de roteiro. 2. Tipos de roteiros. 3. Roteiro linear. 4. Roteiro não linear. 5. Roteiro de ficção. 6. Roteiro de documentário. 7. Estrutura do roteiro. 8. Criação do roteiro produzido pelos estudantes. 	
---	---	---	-----------------------------------	---	--

<p>3. Eixo Mediação e Intervenção Sociocultural</p>	<p>(EMIFCG06) Difundir novas ideias, propostas, obras ou soluções por meio de diferentes linguagens, mídias e plataformas, analógicas e digitais, com confiança e coragem, assegurando que alcancem os interlocutores pretendidos.</p> <p>(EMIFCG07) Reconhecer e analisar questões sociais, culturais e ambientais diversas, identificando e incorporando valores importantes para si e para o coletivo que assegurem a tomada de decisões conscientes, consequentes, colaborativas e responsáveis.</p> <p>(EMIFCG08) Compreender e considerar a situação, a opinião e o sentimento do outro, agindo com empatia, flexibilidade e resiliência para promover o diálogo, a colaboração, a mediação e resolução de conflitos, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade.</p> <p>(EMIFCG09) Participar ativamente da proposição, implementação e avaliação de solução para problemas socioculturais e/ou</p>	<p>inovadoras para problemas reais relacionados a temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ ou global.</p> <p>(EMIFLGG07) Identificar e explicar questões socioculturais e ambientais passíveis de mediação e intervenção por meio de práticas de linguagem.</p>	<p>OFICINA DE PRODUÇÃO 30h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adaptação do roteiro para gravação. 2. Dicas para filmagem. 3. Equipamento de gravação. 4. Enquadramentos. 5. Iluminação. 6. Som/áudios. 7. Trilha sonora. 8. Características específicas de produção do cine-doc. 	
--	---	--	------------------------------------	--	--

<p>4. Eixo Empreendedorismo</p>	<p>ambientais em nível local, regional, nacional e/ou global, corresponsabilizando-se pela realização de ações e projetos voltados ao bem comum.</p> <p>(EMIFCG10) Reconhecer e utilizar qualidades e fragilidades pessoais com confiança para superar desafios e alcançar objetivos pessoais e profissionais, agindo de forma proativa e empreendedora e perseverando em situações de estresse, frustração, fracasso e adversidade.</p> <p>(EMIFCG11) Utilizar estratégias de planejamento, organização e empreendedorismo para estabelecer e adaptar metas, identificar caminhos, mobilizar apoios e recursos, para realizar projetos pessoais e produtivos com foco, persistência e efetividade.</p> <p>(EMIFCG12) Refletir continuamente sobre seu próprio desenvolvimento e sobre seus objetivos presentes e futuros, identificando aspirações e</p>	<p>(EMIFCHSA10) Avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser utilizadas na concretização de projetos pessoais ou produtivos, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando as diversas tecnologias disponíveis, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania.</p> <p>(EMIFLGG11) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das práticas de linguagem para desenvolver um projeto pessoal ou um empreendimento produtivo.</p>	<p>PRODUÇÃO DO FILME 20h</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gravação. 2. Manuseio dos apps que os estudantes utilizarão para produção. 3. Montagem. 4. Edição. 5. Exibição do trabalho final. (cine-escola). 	
--	--	--	----------------------------------	---	--

	oportunidades, inclusive relacionadas ao mundo do trabalho, que orientem escolhas, esforços e ações em relação à sua vida pessoal, profissional e cidadã.				
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>ALMEIDA, Jorge Miranda; AGUIAR, Itamar Pereira (orgs.). <i>Filosofia, Cinema e Educação</i>. – Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.</p> <p>BAZIN, André. <i>O que é o cinema?</i> Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Prefácio e apêndice: Ismael Xavier. São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 416 pp, 27 ils.</p> <p>BERNARDET, Jean-Claude. <i>O que é cinema</i>. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.</p> <p>CABRERA, Julio. <i>De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia: novas reflexões sobre o cinema e a filosofia</i>. São Paulo: Nankin, 2007.</p> <p>CABRERA, Julio. <i>O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes</i>. Trad. Ryta Vinagre. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.</p> <p>COHN, Sergio. <i>Ensaio fundamentais. Cinema</i>. Sergio Cohn (org.). – Rio de Janeiro: Beco do azougue, 2011.</p> <p>DELEUZE, Gilles. <i>Cinema 1: A imagem-movimento</i>. Tradução de Stella Senra. Revisão: José W. S. Moraes Elvira da Rocha. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.</p> <p>DELEUZE, Gilles. <i>Cinema 2: A imagem-tempo</i>. Tradução: Eloisa de Araújo Ribeiro, Revisão: Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.</p> <p>LABAKI, Amir. <i>A verdade de cada um</i>. Amir Labaki [org.]. São Paulo: Cosac Naify, 2015, vários tradutores 6ils.</p> <p>FARHI NETO, Leon. <i>O que é o cine-documentário?</i> In: SANTANA, Juliana; SOUZA, Raquel Castilho; DUARTE, Fábio Henrique; et ali (Orgs.). <i>Filosofia em debate</i>. Vol. 2. Palmas: EDUFT, 2019. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/eduft/catalogo/ebooks>. Acesso em: 11.06.2019.P. 81-89.</p> <p>FERREIRA, Oscar Manuel de Castro, 1943 – <i>Recursos audiovisuais para o ensino</i> por Oscar Manuel de Castro Ferreira e Plínio Dias da Silva Junior; desenhos de Enio Longo da Silva. São Paulo, EPU, 1975.</p> <p>MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Amir. <i>O cinema do real: 1º edi</i>. Cosac Naify, 2014. 448 p. 20 ils.</p> <p>POURRIOL, Ollivier, 1971 – <i>Cinefilô: as mais belas questões da filosofia no cinema</i>. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.</p> <p>REINA, Alessandro. <i>Cinema e filosofia: ensinar e aprender filosofia com os filmes.</i> / Alessandro Reina. / Curitiba: Juruá, 2016. 206p. (Biblioteca de Filosofia e Educação Filosófica).</p> <p>YOEL, Gerardo (org). <i>Pensar o cinema – imagem, ética e filosofia</i>. Apresentação: Ismael Xavier, trad. LiviaDeorsola, Hugo Mader, Pedro Marciel, Raquel Imanishi. São Paulo: Cosac Naify. 2015 p. 288 pp, 6 ils.</p>					

(ANEXOS 2)

PLANILHA DE APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
APLICADAS. 1° AO 2° ANO

PLANILHA DE APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

1º AO 3º ANO

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS 01 - Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

CATEGORIAS	COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC	HABILIDADES	OBJETO DE CONHECIMENTO	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
Tempo e Espaço	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p>	<p>(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.</p>	<p>(EM13CHS101)GEO - Análise das diferentes concepções de espaço, tempo, território, natureza e paisagem a partir de diferentes linguagens. (Espaço Geográfico – O espaço geográfico e os processos de interação entre natureza e a sociedade; As constantes mudanças no espaço geográfico.)</p> <p>(EM13CHS101)FIL – Desempenhar compreensão das fontes históricas da Filosofia de forma crítica às ideias filosóficas e processos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais que marcaram o surgimento da Filosofia no tempo e espaço geográfico. (A origem da Filosofia, períodos e os campos de investigação; principais períodos da História da Filosofia; Tales de Mileto, Pitágoras, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Parmênides.)</p>	<p>(TCT 01) Ciência e tecnologia;</p> <p>(TCT 03) Diversidade cultural;</p> <p>(TCT 05) Educação Ambiental;</p>

	10-Responsabilidade e cidadania		<p>(EM13CHS101)HISAnálise de narrativas historiográficas para o estudo da origem e formação dos diferentes povos em diferentes regiões do mundo e da História Regional (indígena e quilombola) considerando as noções de tempo das diferentes sociedades.</p> <p>(EM13CHS101) SOC Identificar a influência dos diferentes saberes/tipos de conhecimento na interpretação das realidades e formas de organização social e espacial, problematizando a relação entre indivíduo e sociedade. Identificar a influência dos diferentes saberes/tipos de conhecimento na interpretação das realidades e formas de organização social e espacial, problematizando a relação entre indivíduo e sociedade.</p> <p>(Relação indivíduo-sociedade. Processo de socialização; relações sociais e instituições sociais. O conhecimento sociológico e os métodos científicos. Organização e mobilidade social: os diferentes modos de produção e relações de produção. Estratificação social e desigualdades sociais).</p>	<p>(TCT 06) Educação em Direitos Humanos;</p> <p>(TCT 09) Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais Brasileiras;</p> <p>(TCT 10) Educação para o consumo;</p> <p>(TCT 14) Trabalho.</p>
Tempo e Espaço	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico crítico e criativo</p> <p>3- Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p>	<p>(EM13CHS102)Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas,econômicas, sociais, ambientais e culturais dematrizes conceituais (etnocentrismo, racismo,evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que</p>	<p>(EM13CHS102)GEO - Análise das dinâmicas de organização da vida urbana na contemporaneidade a partir do uso do território pelos diferentes grupos que os ocupam.</p> <p>(Organização e funcionamento da sociedade: indivíduo, sociedade, cidade e urbano. Sociedades urbano-industriais: as transformações da paisagem e do território pelo modo de vida e pela ocupação do espaço).</p> <p>(EM13CHS102)FIL – Realizar estudos da vida social, da ética como princípio da vida coletiva, dos fundamentos da pólis e da noção de cidade e urbano no tempo e espaço.</p> <p>(A Existência Ética; Diferença de ética e moral; Ética e Política; Aristóteles: A Política e o Bem Comum; A Vida Política; Sócrates, Platão, Aristóteles, Maquiavel, Foucault.)</p> <p>(EM13CHS102)HIS- Análise de conceitos dicotômicos dos processos</p>	

	<p>10-Responsabilidade e cidadania</p>	<p>contemplem outros agentes e discursos.</p>	<p>Históricos, avaliando criticamente discursos que promovam concepções de etnocentrismo, racismo e xenofobia no mundo contemporâneo. (Ideias Iluministas: evolução do pensamento político ocidental. para uma concepção Democrática.)</p> <p>(EM13CHS102)SOC - Análise do desenvolvimento dessa habilidade ao abordar os fenômenos do mundo moderno: divisão do trabalho, especialização, variação moral, coesão social, racionalização, influência religiosa sobre a vida humana, relações produtivas e conflitos entre classes sociais. Promove, ainda, o estranhamento e a desnaturalização diante das regras e estruturas sociais.</p> <p>(Processos históricos e antropológicos para analisar a concepção de etnocentrismo e modernidade, cultura e sociedade e cidadania e cidadão. Analisar politicamente os usos dos territórios em distintos tempos e lugares).</p>	
<p>Tempo e Espaço/ Política e Trabalho</p>	<p>1.Conhecimento 2-Pensamento científico crítico e criativo 3-Repertório cultural 4-Comunicação 5-Cultura digital 7-Argumentação 10-Responsabilidade</p>	<p>(EM13CHS103)Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas,</p>	<p>(EM13CHS103)GEO - Interpretação crítica da transformação do capitalismo a partir das transformações da sociedade urbano-industrial e os problemas sociais da contemporaneidade, como desigualdade de renda e outras questões relacionadas ao mundo do trabalho. (Revolução Industrial; O desenvolvimento e a transformação do Capitalismo.)</p> <p>EM13CHS103)FIL – Saber fazer estudos dos processos históricos que modificaram o pensamento filosófico, político, econômico e social na passagem do período medieval para o mundo moderno com novas perspectivas na política e trabalho. (Liberalismo e o fim do Antigo Regime; Os Regimes Políticos; Origem do Estado; Estado de Natureza e Contrato Social; Filósofos iluministas: Locke, Rousseau, Montesquieu, Voltaire. Thomas Hobbes.)</p> <p>(EM13CHS103)HIS - Análise de documentos Históricos que evidenciam os fundamentos do processo sociopolítico do mundo antigo</p>	

	e cidadania	tabelas, tradições orais, entre outros).	<p>(Egito, Grécia e Roma) e sua influência na vida cultural nos processos históricos seguintes até a sua contemporaneidade. (O legado histórico, político social e cultural do mundo Antigo (Egito, Grécia, e Roma.)</p> <p>(EM13CHS103)SOC - Análise da crítica ao senso comum, promovendo o estranhamento e desnaturalização da realidade, mostrando a relação da sociedade com o trabalho e os desdobramentos do capitalismo na estratificação social. (A sociedade e a relação com o trabalho. Classe e estratificação social. A ciência na história. A cultura e a religião. A ética: existência ética e liberdade. As transformações no espaço geográfico a partir da produção de mercadorias. A dinâmica da natureza e os impactos causados pela ação antrópica.)</p>	
Tempo e Espaço/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura E Ética	1-Conhecimento 2-Pensamento científico, crítico e criativo 3-Repertório cultural 4-Comunicação 5-Cultura digital 7-Argumentação 8-Autoconhecimento	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.	<p>(EM13CHS104)GEO - Reflexão sobre a importância do patrimônio para a identidade e inventariar o patrimônio material e imaterial do Brasil, Estado e cidade. (As características culturais, econômicas dos espaços rurais e urbanos do Brasil. A cultura Tocantinense, como a gastronomia e a música.)</p> <p>EM13CHS104)FIL – Desempenhar estudo da estética e da arte, arte como forma de pensamento e produção de significados e as concepções estéticas como demarcação do tempo e espaço na cultura e sociedade nos discursos ideológicos.</p> <p>(Introdução a Estética; O Universo da Arte; Arte e Indústria; Ernst Cassirer, Friedrich Nietzsche, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Susan Sontag, Immanuel Kant.)</p> <p>(EM13CHS104)HIS - Reconhecimento do legado cultural de cada povo em diferentes períodos e lugares, relacionando essa herança à formação</p>	

	e autocuidado		<p>da sociedade ocidental.</p> <p>(Patrimônio histórico cultural e a preservação da memória. História e a origem da diversidade cultural do Tocantins.)</p> <p>(EM13CHS104)SOC - Compreensão do conceito de cultura material e imaterial, do sentido de patrimônio e da relação entre comunicação de massa, ideologia e cultura.</p> <p>(Cultura: dimensões, diversidade e difusão de informações e conhecimentos. Patrimônio cultural: material e imaterial. Patrimônio natural e conservação. Turismo ambiental. Indústria cultural e meios de comunicação de massa: sociedade, ideologia e consumo. Estética e arte. A arte como forma de pensamento e produção de significados e as concepções estéticas. Buscando finalizar num contexto local: Tocantins.)</p>	
Tempo e Espaço/ Território e Fronteira	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p>	<p>(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.</p>	<p>(EM13CHS105)GEO - Reflexão sobre as consequências do uso das tecnologias no cotidiano e avaliar o impacto social da ciência e tecnologia para a sociedade contemporânea, análise prática de agricultura em diferentes estruturas sociais, criticando classificações valorativas dicotômicas.</p> <p>(O espaço urbano e o processo de urbanização; O espaço rural e a produção agropecuária; O êxodo rural).</p> <p>(EM13CHS105)FIL - Saber fazer estudos sobre a razão e a filosofia do conhecimento, a filosofia da ciência, a Teoria Crítica para a compreensão dos fundamentos epistemológicos que influenciaram governos nas delimitações de territórios e fronteiras, além de políticas ambientais e desenvolvimento da tecnologia.</p> <p>(Descartes e o Racionalismo; As Ciências; A razão; teoria do conhecimento; existencialismo. Lógica formal. Silogismo. Argumentos dedutivos, indutivos, intuitivos. Analogia. Aristóteles,</p>	

	<p>10-Responsabilidade e cidadania</p>		<p>Descartes, Montaigne, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Ernst Meyr, Max Scheler e Sartre.)</p> <p>(EM13CHS105)HIS - Contextualização de barbárie, ideais iluministas e o conceito de civilizado, o neocolonialismo na África e Ásia, ultranacionalismo dos regimes Totalitários e a presença da dicotomia na organização das sociedades atuais. (As ambiguidades nos processos Históricos desde a pré – história até o mundo contemporâneo.)</p> <p>(EM13CHS105)SOC - Análise das ideias de progresso, de razão e de avanço rumo a uma sociedade melhor são passíveis de revisão crítica, possibilitando superar uma visão de mundo dicotômica. (Consequências da Modernidade: tecnologia, trabalho, obsolescência e degradação ambiental. Complexidade: entendimento dos conflitos e situações divergentes, observando dicotomias, ambiguidades e julgamentos valorativos excludentes e opositivos. Espaço urbano e rural: conflitos pela terra, interesses divergentes e ambiguidades. Razão e pensamento científico. Subjetividades, religiosidades, senso comum e valores tradicionais. Concepções de mudanças sociais em distintos tempos e lugares: evolução, progresso e desenvolvimento).</p>	
<p>Tempo e Espaço</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p>	<p>(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar</p>	<p>(EM13CHS106)GEO - Interpretação de mapas representando distintos fenômenos no uso do território e mapas que revelam um mesmo fenômeno em diferentes escalas e investigação da linguagem cartográfica como recurso para expressão de interpretações de práticas espaciais. (Cartografia).</p> <p>(EM13CHS106)FIL – Produzir estudos das imagens (fotografia, charges, caricaturas etc.) em diferentes suportes para identificar visões</p>	

	<p>5-Cultura digital</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania</p>	<p>informações, produzir conhecimentos, resolver problema se exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p>	<p>de mundo, parcialidades, estereótipos e intencionalidades; informação e comunicação: a relação entre os sistemas de comunicação e as redes sociais e comunicação política como práticas de manipulação de consciências.</p> <p>(Imagem estética; fotografia; redes sociais; ideologias na comunicação digital; vigilância social; privacidade; Michael Foucault, Ludwig Wittgenstein, Félix Guattari, Theodor Adorno, Max Horkheimer.)</p> <p>(EM13CHS106)HIS- Reflexão sobre a produção de riquezas e distribuição de renda no Brasil, (Região Norte) e Tocantins-Município. Problematizando uma situação que revele a desigualdade socioespacial de diferentes grupos, como os indígenas, quilombolas, populações em situações de rua, ribeirinhos, entre outros) (Formação dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, considerando a importância do sujeito na construção de identidades e a História local de um povo.)</p> <p>(EM13CHS106)SOC -Compreensão da estrutura e funcionamento dos meios de comunicação de massa e das tecnologias de produção e difusão de informação, assim como as condições e consequências sociais de acesso e usos de tais recursos.</p> <p>(A Leitura de imagem (fotografia, charges, caricaturas etc.) em diferentes suportes para identificar visões de mundo, parcialidades, estereótipos e intencionalidades. Informação e comunicação: a relação entre os sistemas de comunicação e as redes técnicas. Algoritmos, privacidade e “bolhas digitais”. Fake News e comunicação política)</p>	
--	--	---	---	--

PLANILHA DE APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

1º A 3º ANO

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS 02 - Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

CATEGORIAS	COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC	HABILIDADES	OBJETO DE CONHECIMENTO	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
Território e Fronteira/ Política e Trabalho	1-Conhecimento 2-Pensamento científico, crítico e criativo 3-Repertório cultural 4-Comunicação 5-Cultura digital 7-Argumentação	(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.	EM13CHS201)GEO - Análise de impactos socioeconômicos dos conflitos territoriais urbanos que expressam disputas territoriais decorrentes das diferenças culturais e socioeconômicas, nas grandes cidades do mundo e em fronteiras e investigação dos fluxos migratórios no passado e no presente: motivações, ações dos governos, contribuições, desafios, integração ou rejeição cultural/religiosa. (A dinâmica dos fluxos de pessoas e mercadorias durante a 1º e 2º Guerra mundial; O fim da 2º Guerra Mundial e os Acordos econômicos; A Guerra Fria e o Sistema Socialista; Deslocamentos Populacionais: Migração, Imigração, Emigração e Refugiados.) (EM13CHS201)FIL - Relacionar as formas e organizações territoriais aos tipos de governos e debater dimensões éticas relacionadas à convivência entre as diferenças. (As Teorias Socialistas e a Ideologia; A Democracia como	(TCT 01) Ciência e tecnologia; (TCT 02) Direitos da criança e do adolescente; (TCT 03) Diversidade Cultural; (TCT 04) Educação alimentar; (TCT 05) Educação ambiental;

	<p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania</p>		<p>Ideologia; O Discurso Ideológico; Estado Liberal; Karl Marx, Engels, Aristóteles, Locke, Foucault, Maquiavel.)</p> <p>(EM13CHS201) HIS - Análise do processo de migrações no Brasil no contexto do XIX E XX, que proporcionou a construção de uma cultura diversificada e heterogênea. (Imigrantes: contextos políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais e a contribuição para a evolução do processo capitalista.</p> <p>(EM13CHS201) SOC -Analisar o Pensamento Social Brasileiro frente à problemática da emancipação, do direito à diferença, dos limites à liberdade, da definição da dignidade como projeto social e do reconhecimento da exclusão. (Regimes políticos e produção territorial. Etnias, xenofobia e conflitos territoriais, demarcação de terras indígenas. Territorialidades urbanas. Propriedade da terra e organização territorial. Migrações e conflitos socioespaciais: fluxos e relações escalares (eventos naturais, sociais e econômicos)</p>	<p>(TCT 06) Educação em Direitos Humanos;</p> <p>(TCT 07) Educação financeira;</p> <p>(TCT 08) Educação fiscal;</p> <p>(TCT 09) Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras;</p> <p>(TCT 10) Educação para o consumo;</p>
<p>Território e Fronteira</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p>	<p>(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneas (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.</p>	<p>(EM13CHS202)GEO - Análise dos impactos científicos, econômicos, sociais e políticos da globalização nas sociedades contemporâneas e a interpretação de imagens de diferentes espaços, associando fluxos econômicos às dinâmicas culturais e considerando as relações entre local e global. (Industrialização e crescimento populacional; Zonas de Atração e Repulsão populacional (Séc. XIX XX); Fluxos da Sociedade Global, Fluxos econômicos, Fluxos de informações, Fluxos de pessoas).</p> <p>(EM13CHS202)FIL – Realizar estudo das Técnicas, culturas e vida digital e analisando a relação entre ciência, ética, tecnologia e formação de solidariedades político-ideológicas. (Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky, Hans Jonas, Hipócrates, Peter Singer, Emmanuel Levinas, Jürgen Habermas, Michel Serres.)</p> <p>(EM13CHS202)HIS- Utilização das fontes documentais e históricas e</p>	<p>(TCT 13) Saúde;</p> <p>(TCT 14) Trabalho;</p> <p>(TCT 15) Vida familiar e social.</p>

	<p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade de e cidadania.</p>		<p>do confronto entre as interpretações, versões, fatos e processos em diferentes tempos.</p> <p>(A produção da “ verdade e pós verdade “ e valores étnicos no mundo contemporâneo”).</p> <p>(EM13CHS202)SOC - Análise da influência da tecnologia na difusão, manutenção e alteração de padrões comportamentais e partir da reflexão sobre poderes transnacionais, poderes locais, conflitos e movimentos contra-hegemônicos.</p> <p>(As novas tecnologias e redes sociais: impactos em diferentes sociedades e escalas de análise. Fronteiras culturais: integração e exclusão sociocultural. Política e interculturalidade. Tecnologia, globalização e dinâmica produtiva.)</p>	
<p>Território e Fronteira/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p>	<p>(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).</p>	<p>(EM13CHS203)GEO - Estudo dos conflitos geopolíticos na Ásia, África e Europa considerando a relação entre fronteiras, territórios e tensões políticas, econômicas e culturais.</p> <p>(Fronteira, território e territorialidade: conceito político e jurídico e a noção social de ocupação do espaço; Conflitos e disputas territoriais).</p> <p>(EM13CHS203)FIL – Estabelecer relações das formas de organização humana antiga, medieval, moderna e contemporânea como requisito para a compreensão do cenário político, econômico e social no globo e no Brasil.</p> <p>(Sistemas e formas de governo; democracia antiga e democracia moderna; cidadania moderna e cidadania antiga; poder do poder; poder político; Tomas Hobbes, John Locke, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, Karl Marx, Friedrich Engels, Peirre-Joseph Proudhon, Mikchail Bakunin)</p> <p>(EM13CHS203)HIS- Avaliação de conceitos e processos referentes à ocupação/invasão, povoamento/conquista, dominador/dominado, civilização/barbárie e diáspora/ invasão.</p> <p>(Conflitos territoriais e fronteiriços no Brasil, considerando espaços urbanos e rurais; História dos povos pré -colombianos e a</p>	

			<p>construção de suas identidades locais.)</p> <p>(EM13CHS203)SOC - Análise do papel do governo, da violência institucional no controle do território, da organização administrativa para exercício do poder e do enraizamento dos indivíduos em uma comunidade.</p> <p>(Fronteira, território e territorialidade: conceito político e jurídico e a noção social de ocupação do espaço. Fronteiras e território: identificações étnico-nacionais, produções de diferenças sociais e hibridismos culturais. Formação dos Estados nacionais: princípios e elementos de composição do Estado; nações, Estados e sociedades sem Estados. Formas de Estado. Sistemas e formas de governo. Democracia antiga e democracia moderna. Cidadania moderna e cidadania antiga.)</p>	
<p>Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.</p>	<p>(EM13CHS204)GEO - Análise dos processos de formação do território brasileiro em diferentes contextos, considerando as culturas, população e distribuição territorial.</p> <p>(Formação do território brasileiro, a composição, crescimento e distribuição; Ocupação do território brasileiro.)</p> <p>(EM13CHS204)FIL – Apresentar reflexão sobre o ser em si e a coletividade para compreender a diversidade atual e histórica, desconstruindo pré-juízos sobre o humano e a sociabilidade.</p> <p>(A Liberdade; Liberdade e Conhecimento; Liberdade e Responsabilidade; Fenomenologia e Existencialismo.Sócrates, Platão, Aristóteles, Voltaire;Giovanni Pico della Mirandola, Thomas More, Erasmo de Roterdã, Michel de Montaigne, Hannah Arendt, Karl Marx, Soren Kierkegaard, Friedrich Hegel, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre)</p> <p>(EM13CHS204)HIS - Identificação de diferentes sujeitos de diversidade étnico-cultural compostos os grupos sociais, culturais, movimentos políticos no Brasil.</p> <p>(Movimentos sociais no Brasil desde o período Império até a</p>	

			<p>contemporaneidade.)</p> <p>(EM13CHS204)SOC - Análise da relação entre marcos regulatórios e questões ambientais e identificando relações entre aumento populacional, surgimento de favelas e violência urbana.</p> <p>(A produção do espaço urbano: formação de territórios e governança. Federalismo e gestão do território: descentralização e arranjos institucionais, as diferenças entre o federalismo do Brasil e outras nações. Potências mundiais: fronteiras, territórios e territorialidades. Impérios e Estados Nacionais: sobreposição de territorialidades étnico-culturais. Organismos internacionais, Estados Nacionais: territorialidades e políticas de administração nacionais.)</p>	
<p>Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>7-Argumentação 9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade de e cidadania.</p>	<p>(EM13CHS205)Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.</p>	<p>EM13CHS205)GEO - Reflexão sobre as regiões brasileiras (suas culturas, especificidades e tradições) bem como no estado do Tocantins com realidades diferentes entre o Norte e o Sul do Estado.</p> <p>(As regiões brasileiras e as suas identidades culturais)</p> <p>(EM13CHS205)FIL - Utilizar o estudo da ética e da conduta moral, para produzir reflexões da complexidade e fragilidade da dualidade bem e mal; práticas juvenis e o avanço tecnológico.</p> <p>(O que é a ética; O que é a moral; consciência moral e consciência ética; ação e responsabilidade; o bem e o mal moral; os valores. Aristóteles, Kant, Spinoza, Nietzsche, Sartre.)</p> <p>(EM13CHS205)HIS - Discussão sobre os posicionamentos ideológicos mundiais nos séculos XIX, XX e XXI, Abordando o papel dos grupos de jovens junto aos movimentos de vanguarda musical, literária e política.</p> <p>(A juventude após Segunda Guerra Mundial, os movimentos estudantis da década de 1960 e movimento dos cara-pintadas na década de 1990).</p>	

			<p>(EM13CHS205)SOC- Análise do desenvolvimento de formas de solidariedade e a elaboração de normas e códigos de conduta de grupos identitários, minoritários ou excluídos, frente às normas e valores hegemônicos. Também aborda as condições históricas, políticas, econômicas e o surgimento da juventude.</p> <p>(Renovação cultural, ética, valores e cultura das juventudes. Transição demográfica, população economicamente ativa e ocupação das áreas urbanas. Territorialidades juvenis: centralidades e periferização no urbano e no rural, em distintas escalas de análise. Tecnologias da informação e comunicação e a atuação das juventudes em movimentos sociais.)</p>
<p>Tempo e Espaço/ Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>(EM13CHS206)Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.</p>	<p>(EM13CHS206)GEO - Análise da trajetória do crescimento demográfico até os dias atuais e as consequências para a população e como se deu a ocupação da região Norte do Brasil em especial o Tocantins.</p> <p>(Teorias Demográficas; Transição Demográfica; Estrutura etária e o futuro do crescimento demográfico no Brasil e no mundo; Políticas de incentivo à ocupação da região norte brasileira. A composição da população Tocantinense).</p> <p>(EM13CHS206)FIL - Procurar naFilosofia na ciência, Influência do pensamento científico na organização dos espaços contemporâneos, considerando a garantiadosDireitosHumanosesociais.</p> <p>(Revolução Científica e método das ciências naturais. Galileu e o método científico. Classificação das ciências. Método experimental. Desenvolvimento das ciências da natureza. Galileu Galilei, Blaise Pascal, Nicolau Copérnico, Isaac Newton, Antoine Lavoisier, Charles Darwin, Carl Lineu, Gregor Mendel, Auguste Comte, Thomas Kuhn, Paul K. Feyerabend)</p>

			<p>(EM13CHS206)HIS Análise do processo Histórico, político e econômico conhecido como Período Democrático (1946-1964) que favoreceu ao desenvolvimento da região norte do Brasil e a transformação do espaço geográfico.</p> <p>(A construção da BR Belém - Brasília, migrações e desenvolvimento do Agronegócio, Tocantinense.)</p> <p>(EM13CHS206)SOC - Análise da contribuição marxista sobre o estudo da cidade, problematizando com foco na qualidade de vida urbana.</p> <p>(Redes urbanas, cidades globais, megalópoles e metrópoles, considerando as barreiras econômicas, sistemas de informação e comunicação de massa e as contradições socioespaciais contemporâneas. Processos de urbanização e o direito à cidade. Redes e sociabilidades urbanas: localização e mapeamento de aparelhos culturais e de entretenimento pela cidade.)</p>	
--	--	--	---	--

PLANILHA DE APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

1º AO 3º ANO

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS 03 - Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

CATEGORIAS	COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC	HABILIDADES	OBJETO DE CONHECIMENTO	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e</p>	<p>(EM13CHS301)Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.</p>	<p>(EM13CHS301)GEO - Reflexão entre produção de mercadorias, consumo, descarte de resíduos e os impactos ambientais em diferentes lugares do mundo. Elaboração de ideias para o desenvolvimento do turismo no Tocantins.</p> <p>(A industrialização e os impactos ambientais; Desenvolvimento sustentável; O consumo e o descarte de resíduos. A indústria do turismo no Tocantins).</p> <p>(EM13CHS301)FIL – Estabelecer relações entre Individualidade e coletividade na sociedade de consumo; para produzir argumentos que provocam a consciência crítica, responsável e ética.</p> <p>(Imperialismo político e econômico; A política como “partilha do sensível”; questões de vida e de morte: elementos da Bioética; ética, empresa e sociedade. Karl Marx, Theodor Adorno, Walter Benjamin.)</p> <p>(EM13CHS301)HIS - Discussão sobre os impactos decorrentes da poluição no meio ambiente e na saúde humana.</p> <p>(Contextos Históricos de formação dos núcleos urbanos no Brasil, as questões sanitárias, históricos das políticas para o meio ambiente e de combate poluição em decorrência da industrialização)</p>	<p>(TCT 01) Ciência e tecnologia;</p> <p>(TCT 05) Educação Ambiental;</p> <p>(TCT 06) Educação em Direitos Humanos;</p> <p>(TCT 07) Educação financeira;</p> <p>(TCT 08) Educação fiscal;</p>

	<p>cidadania.</p>		<p>(EM13CHS301)SOC - Análise da questão da produção em massa nas sociedades industriais, as estratégias empresariais de predeterminação da validade dos produtos e a questão da novidade na formação do gosto e na criação de distinções sociais pela moda, por exemplo. A abordagem sobre os lixões e seus entornos, impactos e trabalhadores permite discutir efeitos do descarte massivo de resíduos e a questão do materialismo como prática social de consumo, descarte e orientações éticas.</p> <p>(A produção de mercadorias, o consumo e o descarte de resíduos, considerando o papel do Estado, da sociedade e do indivíduo. Impactos ambientais em áreas rurais e urbanas e a relação com a produção econômica. As questões ambientais de uso e ocupação dos solos em diferentes lugares do mundo: lixões, aterro sanitários, compostagem, cooperativas de catadores e a vida no lixo.)</p>	<p>(TCT 09) Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras;</p> <p>(TCT 10) Educação para o consumo;</p> <p>(TCT 12) Processo de Envelhecimento, respeito e valorização do Idoso;</p>
<p>Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p>	<p>(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais -, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.</p>	<p>(EM13CHS302)GEO - Análise dos impactos ambientais gerados pelas atividades agropecuárias e extrativas podendo relacionar os impactos ambientais e o desenvolvimento econômico a partir das cadeias produtivas de minérios. Discussão sobre a importância da pesquisa, da ciência e da tecnologia para a conservação ambiental.</p> <p>(A exploração dos recursos naturais brasileiros. Os impactos ambientais gerados pelas atividades agropecuárias e as queimadas no Tocantins; A Revolução Verde; A reforma agrária e os conflitos no campo. O desenvolvimento da agropecuária no Tocantins e o agronegócio).</p> <p>(EM13CHS302)FIL – Produzir as relações entre homem e natureza a partir de conceitos sobre modos de vida, consumo, cultura e produção.</p> <p>(Positivismo: cientificismo e neutralidade da ciência; A tecnociência; A emergência das Ciências Humanas; Ciência e poder na contemporaneidade; Jean Lsdriére, Auguste Comte, Saint-Simon, Michel Foucault, Bruno Latour.)</p>	<p>(TCT 13) Saúde;</p> <p>(TCT 14) Trabalho;</p> <p>(TCT 15) Vida familiar e social.</p>

	<p>10-Responsabilidade e e cidadania.</p>		<p>(EM13CHS302)HIS– Análise das fases econômicas e seus processos produtivos no Brasil desde o período pré-colonial até a contemporaneidade. (Economia agropecuária e extrativismo: Pau Brasil, cana de açúcar, mineração, cafeeira, borracha, soja, pecuária e demais produtos extraídos da natureza.) A influência do positivismo na História política do Brasil)</p> <p>(EM13CHS302)SOC- Compreensão dos modos de vida, hábitos culturais e o uso de recursos naturais pelas populações locais e comunidades tradicionais em diferentes lugares do mundo. (Modo de vida, hábitos culturais e o uso de recursos naturais pelas populações locais e comunidades tradicionais em diferentes lugares e tempos.)</p>	
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento 2-Pensamento científico, crítico e criativo 3-Repertório cultural 4-Comunicação 6-Trabalho e projeto de vida 7-Argumentação 9-Empatia e cooperação</p>	<p>(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.</p>	<p>(EM13CHS303)GEO - Análise dos hábitos de consumo globais, em relação à indústria cultural capitalista que transforma pessoas e valores em produtos, possibilitando a relação entre consumo, cidadania e exclusão social na globalização e a padronização (de produtos, moda, hábitos etc.) imposta pelo consumismo da sociedade de massas discutindo os limites da liberdade de escolha do indivíduo. (O consumismo e os impactos socioambientais; A globalização, o meio técnico-científico informacional e as transnacionais).</p> <p>(EM13CHS303)FIL – Usar estudos sobre Ideologia capitalista, a produção de desejos pela indústria da cultura de massa, a questão da cidadania, do consumo e hábitos sustentáveis na construção cultural e ética em políticas públicas e promoção dos Direitos humanos. (Inversão de Realidade: essência e Aparência; Como se Constrói as Ideologias; A Dominação pela Ideologia. Gilles Deleuze e Félix Guattari, Karl Marx, Antonio Gramsci, Theodor Adorno, Maue Castells.)</p>	

	<p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>		<p>(EM13CHS303)HIS - Discussão sobre hábitos de consumismo e o que essa prática impactam o meio ambiente e a saúde humana. (Contextos históricos da indústria cultural em diferentes em diferentes momentos da história e a afirmação da ideologia capitalista do consumo.)</p> <p>(EM13CHS303)SOC - Análise sobre consumismo nas sociedades modernas e dos consequentes problemas contemporâneos. Trata a questão dos efeitos da comunicação de massa na criação de necessidades de consumo junto à população, assim como a criação de status e estilos de vida associados ao consumo de determinadas marcas e produtos. (A globalização, o meio técnico-científico informacional e o uso do território pela indústria cultural (música, gastronomia, moda). A ideologia capitalista e a produção da indústria cultural de massa. O avanço das técnicas e tecnologias no meio de comunicação e informação. Cultura de massa, publicidade e a produção de desejos(publicidade infantil e o uso dos estereótipos, consumo e estilo de vida, marcas e a fetichização dos produtos). Cidadania, cidadão e consumidor: a lógica perversa do consumo na exclusão social do período atual e a necessidade de adoção de hábitos sustentáveis.)</p>	
<p>Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento 2-Pensamento científico, crítico e criativo 3-Repertório cultural 4-Comunicação 6-Trabalho e projeto de vida 7-Argumentação</p>	<p>(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.</p>	<p>(EM13CHS304)GEO - Análise da dimensão geopolítica da questão ambiental a partir dos temas: clima, água, consumo, produção de mercadorias, tecnologia e descarte. Desenvolvimento de um entendimento crítico da realidade contemporânea e das possibilidades reais de continuidade dos padrões de produção industrial, consumo, sustentabilidade ambiental e também políticas e programas ambientais para a Amazônia refletindo sobre a importância da preservação e conservação. (Os problemas ambientais urbanos e as mudanças climáticas no Brasil; A importância da água, desperdício e contaminação no Brasil com foco no Tocantins; A degradação ambiental e suas consequências).</p> <p>(EM13CHS304)FIL – Pesquisar o papel dos indivíduos, das nações, dos Estados e dos órgãos multilaterais no enfrentamento das questões</p>	

	<p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>		<p>socioambientais; discursos éticos e políticos que podem dirigir os processos do problema socioambiental. (Ética e questões ambientais: por um “contrato natural”; Indígenas, sustentabilidade e meio ambiente; Michel Serres, Bruna Moraes da Costa Weis.)</p> <p>(EM13CHS304)HIS - Os impactos socioambientais e o papel dos indivíduos, das instituições, dos Estados e dos órgãos multilaterais a partir de situações como construção de ferrovias, rodovias, usinas hidrelétricas e nucleares, reformas urbanísticas; campanhas sanitárias; entre outras. (A Ética no contexto das questões socioambientais e políticas de urbanização no Brasil e no Tocantins).</p> <p>(EM13CHS304)SOC – Análise sobre a degradação ambiental nas sociedades modernas. Reflete sobre os efeitos do processo de modernização e debate questões como pesquisas com embriões, mudança climática, riscos globais e a produção de discursos. (O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o fortalecimento das instituições mundiais para o desenvolvimento sustentável. Estratégias e instrumentos internacionais de promoção das políticas ambientais).</p>	
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>9-Empatia e cooperação</p>	<p>(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.</p>	<p>(EM13CHS305)GEO - Avaliação dos acordos, tratados e protocolos internacionais que regem as questões ambientais, identificando conflitos de interesses nacionais e acordos globais, além de análise do papel dos organismos nacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental (por exemplo, o IBAMA e órgãos estaduais) e a regulação de órgãos internacionais (por exemplo, a FAO, a OIT, entre outros). (Órgãos de proteção ao meio ambiente: O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e o fortalecimento das instituições mundiais para o desenvolvimento sustentável).</p> <p>(EM13CHS305)FIL- Apresentar as possibilidades e limites da ação individual e coletiva sobre a relação da sociedade com a natureza e a</p>	

	<p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>		<p>preservação inteligente das condições para a manutenção da vida. (Direitos humanos; noção de justiça; Direito natural: jusnaturalismo; Positivismo jurídico: crítica ao jusnaturalismo; Declaração Universal dos Direitos Humanos; Democracia e direitos humanos; Lei Maria da Penha;Theodor Adorno, José de Souza Martins, Comte-Sponville, Hobbes, Locke, Rousseau, Kant, Reccaria, Montesquieu.)</p> <p>(EM13CHS305)HIS - Análise de acordos nacionais internacionais sobre controle e fiscalização de questões ambientais. (Contexto histórico dos Acordos e tratados internacionais para Meio Ambiente, Rio 92, Rio+ 20, Políticas em defesa da Floresta Amazônica, Fóruns em defesa do Meio Ambiente no Estados do Tocantins, Ativismo juvenil nas práticas ambientais sustentáveis)</p> <p>(EM13CHS305) SOC - Análise das instituições de poder e as questões relativas ao desenvolvimento econômico e à sustentabilidade. Aborda a questão da organização da sociedade civil, ações coletivas e participação dos movimentos sociais. (Estados nacionais, desenvolvimento econômico e a preocupação global com o ambiente. Movimentos sociais ambientalistas e a agenda global. Ações e instituições estatais e não governamentais de fiscalização e proteção ambiental.)</p>	
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>6-Trabalho e projeto de</p>	<p>(EM13CHS306)Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).</p>	<p>(EM13CHS306)GEO - Reflexão sobre a relação entre desenvolvimento econômico e preservação do meio ambiente a partir das demandas por justiça ambiental em vários lugares do mundo. Análise dos benefícios e malefícios em construir uma usina hidrelétrica e se realmente seria a melhor opção ou a substituição por outras fontes de energia, como a solar e eólica, por exemplo. (Os impactos ambientais causados pelas diferentes formas de produção de energia; Os impactos causados com a construção das usinas hidrelétricas no estado do Tocantins. Fontes de energias renováveis e não renováveis; O potencial energético do Tocantins. O uso dos recursos naturais).</p> <p>(EM13CHS306)FIL – Demonstrar a produção econômica,</p>	

	<p>vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>		<p>cooperativismo: a questão do indivíduo, da coletividade, da ética e da solidariedade como prática da vida humana.</p> <p>(O que é o socialismo; Socialismo utópico; Teoria marxista: materialismo dialético e histórico; Relações de produção e luta de classe; a mais-valia; alienação e ideologia; Anarquismo; Escola de Frankfurt: teoria crítica. Karl Marx, Engels, Mikhail Bakunin, Pierre-Joseph Prouhon.)</p> <p>(EM13CHS306)HIS - Discussão sobre valores de coletividade, sustentabilidade, ética e empatia para a construção de uma sociedade democrática.</p> <p>(A história da agricultura familiar no Brasil, Tocantins e cooperativismo.)</p> <p>(EM13CHS306)SOC- Análise do tema pela via do cooperativismo, em relação à produção, à organização do trabalho e ao consumo. Aborda também a economia solidária e o associativismo.</p> <p>(Dinâmicas socioespaciais produtivas e a especialização do território da produção econômica. Cooperativismo, economia solidária e associativismo: a questão do indivíduo, da coletividade, da ética e da solidariedade.)</p>	
--	---	--	--	--

PLANILHA DE APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

1º AO 3º ANO

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS 04 - Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

CATEGORIAS	COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC	HABILIDADES	OBJETO DE CONHECIMENTO	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
<p>Território e Fronteira/Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.</p>	<p>(EM13CHS401)GEO - Análise dos impactos que as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais operam não apenas no modo de produção, mas também nas relações e nas formas de trabalho e uso do território. Capaz de promover um debate sobre os aspectos positivos e os negativos das novas relações de trabalho considerando direitos e obrigações do trabalhador, jornada de trabalho, condições de trabalho, entre outros aspectos.</p> <p>(Taylorismo, Fordismo e Toyotismo; A Divisão internacional do trabalho; Revolução Técnica Científica Informacional; Relações de trabalho no mundo globalizado).</p> <p>(EM13CHS401)FIL – Expressar nos estudos da dimensão da ética da economia e do trabalho nas relações tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho.</p> <p>(O trabalho: características e história; Papeis do trabalho; O trabalho na história: pré-história, antiguidade, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea. Karl Marx, Aristóteles, Tomás de Aquino, Max Weber, Friedrich Hegel.)</p> <p>(EM13CHS401)HIS- . Reconhecimento das mudanças nas relações de trabalho ao longo do tempo: Pré-História, escravidão antiga, senhores e servos, aprendizes e mestres, escravidão moderna, o trabalhador livre, a nova organização do trabalho (taylorismo, fordismo), resistências dos trabalhadores (movimento operário, entre outros). Definições de relações de trabalho.</p> <p>(As mudanças nas formas de trabalho nos processos Históricos e</p>	<p>(TCT 01) Ciência e tecnologia;</p> <p>(TCT 02) Direitos da criança e do adolescente;</p> <p>(TCT 03) Diversidade Cultural;</p> <p>(TCT 05) Educação Ambiental;</p> <p>(TCT 06) Educação em Direitos Humanos;</p> <p>(TCT 10) Educação para o consumo;</p> <p>(TCT 11) Educação para o</p>

			<p>transformações ambientais, sociais, tecnológicas, econômicas e políticas).</p> <p>(EM13CHS401)SOC -Análise e compreensão das formas variadas de organização do trabalho, compreendendo a diversidade e as formas de desigualdades sociais nas sociedades capitalistas.</p> <p>População economicamente ativa, a transição demográfica e o envelhecimento. A precarização do trabalho no mundo globalizado: vínculos informais de trabalho, terceirização, empreendedorismo e multifuncionalidade. Trabalho: diferentes significados e sentidos. O ócio e o lazer no mundo do trabalho.</p>	<p>Trânsito;</p> <p>(TCT 12) Processo de Envelhecimento, respeito e valorização do Idoso;</p> <p>(TCT 13) Saúde;</p>
<p>Território e Fronteira/Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.</p>	<p>(EM13CHS402)GEO - Reflexão sobre as diversas formas de desigualdades existentes no mundo, como acesso a água potável, renda, educação, saúde, fome, entre várias outras e análise dos diferentes tipos de desemprego e de trabalho.</p> <p>(Desigualdade socioeconômica; Indicadores de emprego, trabalho e renda no Brasil (Pnad, IBGE e Ipea) e indicadores em países da Europa, Ásia, Oceania e África. Desemprego estrutural e conjuntural; Trabalho formal e informal).</p> <p>(EM13CHS402)FIL–Usar nos significados dos processos da realidade social inclusive nas questões relacionadas ao mundo do trabalho; políticas públicas de geração de emprego.</p> <p>(Trabalho alienado; Mercado de personalidades; Relação produção-consumo; Consumo e status; Neofitismo; Lazer alienado; Max Weber, Frederick Taylor, Max Horkheimer)</p> <p>(EM13CHS402)HIS - Análise das mudanças ocorridas no pensamento econômico e na política econômica dos países com a crise de 1929, a decadência do Estado de Bem- Estar Social, a consolidação do neoliberalismo e as mudanças ocorridas no mercado de trabalho desde o século XX.</p> <p>(Trabalho, emprego no contexto atual e as mudanças no mundo do trabalho, ocupação e subemprego.)</p>	<p>(TCT 14) Trabalho;</p>

			<p>(EM13CHS402)SOC – Analisar a dimensão econômica, considerando as transformações da sociedade pós-industrial, caminhando para uma economia de serviços, de produção flexível e de desemprego estrutural. Trata ainda da questão do salário e das desigualdades sociais.</p> <p>(Questões conceituais como trabalho, emprego, renda, estratificação e desigualdade socioeconômica. Indicadores de emprego, trabalho e renda no Brasil (Pnad, IBGE e Ipea). Trabalho e estratificação social no Brasil, na América Latina e em outros países do mundo. Distribuição de renda: conceito, aplicação e análise em diferentes escalas e lugares incluindo o Estado do Tocantins.)</p>
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.</p>	<p>(EM13CHS403)GEO - Compreensão do processo de reorganização produtiva e suas consequências para as relações de trabalho, relacionando a flexibilização, terceirização e precarização do trabalho além de reflexão sobre a precarização do trabalho no mundo globalizado e a fragilidade dos vínculos informais de trabalho.</p> <p>(A globalização: a produção de riquezas e pobreza, desigualdades socioeconômicas, os direitos trabalhistas na lógica dos países pobres e ricos.</p> <p>EM13CHS403)FIL – Escrever nas reflexões críticas sobre os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho para superação das desigualdades sociais e dos desrespeitos aos Direitos Humanos.</p> <p>(Direitos sociais e políticos, justiça social, Direitos humanos e trabalho. A linguagem e a cultura. Immanuel Kant, Ludwig Wittgenstein, Félix Guattari, Platão, Aristóteles.)</p> <p>(EM13CHS403)HIS - Sensibilização das questões relativas aos direitos ao trabalho no Brasil e no mundo: trabalho escravo, trabalho infantil, assédio moral e sexual, discriminação de gênero, raça, tráfico humano, entre outros temas.</p> <p>(Trabalho escravo na lógica Capitalista e a legislação de amparo ao</p>

			<p>trabalhador.)</p> <p>(EM13CHS403)SOC - Reflexão sobre o contexto das inovações tecnológicas, da reestruturação produtiva e das novas formas de gestão da mão de obra. Trata da flexibilização da produção e suas consequências para as formas precárias de contratação e de trabalho.</p> <p>(Questões conceituais sobre justiça socioespacial e Direitos Humanos: conjunto de direitos atribuídos ao ser humano independentemente das diferenças e desigualdades sociais e territoriais. Violações aos Direitos do Trabalho no Brasil e no mundo: temas como trabalho escravo, trabalho infantil, assédio moral e sexual, discriminação de gênero, raça e portadores de deficiência no local de trabalho, tráfico humano, entre outros. A globalização como perversidade: a produção de riquezas e pobreza, desigualdades socioeconômicas, os direitos trabalhistas na lógica dos países pobres e ricos. A precarização do trabalho no mundo globalizado neoliberal: vínculos informais de trabalho, direitos trabalhistas, tratamento degradante, terceirização, empreendedorismo, multifuncionalidade e trabalho domiciliar.)</p>	
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p>	<p>(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.</p>	<p>(EM13CHS404)GEO - Análise do envelhecimento da população frente a demanda por ocupação de postos de trabalho e a importância dos trabalhos e das profissões “invisíveis”, considerando sua função na comunidade e reflexão sobre o preconceito que sofrem, com vistas à tomada de consciência de empatia e respeito às pessoas.</p> <p>(A oferta de trabalho, emprego e o surgimento de novas profissões pelo Brasil, Mundo e a realidade do estado do Tocantins; População economicamente ativa).</p> <p>(EM13CHS404)FIL – Estabelecer relações entre as relações homem-mundo, formas de produção, limites impostos ao desenvolvimento da produção.</p> <p>(Liberalismo clássico; Liberalismo Inglês: o utilitarismo; Liberalismo Francês: Igualdade ou liberdade? Adam Smith, David Ricardo, Jeremy Bentham, John Stuart Mill, Alexis de Tocqueville.)</p>	

	<p>7-Argumentação</p> <p>8-Autoconhecimento e autocuidado</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>		<p>(EM13CHS404)HIS - Reconhecimento da diversidade e a complexidade de sociedade e culturas em diferentes tempos, destacando a situação dos excluídos e dominados: indígenas, mulheres, camponeses, escravos, miseráveis das cidades e do campo etc. (A juventude nos vários contextos Históricos e suas relações com o mundo do trabalho e questões ambientais).</p> <p>(EM13CHS404)SOC- Análise das diferentes visões a respeito do trabalho. Ela implica a reflexão sobre a sociedade capitalista industrial, o aumento da produtividade, a racionalização e o controle, bem como a ideologia do trabalho na atualidade, a redução de jornadas e o incentivo ao uso do tempo para o ócio e o lazer.</p> <p>(A precarização do trabalho no mundo globalizado: vínculos informais de trabalho, terceirização, empreendedorismo e multifuncionalidade. Trabalho: diferentes significados e sentidos. O ócio e o lazer no mundo do trabalho. Trabalhos “invisíveis”: domésticos, voluntários, imigrante, trabalho para consumopróprio(cultivo, pesca, caça, criação de animais, artesanato etc.). Profissões “invisíveis”: gari, faxineiro, sepultador, porteiro, catadores de lixo reciclável etc. Profissões ameaçadas pelo avanço das tecnologias e os impactos da nova configuração do trabalho para as gerações futuras.”)</p>	
--	---	--	---	--

PLANILHA DE APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

1º AO 3º ANO

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS 05 - Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

CATEGORIAS	COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC	HABILIDADES	OBJETO DE CONHECIMENTO	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética</p>	<p>1-Conhecimento 2-Pensamento científico, crítico e criativo 3-Repertório cultural 4-Comunicação 5-Cultura digital 6-Trabalho e projeto de vida 7-Argumentação 9-Empatia e cooperação 10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>EM13CHS501 Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.</p>	<p>(EM13CHS501)GEO - Análise do modo diversificado como se vivencia e se estrutura a dimensão ética da vida humana. (Ética e a responsabilidade ambiental).</p> <p>(EM13CHS501)FIL–Discutir processos históricos marcados pela ética; justiça social, igualdade e equidade em diferentes períodos históricos, valores democráticos e solidários; ética global e moral local. (O Iluminismo: características; O Empirismo e o Iluminismo; A Liberdade; Liberdade e Conhecimento; Liberdade e Política; Liberdade e Responsabilidade; Liberdade e Linguagem; Volter, Montesquieu, Kant, Rousseau, Aristóteles, Sartre, Nietzsche, Platão, Espinosa, - Habermas.)</p> <p>(EM13CHS501)HIS- Análise do processo de Redemocratização (1985 - 1988) e a construção do Estado democrático Brasileiro. (As constituições brasileiras desde o primeiro reinado até a construção da constituição cidadã de 1988 e suas emendas); Evolução da educação brasileira e a contribuição para uma sociedade democrática.)</p> <p>(EM13CHS501)SOC - Análise da construção sócio-histórica e arbitrária do comportamento humano, a partir das influências recebidas pela cultura e instituições. Trata das teorias da fundação da chamada sociedade civil, discutindo também, no âmbito das contribuições políticas, a relação entre moralidade e ação política. (Compreensão dos valores éticos, justiça social, solidariedade, igualdade e equidade em diferentes períodos históricos. Mecanismos</p>	<p>(TCT 01) Ciência e tecnologia;</p> <p>(TCT 02) Direitos da criança e do adolescente;</p> <p>(TCT 03) Diversidade Cultural;</p> <p>(TCT 05) Educação Ambiental;</p> <p>(TCT 06) Educação em Direitos Humanos;</p> <p>(TCT 09) Educação para valorização do</p>

			<p>de promoção e proteção de direitos: a construção da cidadania na história da humanidade e em diferentes lugares. A igualdade e o respeito à diversidade. Diferenças e desigualdades: preconceitos, discriminações e a questão da (in)tolerância. Ética global e moral local: o debate sobre o universalismo e o pluralismo ético.)</p>	<p>multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras;</p> <p>(TCT 10) Educação para o consumo;</p> <p>(TCT 11) Educação para o Trânsito;</p> <p>(TCT 12) Processo de Envelhecimento, respeito e valorização do Idoso;</p> <p>(TCT 13) Saúde;</p> <p>(TCT 14) Trabalho;</p>
<p>Tempo e Espaço/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1.Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>EM13CHS502 Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.</p>	<p>(EM13CHS502)GEO - Investigação sobre o uso do território na cidade e espaços que possuem melhores condições de infraestrutura e outros que não as possuem e problematizar porque algumas partes da cidade recebem as benfeitorias e em, outras partes, a população não tem acesso nem mesmo a coleta de lixo, tratamento de esgoto, água encanada e asfalto.</p> <p>(A segregação Socioespacial; A infraestrutura em determinados espaços da cidade).</p> <p>(EM13CHS502)FIL – Discutir a variedade de formas de vida e de expressões valorativas, diversidade cultural humana, possibilidade de afirmação ética, superação de preconceitos, mito da democracia racial e tipos de racismo.</p> <p>(A filosofia e o corpo; Platão: ideias e sentidos; Aristóteles: matéria e forma; Espinosa: corpo-mente; Novos conceitos na filosofia do corpo: sexo, gênero e sexualidade; Platão, Aristóteles, Espinosa, Maurice Merleau-Ponty Simone de Beauvoir)</p> <p>(EM13CHS502)HIS - Reflexão sobre o ser humano Histórico: vida cotidiana, estilos de vida, valores éticos e condutas na sociedade. O mito da democracia racial e as várias formas de preconceitos(racial, religioso, étnico) no decorrer da História da humanidade. Diálogo sobre como promover a alteridade , empatia e respeito entre as pessoas, grupos sociais, povos e culturas.</p> <p>(Contextos Históricos da 1ª e 2ª Guerra Mundial, que levou práticas desumanas e a negação de direitos fundamentais do ser humano descritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos: Liberdade, Solidariedade, igualdade e justiça.)</p> <p>(EM13CHS502)SOC - Análise da formação de normas e padrões sociais</p>	

			<p>e culturais e diferentes formas de manifestação de preconceitos variados contra grupos e indivíduos. Trata ainda do tema da laicidade do Estado e das manifestações de preconceito contra religiões ou grupos.</p> <p>(Mito da democracia racial e tipos de racismo: injúria racial, racismo institucional e racismo estrutural. Laicidade, pluralismo e intolerância religiosa. Preconceito e desigualdade de gênero. Sexualidade, identidade, orientação e expressão de gênero. Vulnerabilidade social, políticas públicas e planejamento. Segregação socioespacial, o uso do território e as condições de infraestrutura em determinados espaços da cidade.)</p>
<p>Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.</p>	<p>(EM13CHS503)GEO - Pesquisa sobre os fenômenos espaciais decorrentes de perseguições religiosas e políticas, como os fenômenos sociais da migração, pobreza, exclusão e vulnerabilidade social, comparando a condição socioeconômica, direitos políticos e religiosos.</p> <p>(Terrorismo e formas de repressão; Apartheid na África do Sul e a segregação étnico-racial nos EUA; Refugiados (de guerras, clima ou economia); Pobreza, exclusão e vulnerabilidade social)</p> <p>(EM13CHS503)FIL–Discutir as ações de regimes ditatoriais e totalitários, golpes de Estado, terrorismo e formas de repressão: física, psicológica e simbólica – em questões étnico-raciais, de gênero, sexo e religião.</p> <p>(Totalitarismo; Nazismo, Fascismo, Ditadura; Nietzsche, Hannah Arendt, Foucault, Deleuze e Guattari, Espinosa, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir, Antonio Gramsci.)</p> <p>(EM13CHS503)HIS - Discussão sobre como combater a violência e auxiliar no desenvolvimento da empatia, do diálogo e da cooperação, promovendo o respeito ao outro e aos direitos Humanos.</p> <p>(Os instrumentos de poder nos processos Históricos do mundo e do Brasil: modo de produção primitivo, escravismo, feudalismo, mercantilismo, capitalismo e socialismo, regimes ditatoriais e terrorismo; Violência no Trabalho: trabalho</p>

			<p>escravo;Violência doméstica ;Violência psicológica).</p> <p>(EM13CHS503)SOC - Análise da questão do Estado e das chamadas minorias simbólicas, a partir da temática da criação de padrões e as variadas formas e estratégias de dominação entre os subgrupos sociais. Trata-se de uma abordagem mais ampla do fenômeno da discriminação e das ações de grupos hegemônicos.</p> <p>(Ações de regimes ditatoriais e totalitários, golpes de Estado, terrorismo e formas de repressão. Apartheid na África do Sul e a segregação étnico-racial nos EUA. Ação, juízo, reflexão, violência e as relações com fenômenos sociais como migração, pobreza, exclusão e vulnerabilidade social. Diferentes violências – física, psicológica e simbólica – em questões étnico-raciais, de gênero, sexo e religião. Atlas da violência na representação cartográfica. Uso político, social e cultural da violência: campanhas políticas, propagandas ideológicas, redes sociais e uso político de fake news.)</p>	
<p>Tempo e Espaço/ Território e Fronteira/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p>	<p>EM13CHS504 Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.</p>	<p>(EM13CHS504)GEO - Reconhecimento da interdependência entre técnica, ciência e tecnologia na atualidade e os impactos sociais e transformações de costumes e valores nas sociedades em geral a partir das transformações técnico-científicas e avaliação de situações de insensibilidade e invisibilidade de grupos/pessoas, no que diz respeito ao acesso a resultados da produção científico-tecnológica.</p> <p>(A Nova Ordem Mundial; A Geopolítica das técnicas e tecnologia; A divisão internacional do Trabalho; Índice de Desenvolvimento Humano).</p> <p>EM13CHS504)FIL - Expressar-se de forma crítica na ciência e na tecnologia, na produção e mudança de costumes, na ética e moral-coletiva do dever à lógica dos prazeres, utilidade e interesses individuais</p> <p>(A Experiência do Sagrado; Helenismo, Epicurismo e Estoicismo;Epicuro, Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Espinosa, Kant.)</p>	

	<p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>		<p>EM13CHS504)HIS- Investigação sobre as revoluções científicas, suas consequências culturais e usos econômicos, políticos e tecnológicas.</p> <p>(A Democracia Republicana no Brasil, seus desafios, conflitos edesdobramentos que marcaram o final do século XX e início do século XXI: Consumismo, epidemias, redes sociais, transtornos emocionais, fakes news, Fundamentalismo, politização, entre outros)</p> <p>(EM13CHS504)SOC-Análise das transformações recentes e efeitos das inovações tecnológicas. Dialoga com perspectivas contemporâneas paradiscutir questões morais sobre valores como confiança, responsabilidade, solidariedade etc.</p> <p>(A questão da técnica, tecnologia e ciências e a cultura tecnológica. Transformações sociais: da ética moral-coletiva do dever à lógica dos prazeres, utilidade e interesses individuais.)</p>	
--	---	--	--	--

1º AO 3º ANO

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS 06 - Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

CATEGORIAS	COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC	HABILIDADES	OBJETO DE CONHECIMENTO	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>6-Trabalho e projeto de vida</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.</p>	<p>(EM13CHS601)GEO - Reflexão sobre a desigualdade no acesso a diferentes tipos de direitos e as questões territoriais e identitárias dos grupos indígenas e afrodescendentes, com comparação de dados socioeconômicos da população brasileira e latino-americana e reconhecimento da fragilidade social de alguns grupos em espaços urbanos e rurais. (Território e identidade: a territorialização de grupos indígenas e afrodescendentes).</p> <p>(EM13CHS601)FIL – Construir as questões de políticas sociais no combate à desigualdade e exclusão dos indivíduos na ordem econômica atual. (Desigualdade, exclusão e direitos: os distintos aspectos da sociabilidade, no passado e atualmente; Voltaire, Montesquieu, Kant, Rousseau.)</p> <p>(EM13CHS601)HIS – Discussão sobre os impactos da conquista e ocupação da América para os povos indígenas, o tráfico de escravizados e tutela dos povos indígenas, a violência sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas. (O papel dos movimentos sociais na luta pela redução das desigualdades étnico-raciais e equidade social no Brasil; Legislação de amparo aos povos indígenas e afrodescendentes; Comunidades tradicionais do Tocantins.)</p> <p>(EM13CHS601)SOC– Análise das políticas institucionais de embranquecimento da população no Brasil e na América Latina; o</p>	<p>(TCT 01) Ciência e tecnologia;</p> <p>(TCT 02) Direitos da criança e do adolescente;</p> <p>(TCT 03) Diversidade Cultural;</p> <p>(TCT 05) Educação Ambiental;</p> <p>(TCT 06) Educação em Direitos Humanos;</p> <p>(TCT 09) Educação para valorização do multiculturalismo nas</p>

			<p>processo de constituição da República e a política de direitos; e a redistribuição de renda e diminuição da desigualdade social no Brasil.</p> <p>(Diáspora africana e seus efeitos na formação das sociedades latino-americanas. Populações indígenas no Brasil: colonização, escravidão, políticas de embranquecimento e terras indígenas. Desigualdade, exclusão e direitos: os distintos aspectos da sociabilidade e da cidadania. Território e identidade: a territorialização de grupos indígenas e afrodescendentes. Equidade social: políticas redistributivas, ações afirmativas e políticas de cotas sociais.</p>	<p>matrizes históricas e culturais brasileiras;</p> <p>(TCT 10) Educação para o consumo;</p> <p>(TCT 11) Educação para o Trânsito;</p>
<p>Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.</p>	<p>(EM13CHS602)GEO - Investigação das questões territoriais fronteiriças na América Latina para compreensão de divergências políticas, históricas e geográficas que envolvem países latino-americanos.</p> <p>(Países do Continente Americano; América Latina e América Anglo-Saxônica).</p> <p>EM13CHS602)FIL – Apresentar argumentação crítica sobre conceitos e valores da política, do Estado e da ética nos espaços públicos e privados.</p> <p>(Surgimento da Democracia, A democracia como ideologia, A sociedade democrática, A criação de direitos, Obstáculos à democracia, Desafios da democracia contemporânea: representação política, comunicação em rede. Dificuldades para a democracia no Brasil: Marilena Chauí; Jacques Rancière; Pierre Lévy.)</p> <p>(EM13CHS602)HIS – Reconhecimento de regimes autoritários no contexto conjuntural do Brasil: patriarcalismo, coronelismo, clientelismo e populismo; militarismo; elementos fortemente presentes na formação da sociedade brasileira.</p> <p>(Períodos ditatoriais e democráticos no Brasil e na América Latina no século XX: Era Vargas, Populismo, Ditadura Militar no Brasil e na América Latina.)</p>	<p>(TCT 12) Processo de Envelhecimento, respeito e valorização do Idoso;</p> <p>(TCT 13) Saúde;</p> <p>(TCT 14) Trabalho;</p> <p>(TCT 15) Vida familiar e social.</p>

			<p>(EM13CHS602)SOC – Análise e compreensão da relação entre público e privado, a utilização do poder político para fins individuais com privilégios a grupos ou classes sociais, o papel e a atuação política em respeito à lei e à democracia, a função dos partidos políticos e dos órgãos do poder político e a relação entre a sociedade e o Estado.</p> <p>(Paternalismo, autoritarismo e populismo: conceituação, origens e características no Brasil e na América Latina. O patriarcalismo, o coronelismo e o clientelismo na formação da sociedade brasileira. Política, poder e Estado: ordem político-social, instituições e funcionamento das regulações e leis, em contexto histórico e filosófico. Populismo, clientelismo e instituições político-partidárias: oassistencialismo e a cidadania negada.)</p>
<p>Território e Fronteira/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p> <p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p> <p>8-Autoconhecimento o e autocuidado</p> <p>9-Empatia e cooperação</p>	<p>EM13CHS603 Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).</p>	<p>(EM13CHS603)GEO - Comparação entre os diferentes conflitos territoriais buscando identificar as possibilidades e limites dos Estados Nacionais diante da diversidade sociocultural dos grupos que os constituem.</p> <p>(Estado e território nacional; O Brasil e os três poderes; Sistemas de Governo: Monárquicos, Ditatoriais, Democráticos, Teocráticos e o Parlamentarismo).</p> <p>(EM13CHS603)FIL – Discutir as diferentes perspectivas de poder, política, Estado e governo na pluralidade da realidade social para compreensão das experiências políticas e de exercício da cidadania nos países, povos e nações.</p> <p>(Poder e autoridade. Microfísica do poder: a teoria do soma zero, transmissão em rede. O pensamento político grego. Platão: o governo dos filósofos. O príncipe e as artes de governo. Um discurso contra a opressão;Aristóteles: o bem comum. Transformações no pensamento político;Michel Foucault, Platão, Aristóteles, Nicolau Maquiavel, Étienne de La Boétie.)</p> <p>(EM13CHS603)HIS - Investigação sobre a formação do Estado na Antiguidade, as monarquias e os diferentes absolutismos, o Estado liberal burguês, o Estado Moderno, o Estado de Bem-Estar Social e o</p>

	<p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>		<p>neoliberalismo, o Estado autoritário na América Latina e as democracias contemporâneas. (Origem e Formação do Estado Moderno, formas de poder político, Revoluções políticas, Independências nas Américas e epidemias.)</p> <p>(EM13CHS603)SOC - Análise e compreensão sobre Ciência Política acerca da disputa, conquista e organização da administração do poder político, abordando as relações estabelecidas internamente entre os diferentes órgãos do poder com o conjunto da população. (Os sentidos histórico-filosóficos de poder, política, Estado e governo. Formas de governo: república, monarquia e anarquismo. Regimes de governo: democrático, autoritário e totalitário; e sistemas de governo: presidencialismo e parlamentarismo. Doutrinas políticas: liberalismo, neoliberalismo, socialismo, comunismo, anarquismo, social democracia, conservadorismo e progressismo. Soberania nacional e a esfera pública e privada.)</p>	
<p>Território e Fronteira/ Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/ Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento 2-Pensamento científico, crítico e criativo 3-Repertório cultural 4-Comunicação 5-Cultura digital 9-Empatia e cooperação 10-Responsabilidade e</p>	<p>EM13CHS604 Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.</p>	<p>(EM13CHS604)GEO - Análise da ação da ONU frente aos conflitos na Síria, Líbia e Egito, o crescimento de refugiados no mundo, o papel dos organismos internacionais frente às condições de trabalho em países emergentes e as relações geopolíticas mundiais e compreensão das relações comerciais e de produção dos setores econômicos e o papel de regulação dos organismos internacionais com destaque para a OMC, OIT e FAO. (Os Blocos Econômicos; A função e as formas de atuação de organismos internacionais: ONU, FMI, Conselho de Segurança, OMC, OIT, OMS, UNESCO).</p> <p>(EM13CHS604)FIL – Discutir as Teorias sobre a criação do Estado com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites, considerando os aspectos positivos e negativos de suas atuações em meio aos organismos internacionais. Estado de natureza e sociedade. Direito à propriedade. O contrato social como expressão da vontade geral. O socialismo, o comunismo e a superação do Estado. O anarquismo. (Thomas Hobbes; John Locke; Montesquieu; Jean Jacques</p>	

	<p>cidadania.</p>		<p>Rousseau; Karl Marx; Frederic Engels; Pierre-joseph; Proudhon; Mikchail Bakunin)</p> <p>(EM13CHS604)HIS - Discussão sobre a atuação dos organismos internacionais no contexto da Guerra Fria, nas ações da OTAN sobre o Iraque (2003), a Líbia (2011) e a Síria (2013), refugiados pelo mundo e questão da pandemia no contexto mundial e no Brasil.</p> <p>(A ONU e seu papel fundamental no restabelecimento do Estado de Israel e sua importância na pacificação de conflitos mundiais, a participação do Brasil em missões de paz; OMS e as epidemias)</p> <p>(EM13CHS604)SOC - Análise das relações entre Estados e organismos internacionais, investigando as negociações entre os Estados, os problemas relativos as fronteiras, os acordos firmados para mediar conflitos e a questão dos organismos internacionais e a globalização após o Tratado de Vestfália.</p> <p>(A função e as formas de atuação de organismos internacionais: ONU, FMI, Conselho de Segurança, OMC, OIT, OMS, UNESCO. A relação dos organismos internacionais e os blocos de integração econômica mundiais. Estados Nacionais e governança global: dos aspectos filosóficos e históricos até a conjuntura atual. Os tratados internacionais, o Sistema de Vestfália e seus limites na forma de atuação. A economia globalizada a partir das ações de organismos internacionais como FMI, OMC e Banco Mundial.)</p>	
<p>Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p>	<p>EM13CHS605 Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades</p>	<p>(EM13CHS605)GEO - Reflexão sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e à violação dos Direitos Humanos básicos e à vulnerabilidade territorial e social, como acesso à educação, condições dignas de moradia, falta de acesso a saúde e violência física e psicológica, em diferentes lugares.</p> <p>(Direitos Humanos do Brasil; A Violação Dos Direitos Humanos).</p> <p>(EM13CHS605)FIL – Utilizar os princípios de justiça, igualdade, fraternidade, liberdade e direitos a partir do enfoque da cidadania e do direito do ser humano de ser reconhecido como pessoa em qualquer</p>	

	<p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p> <p>8-Autoconhecimento e autocuidado</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.</p>	<p>lugar.</p> <p>(O ser humano. Humano e outros animais. Condutas inatas e aprendidas. Corpo e alma. Natureza humana versus condição humana. As raízes do existencialismo. Nietzsche: revalorização do real. Heidegger: em busca da essência. Sartre: a gratuidade da existência;Aristóteles, Hannah Arendt, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre, Immanuel Kant, Voltaire.)</p> <p>(EM13CHS605)HIS - Análise de situações de violação dos direitos humanos, como o regime de apartheid na África do Sul, as leis segregacionistas dos EUA e as violações dos Direitos Humanos praticadas pelas ditaduras em diferentes lugares do mundo. (Revolução Francesa e a declaração dos direitos do homem e do cidadão, Declaração Universal dos Direitos Humanos. O protagonismo das Mulheres na conquista de seus direitos.)</p> <p>(EM13CHS605)SOC- Análise do tema dos Direitos Humanos, do enfrentamento das desigualdades sociais e da promoção do protagonismo juvenil. (As questões relativas aos Direitos Humanos e a desigualdade social e territorial. Os princípios de justiça, igualdade, fraternidade e liberdade a partir do enfoque dos Direitos Humanos sobre a saúde, educação, trabalho e vida digna. A questão da cidadania e o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.)</p>	
<p>Tempo e Espaço/Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética/Política e Trabalho</p>	<p>1-Conhecimento</p> <p>2-Pensamento científico, crítico e criativo</p> <p>3-Repertório cultural</p> <p>4-Comunicação</p>	<p>EM13CHS606 Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais</p>	<p>(EM13CHS606)GEO- Reconhecimento das causas socioespaciais que contribuem para as situações de desigualdade e contradições intra e entre regiões brasileiras e as necessidades de cada região do Brasil, considerando diferentes extratos da população – crianças, jovens, adultos e idosos além de análise e comparação de diferentes indicadores que caracterizam a sociedade brasileira, como população, educação, trabalho e rendimento. (A desigualdade social no Brasil e os indicadores de emprego, trabalho e renda (Pnad, IBGE e Ipea); As condições de geração de renda, sobretudo da população jovem, diante das atuais configurações de trabalho, emprego e empreendedorismo).</p>	

	<p>5-Cultura digital</p> <p>7-Argumentação</p> <p>8-Autoconhecimento e autocuidado</p> <p>9-Empatia e cooperação</p> <p>10-Responsabilidade e cidadania.</p>	<p>próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.</p>	<p>(EM13CHS606)FIL – Utilizar os estudos da psicologia humana à realidade socioeconômica da sociedade brasileira para enfrentar os problemas identificados na existência emocional humana e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva valorizando os protagonismos de seus cidadãos.</p> <p>(Psicologia comportamental. Autoconhecimento: teoria dos temperamentos. Freud: fundador da psicanálise. As três instâncias do aparelho psíquico. Associação livre. Neurose e psicose. Neurociência. Sigmund Freud, John B. Watson, Skinner, Ivan Pavlov.)</p> <p>(EM13CHS606)HIS- Reconhecimento do ser humano como um ser Histórico, sujeito construtor da sua própria História, ancorado em sua realidade e nos conhecimentos historicamente construídos. Construção de linhas de tempo de suas próprias memórias e História local.</p> <p>(História local, tempo e identidade: Memórias, origens e projeto de vida; empreendedorismo; O papel do Historiador; fontes históricas.)</p> <p>(EM13CHS606)SOC - Análise dos recentes movimentos sociais no Brasil e no mundo, destacando o protagonismo juvenil.</p> <p>(Políticas públicas de geração de emprego e renda no Brasil em diferentes escalas regionais: Norte, Nordeste, Sudeste, Centro Oeste e Sul. As condições de geração de renda, sobretudo da população jovem, diante das atuais configurações de trabalho, emprego e empreendedorismo.)</p>	
--	---	---	---	--